UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

MIRTA GROPPI

PRONOMES PESSOAIS NO PORTUGUÊS DO BRASIL E NO ESPANHOL DO URUGUAI

Tese de doutoramento apresentada ao Depto. de Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientador: PROF. DR. ATALIBA C. DE CASTILHO

SÃO PAULO
1997

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

PRONOMES PESSOAIS NO PORTUGUÊS DO BRASIL E NO ESPANHOL DO URUGUAI

MIRTA GROPPI

ERRATA

INTRODUÇÃO : "bibliografia"
página 4 : ver anexo
" 13 : "provêm"
" 14 : "considerados"
" 14 Nota 5: V.:Cap III, 3.2.5.:36.
" 15 " 8: "deveria(m) ser examinada(s)."
" 16 " 9: "A possibilidade"
" 25 : "Kayne"
" 28 : "possibilidade"
" 38 " 8: "apontam"
" 41 : " ... e que **é**, para este autor"
" 48 : "para todas as línguas romances, a regra de apagamento seria"
" 57 : "não existem os níveis de estrutura-S e estrutura-D. Também"
" 62 : "1) objeto direto com duplicação **com** preposição:"
" 75 " 3: "O grupo A de verbos no trabalho citado (Scher, 1996), está constituído por verbos que, no espanhol, não são construidos com dativo: atender ao pedido, obedecer ao regulamento, etc."

" 80: 4.113.)

a) até hoje eu tenho me divertido bastante (DID SP 30)
b) só me dá satisfação essa minha filha... e espero que continue me dando... (DID SP 111)
c) deve sempre se esperar (...) deve se esperar um pouco para secar ... aquilo... (DID SP 30)
d) vão me chamar de ignorante... (DID SP 161)

" 133 : "b. A mim, o João entregou a carta **[e]** "
" 134 : "É possível observar que, numa sentença como 5.41.) g., a frase com "a" é focalizada. A sentença é gramatical porque não há outro elemento capaz de representar o OI do verbo."
" 136 " 29: Kayne (1989) (apud Sportische, op. cit.) "Facets of Romance Past Participle Agreement" em P. Benincà (ed.) **Dialect Variation and the Theory of Grammar**. Foris: Dordrecht.
" 145 :"Las mujeres "
" 147 : "a flexão, no espanhol, equivale a um verdadeiro pronome. Se a hipótese for válida, obteriamos, como foi dito antes, uma generalização maior em relação ao contraste representado pelas quatro sentenças acima: os pronomes lexicais no espanhol, sejam eles fortes ou não, podem aparecer co-indexados com elementos referenciais, enquanto que categorias vazias que representam objetos só podem estar ligadas com elementos não referenciais."
" 146 :"esse elemento já pode atuar na checagem de Caso. Isso porque o movimento sendo dirigido por *Last Resort*, ocorre por necessidade de checagem. Porém, como foi dito, esse não é o caso do movimento do V até *v*.
:"espanhol"
BIBLIOGRAFIA : ver anexo

1.1.)

a. ... acho que **teatro** é uma coisa que todo mundo... mais cedo ou mais tarde na vida devia de **fazer** ∅ (DID SP 161)

b . ... en un hotel donde nos hospedamos una noche... en el menú había **sopa de cola de canguro** ... parece que **toman** ∅... que hacen sopa con la cola del canguro... unos compañeros míos **comieron** ∅... yo realmente soy reacio a la sopa en cualquier parte del mundo (...) (C9 I.87)

Os exemplos acima mostram ocorrências de objetos nulos nas duas línguas. Porém, nem sempre podemos achar no EU o tipo de objeto nulo que é possível no PB, como a tradução do seguinte exemplo mostra:

1.2.)

a. ... então vamos supor um::um espetáculo como 'Hair' como:: 'Jesus Cristo Superstar'...éh:: tem muita gente que vai assistir e **não gosta** ∅ **detesta...detesta** ∅ mas sai do teatro falando bem da peça... porque ele fala poxa se eu vou contar pra todo mundo que eu **não gostei** ∅ (...) vão me chamar de ignorante... porque no mundo inteiro fez sucesso todo mundo **vai assitir** ∅ todo mundo **entende** ∅ todo mundo **gosta** ∅ então vou dizer que **gosto** também que **entendi** ∅ que eu **acho** ∅ **maravilhoso** que eu **acho** ∅ **espetacular** ... (DID SP 161)

b. un espectáculo como 'Hair' ... en el mundo entero tiene éxito... *todo el mundo **va a ver** ∅ ... *todo el mundo **entiende** ∅ ... *entonces voy a decir que yo también **entendí** ∅ ... *que **encuentro** ∅ maravilloso...

c. un espectáculo como 'Hair' ... en el mundo entero tiene éxito... todo el mundo va a ver**lo** ... todo el mundo **lo entiende** ... entonces voy a decir que yo también **lo entendí** ... que **lo encuentro** maravilloso...

Como a tradução mostra (1.2.b. e c.), no espanhol é necessário empregar o clítico na representação desses objetos diretos.

No próximo segmento de inquérito, pertencente também ao projeto NURC de São Paulo, foi salientado o emprego dos pronomes na posição de sujeito e foram marcados os lugares de objetos nulos. Os pronomes que aparecem em

posição de sujeitos, são pronomes de primeira pessoa que aparecem junto de formas verbais com capacidade de apontar de maneira indubitável para a primeira pessoa. Aparece, porém, um sujeito nulo de terceira pessoa. A presença ou ausência de sujeito lexicalmente preenchido poderia corresponder a escolhas comunicativas. Porém, parece não ser sempre uma escolha completamente livre:

> 1.3.) ...quando **eu** pude...o primeiro dinheiro que sobrou...lá em Araraquara **eu** comprei esses vinte alqueires... mas **[e]** é um latifúndio... **eu** perco ∅ de vista... **eu** não consigo enxergar ∅ de ponta a ponta...((risos)) (DID SP 30)

1.4.)

a . ... **[e] lo** pierdo de vista... **[e]** no consigo ver**lo** de punta a punta...

b . ? ... yo lo pierdo de vista ... yo no consigo verlo de punta a punta...

c . * yo pierdo de vista ∅ ... yo no consigo ver ∅ de punta a punta...

A diferença entre b) e c) é que, enquanto não é possível recuperar a referência do objeto em c), em b) o preenchimento do sujeito é gramatical mas aparece "estranho" nessas predicações onde não parece natural uma focalização na primeira pessoa.

Ainda em relação ao preenchimento do sujeito, podemos observar a diferença no emprego dos pronomes nas duas línguas em exemplos como estes:

1.5.)

a. ... a terra tem que dar permissão para que o trator entre... primeiro com o arado ...se **ela** tem tocos ... ou se **ela** tem pedras... ou se **ela** tem... aqueles montes de... aqueles formigueiros ou ... (DID SP 30)

b. * La tierra tiene que (...) si **ella** tiene raíces, si **ella** tiene piedras o (...)

O exemplo em espanhol parece mostrar novamente a preferência pelo não preenchimento da posição do sujeito em contraste com o PB. Porém os fatos podem não ser, na verdade, tão simples. Enquanto em a 1.4.), se as condições

BIBLIOGRAFIA

Alarcos Llorach, E. (1994) *Gramática de la Lengua Española*. Espasa Calpe. Madrid.

Aoun, J. Clitic-Doubled Arguments. A sair em K. Johnson and I. Roberts (eds.).

Barrenenchea. A. M. e T. Orecchia (1970) La duplicación de objetos directos e indirectos en el español hablado en Buenos Aires. *Romance Philology XXIV Nº1.*

Baker, M. (1996) *The Polysinthesis Parameter.* Oxford University Press. New York.

Borer, H. (1984) *Parametric Syntax.* Foris. Dordrecht.

Borer, H. e Grodzinsky, Y. (1986) Hebrew Dative Clitics Em Borer (ed) *Syntax and Semantics 19*:175-219.

Callou, D. et al. (1993) Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosodia. Em A. T. de Castilho (org.) *Gramática do Português Falado III. Ed. da Unicamp. Campinas.*

Cano, R. (1987) *Estructuras sintácticas transitivas en el español actual.* Gredos. Madrid.

Caviglia, S. , Groppi, M. Malcuori, M. (1993) Estructuras tópico-comentario en español. Em *Atas do IX Congresso da ALFAL.* UNICAMP. Campinas.

Chomsky, N. (1977) On WH-Movement. Em P. Culicover, T. Wasow, A. Akmajian (eds.) *Formal Syntax.* Academic Press. New York.

(1995) *The Minimalist Program.* The MIT Press. Cambridge.

Cinque, G. (1990) *Types of A'-Dependencies.* The MIT Press. Cambridge.

Cordin, P. e A. Calabrese (1991) I pronomi personali. Em L. Renzi (org.) *Grande Grammatica italiana di consultazione.* Il Mulino. Bologna.

Diesing, M. (1992) *Indefinites.* The MIT Press. Cambridge.

Dillinger, M. , Duarte, M.E. (1995) A perda do principio "Evite Pronome" no português brasileiro. Tese de doutorado. UNICAMP.

Elizaincín, A. e B. Laca (1985) La duplicidad de objetos como problema del discurso. *Anuario de Lingüística Hispánica V 1*: 37-47.

Enç, M. (1991) The Semantics of Specificity. *Linguistic Inquiry V 22 Nº1*:1-25.

Fernández Soriano, O. (1988) Tematización, dislocación y focalización en castellano. En C. Martín Vide (ed.) *Lenguajes naturales y lenguajes formales IV.2. Actas del IV Congreso de Lenguajes Naturales y Lenguajes Formales.* Universitat de Barcelona.

Figueiredo Silva, M.C. A perda do marcador Dativo no PB e algumas das suas conseqüências. Ms.

Galves, Ch. (1997) La syntaxe pronominale du portugais brésilien et la typologie des pronoms. A sair em: Anne Zribi-Hertz (org.) *Les pronoms.* Presses Universitaires de Vincennes.

Galves, Ch. et al. (1996) Padrões de complementação no português falado. Em M. Kato (org.) *Gramática do Português Falado V.* Unicamp. Campinas.

Galves, Ch. e M.B. Abaurre (1996) Os clíticos no português brasileiro: elementos par uma abordagem sintático -fonológica. Em A. T. de Castilho e M. Basilio (orgs.) *Gramática do Português Falado IV. Ed. da Unicamp. Campinas.*

Hurtado, A. (1985) The Unagreement Hypothesis. Em L. King and C. Maley (eds.) *Selected Papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages.* Benjamins. Amsterdam.

Iatridou, S.	(1990)	About Agro(P). *Linguistic Inquiry, V. 21 N4:* 551-577.
Ilari, R.	(1992)	*Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*. Ed. da Unicamp. Campinas.
Ilari, R., Franchi, C. e M. H.M. Neves	(1996)	Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. Em Em A. T. de Castilho e M. Basilio (orgs.) *Gramática do Português Falado IV. Ed. da Unicamp. Campinas.*
Jaeggli, O.	(1982)	*Topics in Romance Syntax*. Foris. Dordrecht.
	(1986)	Three Issues in the Theroy of Clitics: Case, Doubled NPs, and Extraction. Em *Syntax and Semantics 19:*15-42.
Jaeggli, O. , K. Safir	(1989)	*The Null Subject Parameter*. Kluwer. Dordrecht.
Kayne, R.	(1975)	*French Syntax: The Transformational Cycle*. The MIT Press. Cambridge.
	(1984)	*Connectedness and Binary Branching*. Foris. Dordrecht.
	{1993}	The Antisymmetry of Syntax. Ms. CUNY.
Kato, M.	(1994)	A Theory of Null Objects and the Development of a Brazilian Child Grammar. Em R. Tracy and E. Lattey (eds.) *How Tolerant Is Universal Grammar?* M. Niemeyer Verlag. Tübingen.
Kato, M., M. do Nascimento, et al.	(1996)	Padrões de predicação no português falado no Brasil. Em M. Kato (org.) *Gramática do Português Falado V. Ed. da Unicamp. Campinas.*
Lambrecht, K.	(1981)	*Topic, Antitopic and Verb Agreement in Non-Standard French*. John Benjamins. Amsterdam.
Lois, X.	(1982)	Sur L'Accusatif Prepositionnel. Mémoire de Maîtrise. Département de Linguistique Générale. Université de Paris VIII.
	(1989)	Aspects de la syntaxe de l'espagnol et théorie de la grammaire. Département de Linguistique Générale. Thèse de doctorat. Université de Paris VIII.
Longobardi, G.	(1994)	Reference and Proper Names: A Theory of N-Movement in Syntax and Logical Form. *Linguistic Inquiry V 25 N°4:*79-123.
Negrão, E. Vailati	(1996)	Asymmetries in the distribution of overt pronouns and empty categories in Brazilian Portuguese. Ms. Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.
Negrão, E. Vailati e A. Müller	(1996)	As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas? *DELTA v 12 N°1.*
Nunes, J.	(1995)	The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program. Doctoral Dissertation. University of Maryland.
Ramos, J.	(1989)	O emprego das preposições no português do Brasil. Em F. Tarallo (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Pontes. Campinas.
Rizzi, L.	(1982)	*Issues in Italian Syntax*. Foris. Dordrecht.
	{1995}	The Fine Structure of the Left Periphery. Ms. Université de Genève.
Scher, A. P.	(1996)	As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
Silva-Corvalán, C.	(1989)	*Sociolingüística*. Alhambra. Madrid.
Sportische, D.	{1992}	Clitic Constructions. Ms. UCLA.
Suñer, M.	(1988)	The role of Agreement in Clitic-Doubled Constructions. *Natural Language and Linguistic Theory 6.*
	(1991)	Two Properties of Clitics in Clitic-Doubled Constructions. Em J. Huang and R. May (eds) *Logical Structure and Linguistic Structures. Cross-Linguistic Perspectives*. Kluwe. Dordrecht.
Uriagereka, J.	(1995)	Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance. *Linguistic Inquiry V 26 N° 1:* 79-123.

RESUMO

O trabalho procura conhecer melhor a gramática do português falado no Brasil através do contraste com o espanhol falado no Uruguai. Os dados mostram que onde o PB apresenta o sujeito preenchido, o EU prefere o sujeito nulo, e onde o objeto aparece nulo no PB, o EU prefere o clítico. Enquanto que o PB parece ter evoluído no sentido da perda de certos clíticos, o espanhol falado no Rio da Prata é tido como aquele dialeto com maiores possibilidades no uso da duplicação de clíticos. Esses fatos são conhecidos, mas qual a generalização adequada? O que esses fenômenos revelam sobre as gramáticas dessas línguas?

Este trabalho examina diferenças e semelhanças no uso dos pronomes, especificamente, no uso do clíticos, dirigido pela idéia de que os pronomes clíticos são reveladores de outros fenômenos sintáticos e morfológicos.

Na análise sintática aqui proposta, os clíticos são considerados como elementos de natureza D, inseridos, na derivação, no lugar do argumento do verbo, e que se movimentam em adjunção a uma categoria funcional. Os sintagmas duplicadores são considerados adjuntos, e sua ocorrência dirigida por razões discursivas.

ABSTRACT

The present work attempts to approach more deeply the grammar of the Portuguese spoken in Brazil (PB) throughout the contrast with the Spanish spoken in Uruguay (EU). Data show that where the PB presents a overt subject, the EU preffers a null one, and where the object is null in the PB, the EU favors the clitic. Whereas the PB seems to have evolved to lose some clitics, the Spanish spoken in "Rio da Prata" is taken as a dialect with greater possibilities in the use of clitics.

This work examines differences and similitudes in the use of pronouns, specifically clitics, driven through the idea that the clitic pronoun is a revealing agent of others syntactic and morphological phenomena.

At the syntactic analysis proposed here, the clitic is considered a D element, inserted in the derivation as an argument of the verb, and that moves in adjunction to a functional category. The doubling phrases are considered adjuncts, and its occurence, guided by discourse reasons.

"... que la distancia de las moradas no despega el querer de los coraçones."

Celestina

(*La Celestina*. Fernando de Rojas)

Para Ruy

AGRADECIMIENTOS

O Brasil fez possível, de várias maneiras, que eu concluísse este período de formação profissional: me deu um lugar institucional na Universidade de São Paulo; um âmbito de trabalho na própria USP e na UNICAMP; o guia de um Professor Orientador e muitos outros que mostraram com entusiasmo o caminho; a ajuda constante da troca com os colegas, e, o apoio do CNPq, sem o qual não poderia ter ficado esse tempo dedicada a esta tarefa.

Minha família veio se somar ao esforço, colocando o amor e a amizade além da saudade.

A todos, sempre obrigada.

São Paulo, junho, 1997.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 0

CAPÍTULO I: Algumas características do PB

1.0. introdução 1
1.1. preenchimento das posições de sujeito e objeto 3
1.2. a questão do objeto nulo 8
1.3. os clíticos: uma base para a análise contrastiva 10

CAPÍTULO II: A metodologia

2.0. introdução 11
2.1. o corpus 13
2.2. o corpus: os elementos considerados 14

CAPÍTULO III: Os problemas

3.0. O P.B 19
3.1. trabalhos recentes 20
3.2. O EU 29

CAPÍTULO IV: O corpus

4.0. introdução 58
4.1. o corpus do PB 59
4.1.0. preenchimento do objeto 59
4.1.1. clítico acusativo 60
4.1.2. clítico dativo 60
4.1.3. pronome *ele* acusativo 61
4.1.4. pronome pessoal antecedido de preposição 61
4.1.5. objetos nulos 62
4.2. o corpus do EU 65
4.2.0. preenchimento do objeto 65
4.2.1. clítico acusativo 66
4.2.2. clítico dativo 67
4.2.3. duplicações 68
4.2.4. objetos nulos 72
4.3. observações 73
4.3.1. algumas observações sobre os objetos indiretos 73
4.3.2. subida de clíticos *(clitic climbing)* 79
4.4. os pronomes nos dois corpora 81
4.4.0. as duplicações 81
4.4.1. o contraste das ocorrências 87
4.4.2. focalizações 91
4.5. resumo 94

CAPÍTULO V: a análise

5.0. introdução 97
5.1. a análise da sentença com clítico 98
5.1.1. alguns aspectos da teoria 98
5.1.2. os pronomes clíticos na derivação 102
5.1.3. o movimento dos pronomes 108
5.1.4. resumo 113
5.2. a frase duplicadora 115
5.2.0. a frase duplicadora como adjunto 115
5.2.1. a frase duplicadora à esquerda 119
5.3. os pronomes 127
5.3.0. introdução 127
5.3.1. o clítico e os pronomes fortes 127
5.3.2. os pronomes na análise contrastiva 130
5.4. adjuntos sem cabeça 134
5.5. clitic climbing 135
5.6. preenchimento do sujeito 144

CONCLUSÕES 149

BIBLIOGRAFIA 151

INTRODUÇÃO

Os pronomes e a flexão têm aparecido como os lugares da gramática em que o PB manifesta suas peculiaridades quando comparado com outras línguas românicas. Sendo assim, no presente trabalho me propus uma aproximação à gramática do português falado no Brasil empregando o contraste com o espanhol falado no Uruguai.

O primeiro e o terceiro capítulos apresentam fenômenos que caracterizam o PB como colocados na bilbiografia sobre o tema, ao mesmo tempo que se oferecem exemplos para ilustrar o contraste entre as duas línguas.

O terceiro capítulo contém também uma breve descrição do sistema pronominal do EU.

O capítulo segundo refere ao corpus utilizado. O trabalho aproveita dois corpora já existentes e constituídos por inquéritos dirigidos por um mesmo critério metodológico.

O capítulo quarto expõe ocorrências de pronomes dos dois corpora relacionados com os fenômenos que interessam de maneira especial para a análise contrastiva: sentenças com pronomes como objetos diretos e indiretos, duplicações à esquerda da sentença, duplicações à direita, objetos nulos, focalizações.

O capítulo quinto contém uma proposta de análise sintática para as sentenças com clítico, com pronomes fracos e com pronomes antecedidos de preposição, nas duas línguas.

CAPÍTULO I: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO PB

1.0. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, vários trabalhos coincidiram em mostrar que o PB tinha sofrido uma mudança na segunda metade do século XIX: Omena (1978), Pereira (1981), Berlinck (1989), Cyrino (1990), Nunes (1990), Duarte (1986), Pagotto (1992).[1] Esses dados continuariam sendo interpretados em estudos posteriores de Tarallo, Kato e Galves, entre outros, e às vezes, em novos trabalhos dos autores antes mencionados.

Graças a esses trabalhos, foi percebido que mudanças observadas em diferentes aspectos da língua não eram fatos isolados mas que podiam ser integrados numa visão sistemática. O trabalho conjunto de pesquisadores que levaram em consideração dados quantitativos para interpretá-los qualitativamente, na base de uma teoria sintática que oferecia um instrumento adequado, fez possível a percepção de que aquilo que estava em jogo não era só um problema de variação de fenômenos diferentes, mas uma verdadeira mudança, obedecendo,

---

[1] Duarte, M. E. (1986) *Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil.* Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Berlinck, R. de A. (1989) *A construção V SN no português do Brasil: Uma visão diacrônica do fenômeno da ordem"* em Tarallo (org.) **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas: Pontes.

Omena, N. P. de (1978) *Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: Suas Formas Variantes em Função Acusativa.* Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Pereira, M. (1981), *A variação na Colocação de Pronomes Átonos no Português do Brasil.* Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Cyrino (1990) *O objeto nulo no português do Brasil: uma investigação diacrônica.* Ms., UNICAMP.

Nunes, J. (1990) *O Famigerado SE: Uma Análise Sincrônica e Diacrônica das Construções com Se Apassivador e Indeterminador.* Dissertação de mestrado. UNICAMP.

Pagotto, E. (1992) *A posição dos Clíticos em Português: um Estudo Diacrônico.* Dissertação de mestrado. UNICAMP.

possivelmente, a uma única causa. As mudanças apareciam afetando especialmente dois aspectos da língua: o sistema pronominal e a ordem das palavras. Os dados mostravam variação diacrônica nos seguintes aspectos:

a - Preferência pelo preenchimento da posição do sujeito, embora mantendo características de língua pro-drop.

b - Freqüência do objeto nulo, ou preenchido com formas nominativas dos pronomes.

c - Perda dos clíticos, especialmente os acusativos de terceira pessoa.

d - A forma se apresentando tendência a receber uma interpretação indeterminada no lugar da interpretação como elemento apassivador.

e - Perda da freqüência da ordem VS.

f - Mudança na colocação dos clíticos em relação ao verbo: o PB se faz, em maior medida, proclítico.

Todas essas características que o PB foi adquirindo e que o diferenciam do português europeu (PE), foram relacionadas com um outro processo bem conhecido do PB: **a redução do paradigma da flexão verbal**, que passou de um paradigma de seis formas, para um de quatro formas, isto é: a primeira singular, a primeira plural, uma mesma forma para a terceira singular e a segunda pessoa indireta, e finalmente, a forma da terceira pessoa plural. A primeira do plural ainda alterna com a expressão *a gente*, que significa uma outra redução porque essa expressão leva a forma verbal da terceira pessoa do singular.

Ainda hoje, trabalhos recentes relacionam esses fatos e eu vou tentar me aproximar desses dados, na procura de uma análise que tente relacionar aquelas peculiaridades do PB antes mencionadas. Como essas características afastariam o PB de outras línguas românicas, fiz a escolha do caminho do contraste dos dados do PB com os dados de uma outra língua românica, o espanhol falado no Uruguai (EU), o que deverá iluminar as semelhanças e diferenças das duas línguas no que diz respeito aos sistemas pronominais e às possibilidades de preenchimento das posições de sujeito e de objeto.

Esses assuntos colocam um amplo programa de trabalho. Aqui vou propor uma pequena parte desse trabalho. **Gostaria de mostrar a pertinência de um estudo que examine diferenças e semelhanças no uso dos clíticos no PB e no EU.**

Há, sem dúvida, mais de um motivo para querer examinar o PB e o EU em contraste, mas, existe uma causa que tem a ver especificamente com o assunto acima mencionado: o espanhol apresenta, no que diz respeito ao preenchimento do sujeito, tendência oposta ao PB, e, no que tem a ver com os clíticos, o espanhol falado no Rio da Prata é tido, na bibliografia pertinente, como aquele dialeto com maiores possibilidades da duplicação, sendo que apresenta menores restrições no uso dos clíticos.

Teríamos aqui um ponto claro de divergência: enquanto o PB tem evoluído no sentido da perda, pelo menos de certos clíticos, o EU usa clíticos, usa a duplicação com clíticos e, ainda, apresenta condições menos restritas de duplicação que o espanhol europeu (EE). Por outro lado, a bibliografia que trata dos pronomes coincide em salientar o papel crucial dos clíticos como reveladores de outros fenômenos sintáticos, morfológicos ou fonológicos, e isso é, por si só, um motivo para começar a observar os contrastes entre as duas línguas examinando o emprego dos clíticos.

1.1. PREENCHIMENTO DAS POSIÇÕES DE SUJEITO E OBJETO

Com a finalidade de ilustrar o que vimos dizendo, vamos apresentar alguns fragmentos dos corpora que tem a ver com aquelas características do PB apontadas. São exemplos correspondentes ao EE e ao EU que mostram a assimetria no preenchimento das posições de sujeito e objeto e nos que algumas expressões aparecem em negrito para salientar o fenômeno que se quer mostrar:

1.1.)

a. ... acho que **teatro** é uma coisa que todo mundo... mais cedo ou mais tarde na vida devia de **fazer** ∅ (DID SP 161)

b . ... en un hotel donde nos hospedamos una noche... en el menú había **sopa de cola de canguro** ... parece que **toman** ∅... que hacen sopa con la cola del canguro... unos compañeros míos **comieron** ∅... yo realmente soy reacio a la sopa en cualquier parte del mundo (...) (C9 I.87)

Os exemplos acima mostram ocorrências de objetos nulos nas duas línguas. Porém, nem sempre podemos achar no EU o tipo de objeto nulo que é possível no PB, como a tradução do seguinte exemplo mostra:

1.2.)

a. ... então vamos supor um::um espetáculo como 'Hair' como:: 'Jesus Cristo Superstar'...éh:: tem muita gente que vai assistir e **não gosta** ∅ **detesta...detesta** ∅ mas sai do teatro falando bem da peça... porque ele fala poxa se eu vou contar pra todo mundo que eu **não gostei** ∅ (...) vão me chamar de ignorante... porque no mundo inteiro fez sucesso todo mundo **vai assitir** ∅ todo mundo **entende** ∅ todo mundo **gosta** ∅ então vou dizer que **gosto** também que **entendi** ∅ que eu **acho** ∅ **maravilhoso** que eu **acho** ∅ **espetacular** ... (DID SP 161)

b. un espectáculo como 'Hair' ... en el mundo entero tiene éxito... *todo el mundo **va a ver** ∅ ... *todo el mundo **entiende** ∅ ... *entonces voy a decir que yo también **entendí** ∅ ... *que **encuentro** ∅ maravilloso...

c - un espectáculo como 'Hair' ... en el mundo entero tiene éxito... *todo el mundo va a ver**lo** ... todo el mundo **lo entiende** ... entonces voy a decir que yo también **lo entendí** ... que **lo encuentro** maravilloso...

Como a tradução mostra, no espanhol é necessário empregar o clítico na representação desses objetos diretos:

1.3.) ...quando **eu** pude...o primeiro dinheiro que sobrou...lá em Araraquara **eu** comprei esses vinte alqueires... mas **[e]** é um latifúndio... **eu** perco **[e]** de vista... **eu** não consigo enxergar **[e]** de ponta a ponta...((risos)) (DID SP 30)

No próximo segmento de inquérito, pertencente também ao projeto NURC de São Paulo, foi salientado o emprego dos pronomes na posição de sujeito e foram marcados os lugares de objetos nulos. Os pronomes que aparecem em posição de sujeitos, são pronomes de primeira pessoa que aparecem junto de formas verbais com capacidade de apontar de maneira indubitável para a primeira pessoa. Aparece, porém, um sujeito nulo de terceira pessoa. A presença ou ausência de sujeito lexicalmente preenchido poderia corresponder a escolhas comunicativas. Porém, parece não ser sempre uma escolha completamente livre:

1.4.)

a . ... **[e] lo** pierdo de vista... **[e]** no consigo ver**lo** de punta a punta...

b . ? ... yo lo pierdo de vista ... yo no consigo verlo de punta a punta...

c . * yo pierdo de vista ∅ ... yo no consigo ver ∅ de punta a punta...

A diferença entre b) e c) é que, enquanto não é possível recuperar a referência do objeto em c), em b) o preenchimento do sujeito é gramatical mas aparece "estranho" nessas predicações onde não parece natural uma focalização na primeira pessoa.

Ainda em relação ao preenchimento do sujeito, podemos observar a diferença no emprego dos pronomes nas duas línguas em exemplos como estes:

1.5.)

a. ... a terra tem que dar permissão para que o trator entre... primeiro com o arado ...se **ela** tem tocos ... ou se **ela** tem pedras... ou se **ela** tem... aqueles montes de... aqueles formigueiros ou ... (DID SP 30)

b. * La tierra tiene que (...) si **ella** tiene raíces, si **ella** tiene piedras o (...)

O exemplo em espanhol parece mostrar novamente a preferência pelo não preenchimento da posição do sujeito em contraste com o PB. Porém os fatos podem não ser, na verdade, tão simples. Enquanto em a 1.4.), se as condições

discursivas o exigirem, poderíamos ter o sujeito preenchido, em 1.5.) temos uma restrição forte, que tem validade no espanhol em geral, e que nenhuma condição discursiva pode transpor. Esse contraste mostra que há diferencas nos tracos dos próprios pronomes das duas línguas, além da assimetria no preenchimento dos argumentos. As formas fortes dos pronomes do espanhol só podem retomar referentes com o traço [+animado], exceção feita dos pronomes antecedidos de certas preposiçoes:

1.6.) Cuando llegaron a la casa no encontraron a nadie **en ella** (= la casa)

Essas diferenças poderiam implicar numa diferença também na distribuição de formas fortes e clíticos em cada língua. Podemos pensar que o paradigma dos pronomes de uma das línguas não corresponde exatamente ao paradigma da outra. A tendência ao preenchimento ou não preenchimento da posição do sujeito ou da posição do objeto poderia ter a ver com os traços dos pronomes. Como o fenômeno é complexo, devem ser examinados com cuidado estes pontos: as possibilidades de preenchimento do sujeito e as características (quanto aos traços e à distribuição) dos pronomes não clíticos e dos clíticos, em cada uma das línguas.

O estudo a seguir não pretende ser nem um exame exaustivo das condições e tipos de ocorrências de preenchimento/omissão de sujeito, nem de todos os problemas que têm a ver com os clíticos, mas sim um exame da possibilidade de considerar os dois assuntos relacionados. Isto é, o trabalho coloca a questão da possibilidade de existir uma análise que possa explicitar a intuição que vê uma correlação em dados como os seguintes:

1.7.)

a. Vi una película muy buena.

b. Yo vi una película; él vio el partido.

c. Lo vi.

d. Lo vi a él.

e. María vio la novela.

f. Vi a Juan.

g. *Vi Juan.

h. Lo vi a Juan.

As sentenças que coloquei acima pretendem ser exemplo de possibilidades de preenchimento do sujeito e do objeto por sintagmas nominais ou pronomes fortes por um lado, e pelo outro da possibilidade de ocorrência de "sujeito nulo" e pronome clítico. A intuição é a de que poderia existir um paralelo entre os seguintes fatos:

No espanhol, o sujeito pode estar representado por SN, pronome forte, ou aparecer o que se chama "sujeito nulo". O objeto, por sua vez, pode estar representado por SN, pronome forte, e clítico. Ainda temos, no EU, um emprego da duplicação dos clíticos que é minimamente restrito. Por outra parte, os exemplos do PB antes vistos apresentam o sujeito preenchido em contextos em que o espanhol prefere o sujeito nulo, e o objeto aparece como objeto nulo onde o espanhol coloca o clítico. Mas, qual a generalização adequada? Como são realmente preenchidas essas posições em cada uma das línguas? O que que esses fenômenos realmente revelam sobre as gramáticas dessas línguas?

A possibilidade das línguas apresentarem sujeito nulo tem sido relacionada com a possibilidade de concordância entre sujeito e verbo; por sua vez, os clíticos têm sido vistos como elementos de concordância entre objeto e verbo (por exemplo, Suñer (1988), entre outros). É possível dar conta dos fatos representados pelos exemplos do espanhol acima, através do fenômeno da concordância? O que poderia ser dito a respeito do PB?

1.2. A QUESTÃO DO OBJETO NULO

A questão do objeto nulo é de interesse para um contraste entre os dados do PB e do EU, e já fizemos referência às possibilidades de termos objeto nulo no EU, mas aqui apenas vai ser feita uma menção do problema que não vai ser tratado de maneira especial no trabalho.

Em Kany (1969) encontramos uma menção a este problema que não podemos esquecer porque relaciona o espanhol falado na América com o PB. Kany diz que às vezes se fala dessa supressão do pronome como característica das províncias vascongadas:

> "Su distribución es mucho más amplia. A través de toda Sudamérica se halla especialmente difundida. Semejantes omisiones son también características del portugués del Brasil en cuanto opuesto al portugués peninsular. Idéntico uso se registra para el francés e italiano. Tampoco el latín lo desconocía." (op.cit. p.146, sublinhado meu).

Os exemplos de Kany são do tipo: "ya le dije" em lugar do "ya se lo dije", preferido pelo EE.

Na obra de Kany temos mais um apontar das características que ele acredita sejam próprias da sintaxe hispano-americana do que uma análise dos fenômenos, por isso ele não se estende na consideração do assunto, mas é interessante o fato de que o autor tenha percebido que, nesse ponto, o espanhol americano parece ficar mais perto do PB que do EE.

Por ocasião dos trabalhos de campo do Atlas Lingüístico[2], a uma pergunta como:

1.8.) ¿Tiene parientes en el Interior?

---

[2] Atlas Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). projeto dirigido pelo Prof. Adolfo Elizaincín (Universidade de la República, Montevideo) e o Prof. Harald Thun (Universidade de Mainz).

com muita freqüência a resposta que dava o informante era:

1.9.) Tengo.

Podíamos receber uma resposta como : "Sim". Nunca escutei, em nenhum dos doze pontos geográficos em que me coube fazer a pesquisa, nenhum informante dizer: "Los tengo". O objeto em 1.8.) tem os traços [+ indefinido] e [-específico].

Não conheço outro trabalho, fora o de Kany, a tratar desta diferença entre o espanhol americano e o peninsular. Ana Maria Martins (1994) trata da diferença entre o português e o EE nas respostas breves às interrogativas totais.

Finalmente, não podemos esquecer do problema da colocação do clítico em relação ao verbo. Neste ponto o EU não difere do EE, mas o PB sim difere do PE. Sabemos que o PB se fez, em maior medida, proclítico. O PB mostra próclise com o imperativo e nisto é evidente a diferença com o espanhol em geral, como no fato de o PB apresentar próclise ao verbo principal nas locuções verbais, onde o espanhol apresenta próclise ao auxiliar (V. Pagotto, 1992):

1.10.)

a. não tinha lhe dito

b. no le había dicho

Mas estes dados não podem ser levados em conta sem considerar também que o clítico acusativo, quando aparece, mostra uma colocação diferente. O presente trabalho ainda vai considerar este ponto.

1.3. OS CLÍTICOS: UMA BASE PARA A ANÁLISE CONTRASTIVA

O presente trabalho busca uma análise dos clíticos que possa explicar as peculiaridades do PB e do EU em relação a esses elementos pronominais.

O exame do uso dos clíticos significa o exame do sistema pronominal, e este sistema aparece no preenchimento dos argumentos do verbo. Como foi visto na consideração de exemplos acima, o uso dos clíticos integra as possibilidades de preenchimento -com elementos lexicais ou nulos- aqueles lugares argumentais de maneira diferente, em línguas diferentes. Certamente, essas diferenças são sustentadas por diferenças morfológicas que interessa determinar.

No caminho dessa busca, depois de uma breve apresentação da metodologia (capítulo II), vão ser lembrados os problemas que o PB apresenta para uma análise do sistema pronominal através de alguns trabalhos recentes. Da mesma forma, vão ser lembradas algumas características do sistema pronominal do espanhol e alguns dos problemas que esse sistema tem oferecido para a análise, especialmente das duplicações do tipo que aparecem no EU (capítulo III).

A seguir, é feita uma apresentação das características dos dois corpora que têm a ver com o problema que interessa aqui (capítulo IV). Na parte final desse capítulo, será colocada uma hipótese de análise partindo da interpretação dos dados do corpus.

No capítulo seguinte (capítulo V), será apresentada uma análise sintática que sustente as derivações correspondentes a alguns dos exemplos fundamentais para o trabalho.

O último capítulo vai conter as conclusões e a menção de alguns pontos que seria desejável que fossem examinados no futuro.

CAPÍTULO II: A METODOLOGIA

2.0. INTRODUÇÃO

Não é o processo de produção de enunciados aquilo a que meu trabalho vai visar, e sim o conhecimento sintático do falante do EU ou do PB. Como Tarallo, Kato et alii (1990:31-32) afirmam, é graças à gramática-I (v: Chomsky, 1986) que podemos projetar uma estrutura abstrata e alcançar a concepção que permita atribuir funções e posições às seqüências concretas que constituem o objeto-E da análise. Isso me leva à procura de uma hipótese para a análise dos clíticos dentro da gramática gerativa.

Como não vai ser feito um estudo quantitativo dos dados, e como, por outro lado, este trabalho contém uma proposta sobre a competência dos falantes que podem produzir esses dados, isto é, contém uma proposta feita na base da teoria gerativa, se faz necessário explicar o porquê do emprego de um corpus.

No estudo dos clíticos, o fenômeno da duplicação tem ocupado lugar preponderante na bibliografia, e de fato, não é possível dar conta do uso dos clíticos numa língua como o espanhol sem dar conta da duplicação. No entendimento de que este fenômeno da duplicação responde a condições discursivas -fora a presença obrigatória do clítico quando o pronome forte aparece- tomei a decisão de trabalhar com um corpus, de maneira de poder dispor de um contexto suficiente para observar condições discursivas nos casos de duplicações.

Uma outra razão para trabalhar com um corpus constituído por gravações de produções orais, foi o desejo de oferecer, a leitores não nativos, uma amostra de cada uma das línguas. Como já foi visto, existe um bom número de trabalhos que tratam do uso dos pronomes no PB. A bibliografia sobre os pronomes no

espanhol (em geral) é grande, mas não aquela sobre os pronomes no EU. Portanto, acho conveniente apresentar os dados pertencentes a um corpus contrastável com um corpus equivalente pertencente ao PB, e inclusive contrastável com outros corpora de outros dialetos do espanhol.

Já foi mencionado o fato de que a proposta de Jaeggli, por exemplo, não corresponde a uma gramática que possa gerar certas ocorrências de duplicação que, de fato, ocorrem no espanhol falado no Rio da Plata, como Suñer posteriormente mostrou. Quando no trabalho de Jaeggli (1982:20) é aceita a generalização de Kayne sobre a presença da preposição na duplicação, surgem imediatamente, na mente dos falantes do espanhol *rioplatense*, os exemplos que contradizem aquela generalização. De fato, é na base desse tipo de exemplo que o trabalho de Suñer (1988)[1] sustenta uma outra análise. Isso indica que é útil mostrar, com dados abundantes, qual o dialeto que está sendo usado. Dispor das ocorrências de um corpus pode facilitar ao leitor, uma análise própria, assim como a captação de características da língua que está sendo descrita.

No caso das línguas que eu queria contrastar, existia já um corpus apropriado, disponível para ser usado, e que já tinha servido para a realização de vários estudos.[2] O trabalho de diferentes pesquisadores sobre os dados de um mesmo corpus, além de permitir um diálogo proveitoso entre os pesquisadores, traz o benefício de dar unidade ao esforço e permitir uma visão mais completa da língua estudada.

---

[1] Entre outras fontes de dados, Suñer usa o trabalho de Barrenechea e Orecchia (1977), autoras que utilizam dados do projeto da Norma Culta da cidade de Buenos Aires.

[2] Uma apresentação organizada da bibliografia gerada pelo Projeto NURC ou fundamentada em seus materiais, até 1988, aparece em A.T. de Castilho em D. Preti e H. Urbano (1990).

2.1. O CORPUS

Sendo que o objetivo da tese é a comparação do comportamento de certos pronomes no português falado no Brasil e o espanhol falado no Uruguai, o material escolhido para a integração do corpus foi -como disse acima- o material já existente, que oferecia a vantagem de pertencer a dois corpora que podiam ser comparados por terem sido constituídos com base em critérios muito semelhantes. Essas características provém do fato de que os dois projetos responsáveis pela colheita dos materiais tiveram uma inspiração comum. O "Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil" (Projeto NURC) e os inquéritos pertencentes ao projeto "Aspectos sincrónicos y diacrónicos del español del Uruguay" (ASDEU)[3] tiveram como inspiração comum a idéia "de um grande projeto coletivo para a descrição da norma culta" (A.T. de Castilho (1990))[4] que partiu de Juan M. Lope Blanch, na década de sessenta: "Proyecto para el estudio del habla culta de las principales ciudades de Hispanoamérica" (Ver a transcrição dessa proposta em A.T. de Castilho (1990) citado acima).

Estes materiais ofereciam, portanto, dois corpora que apresentavam características semelhantes: foram recolhidos desde a década de setenta a meados da década de oitenta, com falantes de nível de escolarização alto (universitário ou equivalente), nascidos em áreas urbanas (capitais).

Como o Projeto NURC apresenta três tipos diferentes de inquéritos, escolhi os que iam constituir o corpus do meu trabalho entre aqueles do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), porque os inquéritos do corpus do espanhol do Uruguai (Norma Culta) são todos deste tipo.

---

[3] Estes inquéritos foram publicados como *Materiales para el estudio del español hablado en Uruguay (15 muestras de habla culta montevideana). Proyecto "Aspectos sincrónicos y diacrónicos del español del Uruguay.* 1992. Instituto de Lingüística. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República. Montevideo. O projeto ASDEU é dirigido pelo Prof. Dr. Adolfo Elizaincín.

[4] V:. A.T. de Castilho, "O português culto falado no Brasil (História do Projeto NURC/BR)" em D. Pretti e H. Urbano (1990).

Em relação ao tempo de gravação, uniformizei o material da seguinte maneira: como as fitas do NURC oscilam ao redor dos quarenta minutos de gravação e aquelas da Norma Culta (Montevideo) oscilam ao redor dos vinte e cinco minutos, escolhi cinco fitas deste material (C.17 I.45, C9 I.87, C15 I.73, C30 I.15, C12 I.80) e quatro do NURC (Inquéritos DID n°s 16, 30. 111 e 161).

É necessário esclarecer que, embora sejam usadas no trabalho expressões como "espanhol do Uruguai" ou "português do Brasil", este trabalho não pretende dar conta da variação possível dentro de cada território nem, obviamente, negar que ela existe. Aquelas expressões apontan a natureza do material empregado na análise. O interesse é contrastar certos fenômenos do PB com certos fenômenos do EU, e foram escolhidos os materiais correspondentes a Montevidéu e São Paulo pelas razões antes apontadas. Fica assim o corpus de Montevidéu representando o "espanhol do Uruguai" e o corpus de São Paulo representando o "português do Brasil", com generalização e abstração inevitáveis.

2.2. O CORPUS: OS ELEMENTOS CONSIDERADOS

De acordo com os objetivos deste trabalho antes expostos (Cap. I), foram analisadas no corpus as formas de preenchimento dos objetos diretos e indiretos para poder contrastar as formas empregadas nas duas línguas, e, contrastar também, as formas de preenchimento dentro do corpus de cada língua para poder estabelecer as condições das oposições. [5]

a) Foram consideradas, para o objeto direto: sintagmas nominais, pronomes fortes, clíticos, objetos nulos. Para o objeto direto do corpus do EU foram considerados também os sintagmas nominais antecedidos de preposição *a*. Para o

---

[5] V.: Cap. I, "Préanálise do problema da duplicação".

objeto indireto no corpus do PB foram considerados sintagmas encabeçados por preposição *para* além dos sintagmas com preposição *a*.[6]

b) A ordem desses elementos em relação com a sentença mereceu atenção especial por ser um fenômeno ligado ao uso do clítico.

c) Da mesma maneira, os traços semânticos dos argumentos aparecem relacionados -como é sabido- às possibilidades de preenchimento: os clíticos, por exemplo, não podem retomar sintagmas não específicos.[7]

As considerações que seguem tem a ver com elementos não considerados na constituição final do corpus.

d) Verbos que contém um argumento só na rede temática, como os verbos existenciais, por exemplo, não foram considerados para a construção do corpus. O esclarecimento é necessário porque o argumento do verbo existencial *haber* pode ser recuperado pelo pronome clítico:

2.1.) No creo en brujas, pero que las hay, las hay.

O critério adotado foi que, para que seja possível falar num objeto direto, é necessário, além da possibilidade de recuperar o referente através de um pronome acusativo, que exista um argumento externo. Em termos de papéis semânticos, poderia ser dito que para que exista um paciente é necessário um agente, expresso ou tácito.[8]

e) Também é necessário dizer que não são considerados neste trabalho os clíticos neutros que têm como referente uma predicação, portanto, dentro dos

---

[6] Os sintagmas nominais foram considerados quando isso era pertinente para a análise dos pronomes, por exemplo, no caso das duplicações, ou os casos de elementos focalizados ou tópicos correferentes com objetos nulos no PB.

[7] V. entre muitos, Suñer (1986), Cardinaletti e Starke (1993)

[8] Da mesma maneira, se faz necessário apontar um fato relativo ao EU: não tenho dados numéricos, mas pelo trabalho com este e outros corpora, assim como por minha intuição como falante, eu diria que a recuperação do argumento do verbo *haber* existencial não se faz, no EU, como no espanhol peninsular. Não estou afirmando que não se faça nunca, estou chamando a atenção para o fato de que há alguma(s) diferença(s) entre os dialetos que deveria ser examinada. Porém, este assunto não vai ser tratado aqui.

argumentos dos verbos transitivos não foram considerados os argumentos representados por sentenças. Esta observação é valida para o corpus do PB e aquele do EU.

f) Sentenças com "verbo suporte". Costuma ser considerado *verbo suporte* aquele que sustenta os flexivos verbais mas que é construído com um objeto no singular, sem determinante, de maneira que podemos interpretar que o conjunto verbo mais argumento constitui uma unidade de predicação ou uma sorte de predicador complexo, próximo, do ponto de vista semântico, de um verbo formado através de um processo de derivação, como seria no caso de: *tomar mate / matear.* Vamos ver exemplos das fitas usadas para constituir o corpus:

2.2.)

a. yo no sé trabajar *torno* como para hacer segmentos de torno...(C12 I.80)
b. ...*marcó época*...enseñó su oficio (...) y es un hombre que dejó un bagaje de cosas para el resto de la historia de la cerámica uruguaya...(C12 I.80

No caso do exemplo a., a língua possui um lexema verbal que corresponde, do ponto de vista lexical, ao conjunto verbo - objeto:

2.3.) yo no sé *tornear* como para hacer segmentos de torno... [9]

O N que acompanha o verbo, em 2.2.) a., é um contável. Este tipo de nome, quando usado sem determinante ou quantificador, constitui na verdade um

---

[9] Mas aqui cabe a observação de que seria aceitável uma sentença como:

i) yo no sé trabajar el torno...

A possibilidade de aceitar um determinante ou a variação singular/plural é importante porque elementos fossilizados não admitem essas possibilidades. Essa característica parece estabelecer uma diferença entre objetos representados por Ns sem determinante, embora essa combinação "verbo-N" sempre apresente uma relação semântica e sintática peculiar, a caminho de se constituir em uma unidade lexical. As possibilidades de admitir determinante ou variação de número seria uma indicação de que não estamos perante uma expressão fixa, lexicalizada. No caso das expressões lexicalizadas o N pode aparecer em plural, mas nesse caso não admite variação de número (Alarcos. 1994:308, "inmovilizado en sus posibilidades de variación morfemática") e a predicação admite um outro elemento nominal como objeto direto:

ii) ...para presentar doce o quince piezas a un público...*piezas* que después entre los críticos y el público *hacen trizas* a gusto o a disgusto...(C12 I.80)

predicado, é uma expressão *aberta*. Levando isto em conta, podemos entender que esse elemento some seu conteúdo lexical ao conteúdo do outro predicado para constituir um novo predicado. [10]

> 2.4.) ... para que eu vou levá-la em ambientes que poderiam *dar margem* a que ela pegasse uma doença... como essa que é grave? (DID SP 111)

Em resumo, ocorrências deste tipo não foram incluídas no corpus como ocorrências de objetos diretos.

g) Estatuto da sentença. Este aspecto não foi considerado como um fator que acarretasse uma diferença relevante para os fatos considerados no trabalho, isto é, as diferentes possibilidades de preenchimento dos objetos ocorrem tanto nas subordinadas quanto nas sentenças matrizes ou independentes.

h) Adjacência do elemento ao verbo. Para a análise sintática que vai ser colocada em capítulo separado o termo "adjacência" não tem o valor que teve para a teoria em outro momento.

Tanto no corpus do PB, como no corpus do EU, ocorrem elementos adverbiais ou elementos discursivos entre o verbo e o objeto representado por sintagma nominal.

> 2.5.) ...até que eu passo *muito pouco* o arado... (DID SP 30)

> 2.6.) ... foi uma pecinha (...) ... envolvia *assim*... ah:: problemas de família (...) (DID SP 161)

> 2.7.) ... avacalharam *completamente* a peça eh:: (DID SP 161)

> 2.8.) ... el artesano tiene *ya* una idea de lo que va a hacer)... (C12 I.80)

---

[10] Para Chomsky (1995:337), um N (não um DP) gerado no lugar do objeto, deve sofrer incorporação ao verbo para que seja possível obter a linearização da sentença. Assim, comenta Chomsky, a incorporação dos nomes ficaria restrita a "nonreferential NPs", "como H. Borer já tinha apontado".

2.9.) ...hay anécdotas que ...que indican *indudablemente* ... la repercusión que tiene esto a nivel internacional... (30 I. 15)

2.10.) debemos mejorar *notablemente* la la productividad... para que la disminución de precios del mercado igual nos sirva... (30 I. 15)

Ainda aparece um exemplo no corpus que apresenta uma frase preposicional entre o objeto e uma oração de relativo que modifica o objeto:

2.11.) ... y nosotros queremos aplicar una política liberal *en este momento*... que está reñida con todo eso... (30 I. 15)

Estes últimos exemplos mostram fatos que, embora podendo revelar questões interessantes do ponto de vista discursivo, não parecem ter relação direta com o problema que aqui é tratado nem parecem revelar diferenças entre as duas línguas, portanto, não foram considerados na análise.

CAPÍTULO III: OS PROBLEMAS

3.0. O P.B.

Na década de oitenta, o modelo de Princípios e Parâmetros abriu lugar, na teoria Gerativa, à consideração dos fenômenos da mudança, e aquela redução no paradigma do PB, apontada pelos trabalhos acima mencionados (v. cap I), foi naturalmente relacionada com a tendência ao preenchimento da posição do sujeito, no sentido de que o paradigma "pobre" estaria levando à perda do parâmetro do sujeito nulo.

Assim, podemos ler em Kato e Tarallo (1989, p.9):

> "Kato e Tarallo em artigo anterior (1986) demonstram que a tendência do português do Brasil de perder as propriedades do parâmetro do sujeito nulo também se manifesta no uso cada vez mais freqüente de formas substitutivas, seja SNs plenos, seja pronomes pessoais. como formas indeterminadoras da linguagem, substitutivas do moribundo clítico SE".

Desta forma, os traços de variação que os diferentes trabalhos salientavam íam adquirindo unidade e apontavam para uma mudança paramétrica. Além de se constatar um fato muito importante com relação ao português falado no Brasil, estava sendo provado que estudos originados em propostas teóricas diferentes podiam ser complementares, seus resultados contribuindo para uma interpretação global dos fenômenos. Essas propostas podem ser encontradas, fundamentalmente, nas teses e publicações periódicas assim como na série de trabalhos contida nos volumes da *Gramática do Português Falado*.

Entre essas publicações podemos encontrar o trabalho de Galves (1993), que propõe uma análise da sentença que pretende relacionar todas aquelas características da mudança do PB.

Ao examinar o problema da flexão do PB e a noção de flexão "forte" e "fraca", Galves vai definir a noção pertinente desta maneira:

> "é fraca a concordância que não contém pessoa, ou contém pessoa como um traço puramente sintático. É o que acontece no PB onde não se encontra na flexão verbal a oposição 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mas somente uma oposição binária, pessoa (1ª)/não pessoa (3ª), articulada a uma oposição singular/plural. Isso corresponde a uma concordância fraca morfologicamente (ausência de 2a. pessoa), e semanticamente (possibilidade de interpretar a terceira pessoa do singular como indeterminada)" (Galves (1993:395)).

Segundo esta proposta de Galves, o preenchimento das posições na sintaxe da sentença do PB resulta do enfraquecimento da flexão: como conseqüência, o verbo não sobe até o AGR mais alto, ficando num nó mais baixo, T. O sujeito recebe nominativo no Spec/T. O Spec. do nó AGR mais alto fica disponível para um sujeito que terá por predicado a oração toda.

3.1.) Essa competência$_1$ ela$_1$ é de natureza mental. *(Galves, op.cit)*

3.1. TRABALHOS RECENTES

Nos últimos anos, porém, aparece uma dúvida, nos trabalhos, sobre a relação entre o "enfraquecimento da flexão" e o emprego do pronome representando o sujeito (v.:Kato, M., M. do Nascimento et al. (1996), Dillinger, M., Ch. Chamberlain Galves et al. (1996), Galves Chamberlain, Ch. e M.B.M. Abaurre (1996), Ilari, R., C. Franchi e Maria H.M. Neves (1996)) .

3.1.1. Um trabalho recente de Negrão e Müller (Negrão e Müller, 1996) apresenta uma nova hipótese sobre as mudanças no PB. As autoras fazem um bom resumo dos dados levantados por outros trabalhos e concluem:

> "Desta maneira, a explicação teórica usualmente oferecida pelos pesquisadores que trabalham com o PB no âmbito da teoria gerativa para o fenômeno do aumento histórico do preenchimento da posição de sujeito é o "enfraquecimento da concordância". O PB estaria caminhando para deixar de ser uma língua pro-drop e se tornando uma língua em que o preenchimento do sujeito (pelo menos do sujeito referencial) seria obrigatório, porque sua flexão se tornou "fraca", ou seja, incapaz de recuperar um sujeito referencial." (op. cit.: 134-135)

Negrão e Müller colocam algum problema para aceitar esta interpretação da mudança:

> "Ora, se o "enfraquecimento da flexão" é a causa do preenchimento progressivo da posição de sujeito, esperaríamos que o aumento de preenchimentos se desse especialmente naquelas pessoas para as quais a morfologia verbal não é mais capaz de identificar o sujeito (2ª e 3ª pessoas). Esperaríamos, também, uma maior proporção de preenchimentos para os casos em que há ausência de "concordância", ou seja, em que a pessoa do verbo não é a mesma que a do sujeito..." (op.cit.: 135)

As autoras acham que existem dados contraditórios com a hipótese de que o enfraquecimento da concordância é causador do aumento do preenchimento da posição de sujeito, como que historicamente o maior aumento de preenchimento se dá nas 1ª e 2ª pessoas, ao invés do esperado.

Por outro lado, segundo os dados sincrônicos de Negrão (1990), considerando o fenômeno sob o prisma da flexão verbal, a maior percentagem de preenchimentos se dá nas 1ªs. pessoas do singular e plural (80% e 65,4%). Já para o verbo com marca morfológica de 3ª pessoa do singular ou plural, a proporção de preenchimentos e de não preenchimentos é aproximadamente a mesma (58,4% e 53,3%). Outro fato salientado pelo trabalho de Negrão e Müller é que, neste corpus

---

[1] Negrão e Müller observam (seguindo os dados de Duarte 1993) que o preenchimento das duas primeiras pessoas passa de 20% para a 1ª e 40% para a segunda do singular en 1845, para um 80% em 1992, enquanto que para a 3ª pessoa a proporção preenchimento/não preenchimento se mantém constante, em aproximadamente 50% a partir de 1882.

analisado por Negrão (1990), apenas 3% das ocorrências verbais de 3ª pessoa do singular não "concordam" com seu sujeito, e entre estas, não mais da metade tem sua posição de sujeito preenchida:

> "Os dados apresentados mostram que a mudança nos paradigmas verbais do PB, chamada de enfraquecimento da concordância, não necessariamente acarretou um total preenchimento da posição de sujeito. Pelo contrário, mostram que a tendência de preenchimento é diferenciada com relação à pessoa gramatical e que houve uma certa estabilização nesse processo." (Negrão e Müller, op cit.: 138).

As autoras tentam mostrar que não há uma conexão causal necessária entre os dados de preenchimento do sujeito e o fenômeno chamado de "enfraquecimento da concordância" no PB. Elas dizem:

> "Nossa hipótese é a de que estaria havendo uma especialização no sistema pronominal do PB segundo o tipo de denotação semântica que se deseja expressar. O pronome ***ele*** e a forma possessiva ***dele*** são usados para expressar SNs referenciais. A categoria vazia não arbitrária na posição de sujeito e a forma possessiva ***seu*** seriam usadas para expressar uma ligação anafórica entre estes SNs e seus antecedentes. Se confirmada, nossa hipótese traz um novo modo de postularem-se as propriedades definidoras do parâmetro do sujeito nulo. Conforme já apontado por Huang, mais do que centrar tais propriedades na regularidade morfológica dos paradigmas de flexão, deve-se atentar para os mecanismos de identificação do conteúdo referencial das formas pronominais de uma determinada língua" (Op. cit.:148) [sublinhado MG]

3.1.2. Um outro dos recentes trabalhos a estudarem o problema é aquele publicado no V volume da *Gramática do Português Falado* (M. Kato, org.,1996), *Padrões de predicação no português falado no Brasil* (Kato, Nascimento et al.).

Nesse trabalho, os autores chegam a uma conclusão semelhante àquela que acabamos de ver acima:

> "com base nos dados do português culto falado no Brasil aqui examinados, não se pode caracterizar o uso do sujeito nulo no PB como

> um fenômeno residual; conseqüentemente, com base nesses dados, não se pode dizer que, no PB, o emprobrecimento do sistema flexional teria implicado a perda da possibilidade de sujeito nulo." (op.cit.:227) [sublinhado MG]

Alguns dos resultados da análise desse trabalho podem ser assim expostos, seguindo a síntese feita pelos próprios autores (op.cit.:226):

- **a opção pelo uso do sujeito nulo mostrou-se preferida** em casos de: oração segunda-coordenada, oração raiz, oração dependente, verbo inacusativo, verbo com argumento interno oracional, segunda pessoa do discurso e **terceira pessoa do discurso**.

- **o uso do sujeito nulo mostrou-se altamente infreqüente nas estruturas com sujeito de 1ª pessoa singular** (apresentou19% das ocorrências).

- o comportamento do sujeito nulo de 1ª pessoa poderia ser interpretado como evidência de que o PB estaria deixando de ser uma língua de sujeito nulo, mas essa interpretação não se sustenta diante do comportamento do sujeito de 3ª pessoa.

Como é possível ver, há uma coincidência nos resultados com aqueles do trabalho de Negrão e Müller.

Kato, Nascimento et al. (1996) oferecem também um resumo da tipologia de pronomes fortes e fracos, proposta em Kato (1994), que é usada pelos autores para a explicação dos fatos do PB.

Kato (1994), -apud Kato, Nascimento et al., (1996)-, parte da idéia de O. Fernández Soriano de que os pronomes fortes do espanhol aparecem, não na posição de sujeito, mas na posição de TOP, enquanto a posição de sujeito estaria ocupada por *pro* que seria um pronome fraco:

3.2.) Yo_i [pro_i AGR_i [... Cl_j-V pro_j] a $él_j$]]
VP

Kato (1994) propôs que Top pode ser preenchido não só com o pronome forte, mas também com o PRO, que funcionaria exatamente como o PRO das sentenças infinitivas. (...)

Top PRO daria conta assim de exemplos em que o sujeito de terceira pessoa tem que ser interpretado como co-referente a um antecedente na sentença ou no discurso ou, então, como indeterminado:

3.3.)

a. João$_i$ disse que [PRO$_i$ [pro$_i$ conserta sapatos]

b. PRO$_i$ [pro$_i$ conserta sapatos]

Para os autores, *pro* em início de sentença só é viável com uma categoria vazia em TOP, e, a possibilidade de um sujeito ter seu antecedente no discurso, ou ainda, ser interpretado com um referente arbitrário -e em ambos os casos ele poder ser nulo e identificável por intermédio do TOP nulo PRO- explica a grande incidência de sujeito nulo de terceira pessoa no *corpus* oral do PB.

> "Parece que ao lado de pronome fraco *pro*, caindo em desuso.[2] temos um sistema diferente tanto do inglês quanto do espanhol: uma sistema em que o pronome forte é quase homófono ao pronome fraco nominativo e, portanto diferente do pronome fraco acusativo... (op. cit.: 262)"

Como exemplo dessa tipologia de pronomes do PB os autores apresentam exemplos como:

3.4.) EU, eu te amo VOCÊ

---

[2] Sublinhamos a afirmação que parece contradizer uma outra do mesmo trabalho, mencionada antes "**não se pode dizer que, no PB, o emprobrecimento do sistema flexional teria implicado a perda da possibilidade de sujeito nulo".**

Como exemplo de emprego de pronomes fortes, fracos e clítico nulo:

3.5.) ELE, el(e) ∅-viu ELA

Na análise deste trabalho, então, temos tópicos e antitópicos representados por pronomes fortes. No caso do deslocamento à esquerda, o pronome fraco em posição A está co-indexado com o pronome forte deslocado. No caso do que antes era chamado de "deslocamento à direita", os autores propõem uma relação de predicação do tipo mini-oração, em FL, entre o pronome lexical ou nulo e o NP à direita, que seria um predicativo que teria, por concordância, o mesmo caso do pronominal.

3.6.)

a. [pro$_i$ t] está dormindo, o nenê$_i$.

b. El(e)$_i$ está dormindo, o nenê$_i$.

Os autores observam que, no caso de aceitar a proposta de linearização de Keyne (1993), a mini-oração permaneceria *in situ* e só o pronome subiria:

3.7.) [pro$_i$ [está dormindo...[[t$_i$ o nenê] tv]

A análise dos pronomes na base de uma tipologia tripartita -pronomes fortes, pronomes fracos e clíticos- foi proposta por Cardinaletti e Starke (1993)[3] em substituição da tipologia tradicional entre pronomes deficientes e pronomes fortes, que não deixava lugar para as peculiaridades dos pronomes fracos perante pronomes fortes e clíticos.

A modo de resumo, o problema do preenchimento da posição de sujeito no PB , depois destes últimos trabalhos, coloca ainda uma interrogante a respeito da flexão: se a flexão de terceira pessoa é "fraca", como é que ainda é possível a

---

[3] V:M. Groppi *Um caminho para o estudo dos pronomes*, **Filologia e Língua Portuguesa**

ocorrência de sentenças com sujeito de terceira pessoa não preenchido por elementos lexicais?

3.1.3. Um trabalho que vai considerar a proposta tripartita de Cardinaletti e Starke é o trabalho de Galves, *La syntaxe pronominale du portugais brésilien et la typologie des pronoms*[4].

A autora procura mostrar que o paradigma do PB oferece uma divisão de pronomes clíticos de 1ª e 2ª pessoas e um pronome fraco de 3ª. Porém, a distinção estrutural que Cardinaletti e Starke fazem -e que não teria um lugar adequado na teoria hoje- é substituida por uma distinção na base de um traço de sub-categorização morfológica. Os clíticos são marcados com esse traço e os pronomes fracos não. Essa diferença no léxico é a causa da diferença sintática: **os pronomes fracos** podem ficar no especificador da categoria funcional em questão porque são **morfemas livres.** Saliento na grafia essa expressão porque essa noção não tinha sido usada em proveito de uma análise explicativa do uso do pronome *ele* no PB.

Galves considera os elementos de concordância e os pronomes deficientes de forma unitária como traços phi, e oferece uma análise dentro da Proposta Minimalista baseada em dois tipos de checagem de traços phi:

> a) a estrutura tem dois conjuntos idênticos de traços phi, por exemplo, no V e no SN. A concordância é a checagem mútua na configuração *Spec/head*. Esta relação é local e independente da presença de um traço *Agr*.
>
> b) a estrutura só apresenta um conjunto de traços phi. A presença de um traço *Agr* na categoria funcional é necessária para a checagem. Este seria o caso **dos clíticos e pronomes fracos**. Ficaria explicado assim o fato desses pronomes aparecerem sempre em adjunção a uma categoria "marcada com um traço de concordância", e também o fato de esses pronomes terem relação com a parametrização da concordância.

---

[4] A sair em: Zribi-Hertz (org.) **Les pronoms**, Presses Universitaires de Vincennes, 1997.

O fato do clítico no PB estar sempre em próclise ao verbo que atribui papel theta para esse argumento é explicado pela autora desta maneira: a categoria funcional *Tempo*, no PB não está associada a um traço de concordância. A categoria v (*light verb*) pode receber um traço de concordância, e assim ela constitui o domínio apropriado para a checagem dos pronomes deficientes (fracos e clíticos).

O clítico de 3ª pessoa fica fora desse sistema, segundo a autora, porque dentro de um sistema "pobre" a 3ª pessoa representa a ausência de traço de pessoa, e isso não é compatível com a interpretação do traço de pessoa do clítico.

Esse pronome fraco tem como característica ser um pronome ligado pelo discurso ou deíctico e por isso o pronome fraco de 3ª pessoa é compatível com o paradigma de flexão fraca (pobre), enquanto o clítico não é compatível com esse paradigma.

> "Il s'oppose aux vrais pronoms personnels, qui sont interpretés intrinsèquement et peuvent être liés à l'intérieur de la proposition. Les faits du PB suggèrent également que ce fonctionnement est réservé aux pronoms non-clitiques, ce que explique le paradigme mixte du PB. A la deuxième personne, clitique et pronom faible co-existent car ils contiennent un trait interprétable de personne. A la troisième personne, seul le pronom faible, non clitique, est interprétable dans cette relation directe avec le discours".

A autora salienta, numa nota, essa característica do pronome lexical de ser ligado ao discurso, o que pode explicar exemplos como o seguinte, onde aparece o pronome numa aparente violação do Princípio B:

3.8.) A Maria$_1$ viu ela$_1$ no espelho

Para os falantes que aceitam a sentença com a interpretação indicada, a análise é aquela em que há correferencialidade e não ligação: o pronome e o SN apontam um mesmo referente fora da sentença.

Por outro lado, existem contextos onde o pronome fraco e o pronome nulo não podem aparecer em variação livre porque não são interpretados da mesma maneira. Assim é explicado o seguinte contraste:

3.9.)

a. *O José$_1$ sabe que a Maria gostaria de conhecer e$_1$

b. O José$_1$ sabe que a Maria gostaria de conhecer ele$_1$

Se o pronome fraco é déictico, essa interpretacão é incompatível com a ausência de realização fonética. Para Galves o pronome nulo é interpretado como variável de predicado, através da interpretação da sentença que contém este pronome como o predicado de um sujeito externo à sentença. A autora representa assim a diferença entre pronome fraco e pronome nulo:

3.10.) NP$_1$ ... [.... ele$_1$ ...]
IP

3.11) NP$_1$... [... e$_1$...]
IP1

O problema dos exemplos acima, seria originado no fato de interpretar o SN "o José" como sujeito do verbo e como sujeito do predicado complexo: "Cette interprétation n'est naturelle que si le contexte discursif caractérise fortement *José* comme topique discursif..." (Galves, op. cit.).

O pronome fraco encontra a sua interpretação na relação com o tópico e isso explicaria a posssibilidade de aparecer com o tópico em posição inicial absoluta ou inicial de subordinada, como nas sentenças com clíticos em outras línguas, e a impossibilidade do pronome funcionar como variável ou de retomar proposição.

3.12.) Eu acho que o povo brasileiro$_1$ ele$_1$ tem uma grave doença (Duarte 1995, citação de Galves (1997))

3.13.) Pedro pensa que, essas crianças$_1$, a Maria esqueceu de pegar elas$_1$ na escola (Kato 1993, citação de Gaves (1997))

3.14.)

a. Alguém (*ele) veio

b. Procuro alguém que (*ele) saiba falar inglês

3.15.)

a. Je le sais

b. Eu sei (*ele)

Os pronomes fortes, por sua vez, ficam caracterizados como elementos portadores de foco ou informação nova, e portadores do traço [animado].

A proposta coloca com clareza as diferenças entre as possibilidades de referência de pronome fraco e clítico. Um problema da análise é que ela depende da proposta de uma categoria Agr na derivação. De acordo com Iatridou (1990) e Chomsky (1995), não seria possível sustentar Agr como categoria funcional independente. Chomsky (1995) baseia a argumentação na noção de que só devem ser postuladas categorias que recebem uma interpretação nas interfaces. As colocações de Iatridou e Chomsky apresentam o desafio de tentar uma análise dos pronomes que não considere Agr como categoria funcional.

3.2. O EU

3.2.0. É oportuno lembrar aqui algumas peculiaridades dos pronomes pessoais que podem distinguir o espanhol do Uruguay do espanhol europeu (EE).

3.2.1. Vamos começar lembrando algumas características morfológicas dos clíticos do EE e o EU.

Com relação ao emprego das formas fortes dos pronomes, o EU se afasta do EE no uso das formas de segunda pessoa. Para o singular, usa, além da forma ***tú*** do EE, a forma ***vos***; para o plural, o EU emprega a forma ***ustedes*** no lugar de ***vosotros(-as)*** do EE, acompanhada de formas verbais e clíticos de terceira pessoa.

Quanto aos clíticos, o EU se distingue -junto do espanhol de Buenos Aires- pelo uso que faz dos clíticos de terceira pessoa: ***lo(-s)*** (masculino), ***la(-s)*** (feminino), são usadas para o acusativo, enquanto ***le (-s)*** é usada para o dativo, numa oposição em que o caso parece ser a base. É necessário salientar esse uso porque essas formas apresentam grande variação diatópica, sendo que a oposição que privilegia o traço [+humano] sobre a distinção de caso é muito estendida nas áreas hispanas. Trata-se do fenômeno chamado de "leísmo": uso de ***le (-s)*** para o acusativo masculino com referente [+humano], além de usado para o dativo:

3.16.) - ¿Has visto a Juan últimamente?

EE - **Le** vi ayer

EU - **Lo** vi ayer

No espanhol geral, as formas do dativo (le, les) têm um alomorfe: ***se,*** que ocorre nas seqüências de clíticos ("clusters"):

3.17.)

a. Le digo algo a él / **Se lo** digo.

b. Le di la libreta a Juan / **Se la** di.

Esta forma ***se*** provem do demonstrativo latino: illi>ge>se (v.:Menéndez Pidal (1966)) e aparece só quando o dativo é seguido do acusativo do mesmo pronome.

A forma *se* etimológica (sibi>se), por outro lado, aparece, como no português, como reflexivo.

As formas de primeira e segunda pessoa mostram sincretismo em relação ao caso para o dativo e acusativo: ***me, te, nos***. Para os usos com preposição, a primeira e segunda pessoa do singular conta com formas diferentes daquelas do nominativo: *mí, ti, conmigo, contigo*, enquanto as outras pessoas apresentam formas coincidentes com aquelas do nominativo: ***a él, a ella, a nosotros, a ellos, a ellas***.

Esta apresentação da morfologia é necessária para a colocação dos problemas que será feita.

3.2.2. Se a dependência fonológica é característica definitória dos clíticos, estes apresentam, através das diferentes línguas, uma série de outras características que, na medida de sua presença, podem colocar esses elementos mais perto dos flexivos: a colocação estrita, a rigidez na ordem nas combinações de clíticos (*clusters*), a variação no paradigma e a existência de alomorfes. Tudo isso faz com que os clíticos, além da importância que têm do ponto de vista sintático, coloquem de maneira crucial o problema da distinção entre "palavra" e "afixo". Certamente, a classificação morfológica do clítico como morfema flexivo ou não, vai ter, por sua vez, conseqüências sintáticas.

O EU, como o EE, à diferença do PB, apresenta a possibilidade de combinação de pronomes pessoais clíticos (*clusters*) . Estas combinações têm uma ordem rígida, que é: ***clítico dativo + clítico acusativo + verbo***:

3.18.)

a. Me dio el libro a mí: **me lo** dio/*lo me dio

b. Te dio el libro a ti/ a vos: **te lo** dio/*lo te dio

c. Le dio el libro a él (a ella, a usted): **se lo** dio/*lo se dio

Nos exemplos acima, temos a seqüência DAT-AC representada por : 1ª/2ª -3ª pessoas ou: 3ª-3ª. Mas existe uma restrição forte: não é possível ter a seqüência de DAT-AC se as combinações das formas pessoais forem: *3ª-1ª ou 2ª , ou combinações da primeira e segunda pessoas:

3.19.) Pedro entregó a Juan a la policía/ **se lo** entregó

Lembramos que, no exemplo acima, **se** é o alomorfe de **le**. Mas vejamos os exemplos com primeira e segunda pessoa:

3.20.)

a. Él te entregó a la policía / ∅**te** entregó (a la policía)

b. Él me entregó a la policía/ ∅ **me** entregó (a la policía)

Se colocarmos "se" (dativo) na frente do acusativo, não obteremos a seqüência DAT-AC mas a seqüência Reflexivo+DAT:

3.21.) Reflexivo+DAT: se te entregó.

Com o alomorfe "le" a seqüência é agramatical: *le te, *le me. O mesmo resultado temos com a combinação das primeira e segunda pessoas: *me te. Ou então, obtemos o resultado de:

3.22.) Reflexivo + DAT (beneficiário ou "de interesse"): te me.

3.23.) **Te me** apareciste de sorpresa/ *me te apareciste de sorpresa [5]

Estas restrições ainda esperam uma explicação. A intuição nos levaria a supor que esta restrição fosse relacionada com diferenças nos traços das próprias formas pronominais. Os dados acima poderiam indicar que **me/te/se** (reflexivo) não têm o mesmo comportamento que os clíticos **lo/la/le**. Nesta última, um pronome

---

[5] O verbo do exemplo é *aparecerse* e não *aparecer* , portanto, o *te* é pronome reflexivo e *me* dativo de interesse.

reflexivo (me, te, se) colocado junto do verbo parece anular a possibilidade do clítico não reflexivo (lo, la, le) de se incorporar à combinação.

3.2.3. Disse antes que a variação no paradigma tem sido mencionada como uma das características que aproximam os clíticos dos flexivos. As diferentes áreas em que o espanhol é falado, apresentam variação em relação ao emprego dos clíticos de terceira pessoa. Vimos já o fenômeno do *leísmo:* o uso de *le* para o acusativo masculino é considerado dentro da "norma" pela Real Academia Española. Ainda, como fenômeno de menor extensão e não padrão, existe em certas áreas o fenômeno do *laísmo*, isto é, o uso de *la* para o dativo feminino. O EU apresenta o emprego de *lo* e *la* para acusativo e *le* para dativo, como já foi dito.

Junto desses fatos que enfraquecem uma correspondência forma-caso, a bibliografia pertinente salienta a indeterminação do *se* em relação ao plural. Esta forma, além de apresentar o sincretismo que apresentam *me* e *te* quanto ao caso, não tem correspondência forma-número:

3.24.)

a. El libro **se** lo di a él

b. El libro **se** lo di a ellos.

Esta indeterminação provoca produções como a seguinte, em que o plural do dativo é marcado no acusativo, que deveria aparecer no singular:

3.25.) Se **los** di a ellos (el libro).

Por outro lado, com freqüência são escutadas ocorrências do dativo singular **le** no lugar do plural **les**:

3.26.) Ya **le** dije a los chiquilines que no hicieran eso.

Como vai ser visto no capítulo IV, estes exemplos aparecem no corpus do EU. Caberia se perguntar se o clítico não é um elemento que marca fundamentalmente o caso, especialmente em dialetos não *leístas* como o EU, e portanto, o número é indiferente, e a variação poderia ser signo de uma mudança no sentido da perda da marca de número, extendendo essa indeterminação para o número que existe na forma *se* do dativo.

Esses fatos podem ser interpretados como índice da aproximação dos clíticos aos flexivos. Ainda temos um outro fenômeno, na língua não padrão, que aponta para esse caráter de flexivos dos clíticos. São ocorrências que mostram o morfema plural do verbo colocado **depois** do clítico, nas formas imperativas do verbo:

3.27.)

a. Sienten*sé***n**, por favor.

b. Ahí viene María. Miren*lá***n,** qué contenta viene.

c. ¡De*me***n** esa pelota! No quiero que jueguen a la pelota adentro de casa.

Podemos ver que o morfema de plural no verbo (em negrito) às vezes permanece antes do clítico (em itálico) como em 3.27.) a.,b., portanto **aparece duas vezes o morfema de plural**. Isso significa que o clítico é tratado como um flexivo a mais, e depois dele ainda pode aparecer o morfema de plural. As formas de acordo com a gramática normativa seriam: *siéntense, mírenla*. Outras vezes, o morfema do verbo surge só depois do clítico, como em c., onde a forma verbal padrão seria "den", e portanto, no exemplo seria: "¡**Denme** esa pelota!". Saliento ainda a possibilidade de que a sílaba acentuada seja aquela que contém o clítico.

Os morfemas de número e pessoa ocupam sempre o último lugar na flexão verbal; se o clítico é interpretado como flexivo, então pode aparecer colocado **antes**

desses outros flexivos. Assim, estes dados poderiam ser usados a favor da interpretação do clítico como flexivo.

Mas, esses dados de 3.24.) a 3.27.), além de serem sinais de que os clíticos se encontram muito próximos da classe dos flexivos, também colocam em questão o problema da base de oposição entre os próprios clíticos. Esta base, é o caso? É o gênero? É algum outro traço? Está se perdendo a oposição de número entre os clíticos? Os clíticos podem ser considerados como flexivos, e portanto, como manifestação de concordância verbo-objeto? Este é um outro ponto a ser esclarecido.

3.2.4. O fato de estarmos examinando clíticos que são pronomes pessoais nos coloca perante elementos que cliticizam sempre a uma mesma classe de hóspede: o verbo. Esta falta de liberdade na associação é também uma característica mais própria de elementos flexivos que de elementos independentes.

A posição do clítico em relação ao hóspede é uma das diferenças entre as línguas. Neste caso, temos diferenças notórias entre o PE e o PB, como vamos ver quando falarmos do PB.

A posição dos clíticos no espanhol moderno -no EE como no EU- é **enclítica só com infinitivos, gerúndios e imperativos**; com as outras formas flexivas o pronome é **proclítico**:

3.28.)

a. Vino para ver**te**

b. El niño se acercó, estirándo**le** los brazos a la madre.

c. Ahí viene Juan. Mira**lo** [EE: Míralo]

d. ¿**Lo** viste a Juan?

e. Esas medidas el gobierno ya **las** ha tomado otras veces.

Salientamos que, como aparece em 3.28) e., nos chamados de *tiempos compuestos* (perífrases temporais de passado com *haber*) o clítico é anteposto ao auxiliar. Em outras perífrases, os clíticos objetos do infinitivo ou do gerúndio podem aparecer antepostos ao verbo flexionado (*clitic climbing*):

3.29.)

a. Ese libro, yo también voy a comprar**lo**.

b. Ese libro, yo también **lo** voy a comprar

As diferenças a respeito da colocação dos clíticos devem se integrar numa interpretação e classificação dos clíticos das diversas línguas. O tema está relacionado com a própria definição de "clítico" em cada caso. A pergunta pertinente poderia ser: esses elementos são clíticos só do ponto de vista fonológico, no sentido de que devem constituir uma unidade acentual com um outro elemento lexical, seja este qual for? Ou, esses elementos, por razões sintáticas, devem cliticizar sempre ao mesmo tipo de categoria sintática? As línguas parecem apresentar exemplos de um caso ou do outro.

3.2.5. Para continuar enumerando as diferenças entre o EE e o EU temos que considerar agora o fenômeno da duplicação.

Vamos lembrar que é conhecido como "duplicação de clíticos" o fenômeno da ocorrência de um SN (ou pronome forte) e um pronome clítico correferentes, na mesma sentença, e aparentemente, com a mesma função sintática ou com o mesmo caso, como por exemplo, em 3.28) d. acima, repetido aqui:

3.30.) ¿ **Lo** viste **a Juan**?

O EE e o EU apresentam o fenômeno da duplicação como **obrigatório** em certos contextos e como **opcional** em outros. A duplicação é **obrigatória** quando

temos um **pronome tônico** com preposição, correferente com um objeto direto ou indireto[6]:

3.31.) *Vi a él / Lo vi a él

3.32.) *Dio el libro a mí / Me dio el libro a mí

Quando temos um substantivo no lugar do pronome tônico acima, a duplicação não é obrigatória:

3.33.) Ayer vi a Juan.

3.34.) María terminó el trabajo esta mañana.

Esta restrição, que é a única restrição absoluta, que rege em toda variedade de espanhol, precisa ser explicada. Uma análise dos clíticos que queira ser explicativa deveria dar conta desta restrição.

Existe variação entre os dialetos em relação aos traços que possibilitam a duplicação. É conhecido o fato de que o espanhol falado no Rio da Prata apresenta maiores possibilidades de duplicação: pode duplicar SNs não animados, o que seria rejeitado por outros dialetos[7]:

3.35.) **Lo** preparé **el mate** con la yerba que me trajiste.

Vamos ver este caso de duplicação dentro de um contexto maior, num exemplo tirado do corpus:

---

[6] Aqui está sendo usada a expressão "objeto indireto" no sentido da tradição da gramática espanhola: o sintagma que pode ser substituido por um clítico dativo na sentença. Esses sintagmas, portanto, só podem levar a preposição *a*, e quando aparecem outras, mesmo se "exigidas pelo verbo", o sintagma não é considerado *complemento indirecto*.

[7] Não posso fazer uma asserção forte em relação com outros dialetos. Só posso dizer que o espanhol falado em Buenos Aires apresenta os mesmos tipos de duplicação que o espanhol falado no Uruguai.

3.36.) ...bueno, allá no no hay hidatidosis precisamente por eso mismo ¿verdad?, porque **los perros los tienen encerrados** y salen solamente al campo a trabajar... (C.9 l.87)

Vamos voltar à consideração deste exemplo. Além da duplicação de SN sem preposição e com o traço [-humano], temos um elemento aparentemente "deslocado à esquerda", com as implicações de função pragmática especial que isso significa, e a questão da ausência de pausa depois do elemento que estaria cumprindo essa função pragmática.

Uma outra restrição forte tem a ver com o traço [-definido] do objeto:

3.37.) *La vi a una mujer en el parque

3.38.)

a. Preparé varios mates con la yerba que me trajiste.

b. *Los preparé varios mates con la yerba que me trajiste.

Este ponto não é nada simples de resolver. O clítico, como expressão deíctica[8] exige a existência de um referente. O problema é que "indefinido" parece não ser igual, sempre, a "não referencial". Com relação às possibilidades de uso do clítico se discute se o traço em jogo é [+definido], [+referencial], [+específico], e qual o valor exatamente destes termos. Não vou aqui aprofundar a questão, só queria apontar para um dos problemas que é necessário considerar se vamos querer analisar o emprego da duplicação.

Considerando outras restrições, podemos lembrar que em estruturas bitransitivas, o clítico acusativo nem sempre pode aparecer sem o clítico dativo. Qual a origem desta restrição?

---

[8] O termo "deíctico" é usado neste lugar para referir a expressóes que não "denotam" mas apontem para um referente, seja este presente na situação ou representado no contexto.

3.39.)

a. María le dio la carta a Marta.

b. María **se la** dio a Marta

c. *María **la** dio a Marta

Porém, o acusativo pode, no EU não aparecer em outros contextos:

3.40.) Le dijiste a María que no vas a ir?

a. Ya **se lo** dije.[9]

b. Ya **le** dije (e).

Podemos lembrar da menção de Kany (1945) que vamos apresentar mais tarde, mas este fato não é geralmente mencionado na bibliografia. Porém, acredito que merece atenção, já que é um ponto em que poderíamos falar de coincidência do EU com o PB.

Vamos resumir as possibilidades da duplicação no EU:

3.41.)

a. A duplicação é **obrigatória** com pronomes fortes.

b. A duplicação é **impossível** com objetos não referenciais

c. A duplicação **pode aparecer ou não** com SNs.

d. O EU duplica objetos [+ animados] e [- animados]

e. O EU apresenta duplicações sem preposição

f. O EU apresenta duplicações com SNs correferentes do clítico, que estejam à esquerda ou à direita do verbo,.

---

[9] O referente do clítico aqui é a sentença completiva da interrogativa, portanto, o clítico aqui é considerado *neutro* e não *masculino*.

3.2.6. Deixamos o problema do uso da preposição "a" com objeto direto, isto é, com constituintes que admitem a substituição pelo pronome acusativo *-lo(-s)/la(-s)-*, para tratar dele separadamente. Esse uso da preposição de acusativo, no espanhol, tem uma extensão que vai muito além do uso que o português conserva, como podemos ver pelos exemplos seguintes:

3.42.)

a. Ontem vi o João.

b. Ayer vi a Juan.

c. *Ayer vi Juan.

A bibliografia sobre o problema é enorme mas parece não existir uma explicação unânime e definitiva. Vamos considerar algumas opiniões, entre elas a da Real Academia Española (por ser a "autoridade") e a de Lois (1982), tese de mestrado que trata o assunto de maneira rigorosa, oferecendo o que provavelmente seja a melhor descrição até o momento.

No "Esbozo de una nueva gramática de la lengua española", a RAE (1973:372) diz: "En documentos latinos de la época preliteraria española aparece con cierta frecuencia la preposición *ad* con acusativos de persona, por confusión con el dativo y considerando a la persona como interesada en la acción. El romance hereda esta confusión vacilante de los dos casos latinos, y ya en la época arcaica encontramos ejemplos de ella; p.ej.: *Veré a la mugier* (*Mio Cid*, v.228 b). En la Edad Moderna se halla muy generalizada la tendencia a construir con la preposición *a* los complementos directos de persona, y sin preposición, como en latín, los de cosa. (...) la evolución continúa hoy todavía, pero sin llegar a normas fijas, y con numerosas excepciones motivadas generalmente por la analogía dentro del sistema de la lengua." (Sublinhados MG).

Os sublinhados querem salientar o fato de que a única explicação que a RAE tenta dar é histórica, e fala de evolução em andamento ainda hoje. Isso só

consegue levar séculos atrás a necessidade da explicação. A RAE fala de "confusão" dos casos na evolução do vulgar ao romance.

Hoje, uma "tendência" geral é o uso de *a* com objetos [+humanos], mas, a própria Academia afirma que não existem "regras fixas". Essas palavras deixam só uma certeza: no século XII já era usada a preposição com acusativo [+humano], como pode ser visto pelo exemplo do *Cantar de Mio Cid*.

Em Rafael Cano (1987) podemos ler: "Esta presencia de *a* obedece al entorno semántico: presencia de un sustantivo [+animado] 'individuado' (*he visto a Juan*); o al deseo de eliminar ambigüedades: *la colina ocultaba a la ciudad*." (op cit. p. 368).

O problema fundamental é que estas descrições não dão conta de regras categóricas nem conseguem uma descrição que não implique exceções. Sim, ao lado do exemplo de Cano, temos que é gramatical: *la colina ocultaba la ciudad*. Porém, há uma regra categórica a respeito do uso da preposição em outros casos:

3.43.)

a. *Vi Juan.

b. Vi a Juan.

c. *Lo vi él

d. *Vi él

e. Lo vi a él

Com relação ao problema da ambigüidade, só vou adicionar ao já dito acima que, no exemplo de Cano, o objeto não apresenta o mesmo traço que o objeto tem no exemplo de Alarcos, e que era, para este autor, a causa da ambigüidade. Isto faz pensar que temos que procurar em outro aspecto a razão da ambigüidade dessas sentenças do espanhol.

Em Alarcos (1994:278-279) podemos ler a respeito da ambigüidade entre sujeito e objeto:

> "hay verbos cuya raíz denota nociones que podrían ser compatibles tanto con lo designado por uno de los sustantivos como con lo sugerido por el otro. [...] Son casos en que la relación establecida entre los entes de la realidad resulta ambiguamente manifestada. Para deshacer el equívoco, se antepone la preposición *a* a la unidad que funciona como objeto directo y que evoca al ser que es afectado por la actividad que denota el verbo. [...]".

O autor acrescenta:

> "El uso de *a* delante del objeto directo debió generalizarse a partir de los sustantivos que designan seres animados. Pero no puede asegurarse que la razón de su empleo consista hoy en el deseo de distinguir los entes animados. Existen otros factores semánticos o gramaticales. En estos ejemplos opuestos: *Encontré comprador/Encontré al comprador. [...] Mataron un gato. /Mataron al gato,* la aparición de *a* está condicionada por la presencia del artículo, es decir, a su valor identificador. En cambio la diferencia de uso entre *Nuestro equipo recorrió Italia* y *Nuestro equipo venció a Italia* se debe a motivos semánticos. pues en el primer caso *Italia* se refiere a la conocida noción geográfica y en el segundo alude a otro equipo distinto del nuestro y por lo tanto podría producirse la ambigüedad señalada más arriba. [...]".

Novamente, é possível observar que seriam gramaticais as sentenças como: *mataron el gato.* Portanto, o artigo não acarreta necessariamente o emprego da preposição.

Podemos resumir dizendo que essas descrições apresentam como causa da presença da preposição:

- a marca semântica do substantivo: traço [+humano] ou capacidade de atividade, ou [+animado].

- necessidade de eliminar ambigüidade com o sujeito

- caráter 'individuado' do substantivo

O primeiro dos traços é o elemento mais citado como causa da presença da preposição, até hoje, por bibliografia de diferentes posições teóricas (v. Suñer (1988) , por exemplo). Mas o próprio Cano (op. cit.:371) diz, a respeito dos verbos *dicendi*: "Pero el complemento [-animado] ha de entenderse como objeto directo, aun cuando lleve preposición: *contestar a una carta - contestarla - la carta contestada*." Isso significa que não há uma relação constante entre a preposição e o traço semântico [+animado] do objeto.

Passamos agora às observações de Lois (1982). A autora estuda com muito cuidado o problema, desde os primeiros dados históricos. Afirma que o acusativo preposicionado começou com objetos pronominais. Vamos lembrar que o uso da preposição -como a duplicação- é obrigatório no caso dos pronomes pessoais fortes. Porém, podemos ter acusativos preposicionados sem duplicação, o que mostra que não é por causa do clítico "absorver o caso" -como já foi proposto- que a preposição aparece:

3.44.) Vi a Juan

Se a preposição fosse necessária para dar caso ao SN, deveríamos dizer, como faz notar Lois, que os verbos transitivos no espanhol não podem atribuir acusativo a certos SNs., e não temos como provar uma asserção tão forte.

Lois trabalha com a hipótese do uso da preposição para identificar o elemento que vai receber o papel theta de argumento externo. A colocação é semelhante à idéia sustentada por Alarcos, mas Lois explicita sua hipótese através da teoria theta: a identificação dos elementos que sustentam o papel theta interno e externo não é imediata numa língua que aparesenta uma ordem livre dos constituintes (alternam SVO / VSO / VOS) e que apresenta também SNs sem caso morfológico (op. cit. p. 50).

Lois vai procurar uma regra para a inserção da preposição no acusativo. Ela vai levar em conta a seleção que o verbo pode fazer em relação ao traço

[animado] no objeto e no sujeito. Dizer que um objeto, numa sentença determinada, poderia ter sido inserido no lugar do sujeito (v. 3.56i), significa que esse objeto estaria marcado com o valor que o verbo exige para o seu sujeito em relação ao traço [animado]. Levando isto em conta, Lois enuncia a regra:

3.45.) "Insérer a obligatoirement:

i) lorsque l'objet aurait pu être inséré en position sujet

et

ii) l'objet est un agent potentiel

Insérer a facultativement lorsque seul i) est satisfaite"

Exemplos:

3.46.)

a. *María vio a Juan* (satisfaz *i* e *ii*)

b. *Juan vio la casa* (preposição excluída segundo *i* e *ii*)

c. *El adjetivo precede al /el sustantivo* (preposição opcional segundo 3.45.*i*)

É interessante a análise que Lois faz de sentenças como aquelas de 3.47.), bastante discutidas:

3.47.)

a. Ella quería llamar a un policía que estaba en la esquina.

b. Ella quería llamar un policía que fuera amable.

Poderíamos dizer que 3.47.) a. obriga ao uso da preposição porque "policía" é "agente potencial" segundo a definição da autora. Com os SNs indefinidos, a preposição está relacionada com o caráter específico do SN, entendendo "específico" no sentido de que *"le locuteur a un individu spécifique en*

tête ou qu'il présuppose son existence. Nous admetrons qu'un NP fonctionnant comme agent dans une phrase est spécifique dans ce sens" (op. cit. p. 55). De acordo então com essa definição, 3.47.) a. está previsto por 3.45.) porque satisfaz i) e ii), enquanto 3.47.) b. não satisfaz ii), isto é, o objeto não seria um "agente potencial" no sentido acima definido (observar o uso do subjuntivo *fuera* no exemplo, no lugar do indicativo *estaba* da sentença anterior).

Deve ser salientado, no trabalho de Lois, a vontade de procurar uma explicitação para a idéia, antiga, da relação entre a preposição e a identificação do sujeito e do objeto, assim como as observações que a autora faz sobre a reduplicação: "Quelques grammariens traditionnels ont corrélé le phénomène du redoublement à l'acc. prep. [MG: accusatif prépositionnel] dans le sens que les deux servent, dans leurs termes, à «faire ressortir l'idée de l'objet». Nous partageons cette intuition."

A autora faz notar que pode não ser uma coincidência o fato de que a duplicação apareça em línguas que não têm uma ordem única SVO. Mas, isso não significa que os dois fenômenos não tenham condições de ocorrência diferentes. No árabe libanês, a preposição só aparece se existir o clítico; no gaulês, pelo contrário, existe a reduplicação com os pronomes sem a preposição do acusativo. No espanhol, segundo Lois, só é possível a duplicação quando a preposição está presente, mas a preposição pode aparecer sem a duplicação.

Para o nosso dialeto, já as três situações são possíveis: preposição de acusativo sem duplicação, duplicação sem preposição e preposição junto com duplicação, obrigatória se o objeto for pronominal (vide supra exemplos dos três tipos).

Finaliza Lois: "Quelle que soit la raison qui a fait que l'acc. prép. ait commencé avec des objets pronominaux, il nous semble qu'elle ne peut pas être très différente de la raison pour laquelle le seul moyen pour ces NP d'apparaître en espagnol moderne c'est dans une structure à redoublement." (op. cit.62)

Evidentemente, a colocação que Lois faz dos dois fenômenos é interessante e pode ser revelador o fato de pesquisar os dados da duplicação levando em conta o uso da preposição. Como ela mesma diz, essa relação já tem sido estabelecida por outros autores, geralmente, para salientar o fato de que no EE são normalmente duplicados os SNs preposicionados. O problema para a nossa análise é que, como foi visto, os dados do EU não permitem uma simples relação preposição-duplicação.

O que não é tratado na bibliografia é o fato do acusativo preposicionado ter começado pelos objetos pronominais -como Lois aponta- e, ainda, o fato de que a duplicação não foi sempre obrigatória com os objetos pronominais, como é hoje.

Mas, mesmo que interessante e oferecendo uma descrição que aparece como a mais adequada (v. 3.45.) acima), a análise de Lois ainda não é uma explicação conclusiva para o problema do acusativo com preposição. É difícil imaginar como o fenômeno como descrito por Lois poderia ser colocado em termos de princípios da Gramática Universal. O presente trabalho vai tratar da preposição somente naqueles casos em que o clítico aparece implicado, isto é, vai examinar o caso da regra que indica o emprego do clítico com pronomes com preposição.

3.2.7. Vou me referir aqui a propostas sobre clíticos em geral ou sobre clíticos do espanhol. Não temos trabalhos gerativistas sobre o EU; existem aqueles que falam do "espanhol do Rio da Prata" ou "portenho", ou "South American Spanish". Destes, aqueles que apresentam exemplos coincidentes com os dados do EU são os trabalhos de Suñer, como vamos ver. (Os estudos sobre os clíticos no PB já foram citados na seção 3.1.).

3.2.7.1. Jaeggli (1982) apresenta as análises anteriores dizendo que podem ser reduzidas a duas teorias fundamentais: a teoria que sustenta a geração do clítico no lugar argumental e o posterior movimento (Kayne, 1975; Quicoli, 1976, entre outros), e a teoria que sustenta a geração do clítico numa "posição de clítico" e

portanto, não postula o movimento desse elemento (Strozer, 1976; Rivas, 1977, entre outros).

Jaeggli (op. cit.) faz uma apresentação crítica das duas teorias e adiciona a sua proposta. Segundo este autor, o trabalho de Kayne, muito importante, não dá conta dos dados das línguas que apresentam duplicação. Essa teoria foi construída para mostrar a impossibilidade da duplicação, com a finalidade de explicar os dados do francês, onde clíticos e SNs estariam em distribuição complementar (os exemplos em francês, apud Jaeggli, op.cit.) :

3.48.)

a. Jean a donné des bonbons à Marie.

b. Jean lui a donné des bonbons.

c. *Jean lui a donné des bonbons à Marie.

d. Juan le dio bombones a María.

Os exemplos em 3.48.) mostram a impossibilidade da duplicação no francês (segundo Kayne) e o contraste com o espanhol.

Jaeggli diz que se houvesse algum clítico que pudesse ocorrer junto de um verbo que apresentasse também um objeto direto e um objeto indireto, esse clítico mostraria a impossibilidade desses elementos serem gerados nos lugares argumentais; se esse clítico não existisse, então teríamos a prova de que a teoria do movimento está certa. Jaeggli acha que o chamado "dativo ético", que ele também chama de "benefactivo", é a prova em contra da teoria do movimento (exemplo do autor):

3.49.) Me le arruinaron la vida a mi hijo.

Em 3.49.) o dativo ético (*me*) aparece junto de um dativo argumental, e ainda temos dois constituintes depois do verbo, correspondentes a um objeto direto

e um objeto indireto. Diz Jaeggli: *"A minimal conclusion given these cases seems to be that at least some clitics must be generated in clitic position. With benefactives it appears that nothing at all is accounted for by positing a transformational derivation."* (o.cit.:19)

Vamos voltar sobre estes exemplos e sobre a conclusão de Jaeggli.

Jaeggli examina a proposta de Rivas (1977) como representante da análise do clítico sem movimento: o clítico é gerado pela base na posição em que aparece na superfície; uma regra de concordância coloca em correspondência o clítico com o NP; uma última regra vai apagar um dos dois elementos, ou nenhum deles no caso de duplicação. Enquanto o processo de adjunção e cliticização ao verbo é um processo sintático igual para todas as línguas romances, e a regra de apagamento seria dependente da variação. Isto significa que, exemplos como 3.50), que não são possíveis em todos os dialetos do espanhol, Rivas considera como fato idiossincrático do espanhol do Rio da Prata:

3.50.) Lo vimos a Guille.

Em oposição a esta colocação de Rivas, a proposta de Kayne deixa estabelecido que as ocorrências de duplicação de clíticos obedecem a regras específicas: a duplicação só é possível quando o NP duplicado é precedido de preposição, porque nesta colocação o clítico é o argumento, portanto o SN não está em posição de argumento que recebe caso do verbo. Jaeggli acha que esta generalização de Kayne de que a duplicação aparece quando aparece a preposição deve ser captada por qualquer proposta, mas na proposta de Rivas se perde, porque o clítico não é gerado como argumento do verbo.

A teoria da geração do clítico no lugar tem, aos olhos de Jaeggli, um outro problema: segundo essa teoria, a estrutura mais comum parece ser aquela em que o clítico e o NP aparecem na mesma sentença, enquanto que, como Jaeggli diz, a duplicação, entre as línguas romances só ocorre regularmente no espanhol e no

romeno, e ainda nessas línguas a construção tem um *status* de alguma maneira especial. Neste sentido, a teoria do movimento parece mais adequada à realidade que as línguas mostram, colocando a distribuição complementar como o caso mais simples, enquanto que a duplicação requer "*extra machinery*".

Jaeggli acha que é necessária uma teoria que, como a de Rivas, permita a duplicação, mas que conserve a generalização de Kayne, e vai propor então considerar uma noção especial de "governo" que chama de "s-governo". [10] Então, um clítico absorve "s-governo". Isto porque um verbo não pode, simultaneamente, governar um clítico acusativo e um NP objeto direto, o clítico deve "absorver" o governo e deixar o NP sem governo. Mas, o verbo pode governar um clítico dativo e um objeto direto, portanto, a absorção do governo pelo clítico parece ser seletiva, e isso é expressado através da noção de "s-governo".

Essa "absorção do governo" pelo clítico explica a distribuição complementar entre o clítico e o SN que aparece em certas línguas romances, mas não explica a duplicação que aparece em outras. A saída é ter um outro elemento atribuidor de caso, para evitar que o NP seja rejeitado pelo Filtro do Caso. Com a generalização de Kayne o problema fica solucionado: a preposição é esse outro atribuidor de caso, e assim Jaeggli pode dar conta de exemplos como:

3.51.) Lo vimos a Guille

E, o que é fundamental, o fenômeno da duplicação não aparece -como na proposta de Rivas- como um fenômeno arbitrário, mas como uma possibilidade que depende de uma noção universal, "s-governo". Então na análise de Jaeggli, no exemplo acima, não temos agramaticalidade porque a preposição, no espanhol do Rio da Prata, pode atribuir caso; no espanhol padrão, a preposição não atribui caso, portanto não podemos ter uma sentença como essa. A duplicação com objeto

---

[10] Os traços de subcategorização do verbo têm um elemento correspondente governado pelo verbo (no sentido de c-comandado dentro de uma projeção máxima); os dois recebem um mesmo índice; esse elemento assim co-indexado é "s-governado" pelo verbo.

direto fica, nesta proposta, relacionada à possibilidade de termos a preposição de acusativo.

Quando o NP não aparece, Jaeggli propõe um PRO no lugar, porque segundo sua proposta, tem que ser uma categoria "sem governo":

3.52.) Lo puse PRO sobre la mesa.

A obrigatoriedade da duplicação no caso de termos objetos representados por pronomes fortes é explicada via regra "Avoid Pronoun" (V: Chomsky 1979):

3.53.) Avoid pronoun if PRO is possible

Como as formas dos pronomes fortes são enfáticas em espanhol, a explicação de Jaeggli para a exigência da duplicação é aquela de que a sentença com duplicação e aquela com o clítico e o pronome nulo, não oferecem uma possibilidade de escolha: o clítico não pode ser enfatizado, portanto só a sentença com a duplicação é possível nesses casos e a regra em 3.53) não pode ser aplicada.

3.2.7.2. Borer (1984), que trata da noção de variação paramétrica, apresenta um exame detalhado dos clíticos, especialmente baseado nos dados do hebreu: "The main empirical support for our parametric system comes from pronominal clitic-constructions. Thus it was necessary to propose a comprehensive analysis of pronominal clitics as they occur in Romance and in Modern Hebrew" (op.cit.:252).

Essas palavras salientam a importância de compreender o comportamento dos clíticos nas diferentes línguas, mas não vamos nos deter nessa noção de variação paramétrica neste momento. Vamos simplesmente lembrar quais as colocações de Borer (1984) em relação aos clíticos, para termos a visão de como vai sendo construída a teoria dos clíticos na gerativa.

As seguintes palavras de Borer sintetizam sua análise dos clíticos:

> "We have argued that clitics are best characterized as the insertion of gender, number and person features into the matrix of a Case-assigning element. These features, when combined with the Case feature, are given an independent phonological representation, which, in turn, "absorbs" the Case feature. Consequently, this Case feature can no longer be assigned to a complement. Rather, an independent Case assigner is required to render a phonologically realized complement grammatical. We differ from earlier base-generation accounts of clitic configurations in several respects: first, we have shown that the clitic is a genuine feature on the head of its phrase. Secondly, we have shown that when no complements appears apart from the clitic itself, the complement node is nevertheless base-generated by the regular base rules and dominates an empty element which is not PRO. We have demonstrated that our analysis is correct by exploring the government properties of clitics and the conditions under which coindexing between clitics and governed complements are possible.(op.cit:.252)

Com os sublinhados queremos salientar certos pontos da proposta: o clítico é gerado como "traço" do verbo; ele recebe o caso que o verbo tem para atribuir; mas o elemento portador do papel theta é gerado no lugar canônico, preenchido ou sem representação fonológica; o clítico é co-indexado com esse constituinte que é regido, e que para receber caso deve ter um elemento que atribua o caso porque o verbo já deu caso para o clítico.

Jaeggli, no trabalho de 1986, vai demonstrar sensibilidade às colocações de Borer (1984). Vai seguir Borer no que diz respeito à associação do clítico com um papel theta: *"We will further assume that like all nominal elements, the clitic contains a referential index...As an element which contains a referential index, the clitic must be associated with a theta role"* (Borer, 1984:38). Mas, Jaeggli pontua que nem todo clítico pode ser considerado simplesmente como "spelling out of Case features" (op. cit.:16) e essas palavras encerram uma crítica para Borer.

Jaeggli (1986) vai apresentar uma classificação dos clíticos em diferentes construções, mostrando que nem todo clítico absorve caso. Podemos resumir:

1- clíticos acusativos: segundo Jaeggli, eles estariam sempre em distribuição complementar com o objeto direto que não seja precedido de "a", portanto aqui o clítico absorve caso;

2- clíticos dativos: estas construções justificam a asserção do autor de que no espanhol os clíticos só opcionalmente absorvem caso.

a) Nas construções em que o objeto indireto é meta, o clítico não aparece em distribuição complementar com o objeto indireto:

3.54.) Le entregué el libro al profesor.

Aqui o clítico é opcional, embora a ocorrência seja preferida. Se o caso é atribuído pela preposição, então o verbo poderia não ter caso dativo para atribuir e, portanto, dentro da hipótese, não pode ser explicado o caso do clítico. Se o verbo é quem atribui dativo, temos dificuldades para explicar a ocorrência livre do clítico e o objeto indireto. Por isso é que se diz que o verbo e a preposição atribuem juntos o Caso, permitindo a co-existência dos dois elementos dativos. Uma outra possibilidade é a colocação de Jaeggli: os clíticos só opcionalmente absorvem caso. Na situação do exemplo acima, o clítico não absorve caso; o caso é atribuído ao NP.

Essa interpretação estaria justificada -segundo o autor- pelo fato de existirem exemplos onde o clítico não recebe caso.

b) com verbos intransitivos: o verbo não tem caso para atribuir ao clítico dativo mas este aparece:

3.55.)

a. Me voy al cine.

b. María se rió de Pedro.

Os clíticos não representam um argumento adicional do verbo, portanto, não absorvem caso; o clítico está co-indexado com o NP sujeito e assim pode satisfazer a interpretação temática.

c) dativo "ético": Jaeggli faz notar que aqui não é possível representar o dativo através de um constituinte preposicionado, só pode aparecer representado pelo clítico; o verbo não tem um caso para atribuir a esse elemento que não é argumental, portanto, o clítico não pode absorver caso.

3.56.) Me le arruinaron la vida a mi hijo.

d) construções de posse: aqui o clítico não pode faltar. O dativo não está associado com um argumento meta, mas, sempre segundo Jaeggli, contribui com um papel theta especial, do verbo, que é atribuído ao objeto indireto e que denota a posse:

3.57.) Le comí la torta a Juan.

3.2.7.3. As análises de Jaeggli tentam captar as possibilidades de uso dos clíticos no francês e no espanhol, mas achamos que não dão conta dos dados do que ele chama de espanhol do Rio da Prata, e Suñer (1988) vai apontar para esse fato. Jaeggli considera agramaticais exemplos como:

3.58.) La vimos la casa de Mafalda.

Nós já vimos, na apresentação dos problemas na análise dos pronomes, que exemplos como 3.58.) são perfeitamente possíveis no EU. O seguinte é um dos do corpus já citado em 3.42.):

3.59.) (...) porque *los perros los* tienen encerrados (...)

Já vimos que Suñer menciona exemplos semelhantes, alguns tirados do corpus da Norma Culta de Buenos Aires. Essa é uma diferença crucial com a análise de Jaeggli, que está baseada, justamente, na agramaticalidade dessas duplicações: os clíticos acusativos, segundo Jaeggli, estariam sempre em

distribuição complementar com o objeto direto que não seja precedido de "a", portanto aqui o clítico absorve caso .

Os exemplos do nosso corpus e os exemplos de Suñer mostram que, no dialeto, não há distribuição complementar entre objeto direto sem preposição e clítico. Portanto, as análises anteriores não dão conta do dialeto.

A análise de Rivas daria conta desses fatos porque, na verdade, é muito poderosa, no sentido de que pode dar conta de qualquer ocorrência de clíticos e SNs. Mas essas análises de grande poder descritivo perdem poder explicativo. Hoje já não podemos mais sustentar uma análise na base de regras de transformação como aquelas; hoje a teoria é bem mais exigente e portanto, com maior poder explicativo. Inclusive, uma análise como a de Jaeggli também não seria mais exposta. Já não temos que dar conta da "atribuição de caso" em estrutura-S: na verdade não temos um nível como "estrutura-S".

Todos os trabalhos anteriores à Proposta Minimalista tinham o problema de explicar a ocorrência de dois elementos em estrutura-S, para um só Caso (e um só papel theta). Na teoria atual o problema já não é colocado nesses termos. Por isso, a seguir, das propostas anteriores à Proposta Minimalista só vamos resumir aquela de Suñer, pelo fato desta autora se basear em dados equivalentes aos nossos. Feito isto, vamos ver os problemas que as diversas propostas deixaram de explicar. A proposta de Suñer (1988) sustenta que:

a) podemos ter ocorrência de clítico e SN sem preposição:

3.60.) Yo la tenía prevista esta muerte. (M.Denevi, Rosaura)

b) a duplicação é uma forma de concordância, o espelho da concordância sujeito-verbo. Suñer chama esta concordância de "Matching Principle" (op.cit.:393)

c) considera os clíticos do espanhol como morfemas de concordância que entram em relações flexivas e que são gerados como parte do verbo, núcleo do VP. Contra Borer, acha que os

clíticos não são o spell-out dos traços de caso. Acha que os clíticos não absorvem caso nem recebem papel theta.

d) os objetos indiretos, como os diretos, são NPs e não PPs.

e) os clíticos participam de cadeias nominais, com um caso e um papel theta. O clítico c-comanda o argumento com o qual está co-indexado.

f) o SN co-indexado com o clítico está na posição argumental.

Suñer sustenta a asserção em f) baseada em possibilidades de extração, ausência de pausa e ocorrência de duplicação em subordinadas:

3.61.) lo último que escuché, claro que la encontré pesada la audición, fue el reportaje. (Barrenechea y Orecchia (1979))

O problema da não existência de pausas não é um índice tão claro de adjacência sintática; só fica claro o contrário: existindo pausa não falamos de adjacência.

3.2.7.4. Resumindo o estado da questão:

I - os trabalhos como os de Borer, Keyne, Jaeggli, não consideram os dados exatos do dialeto, antes, se baseiam em dados contrários (distribuição complementar da duplicação e o SN sem preposição).

II - o trabalho de Suñer, que considera dados como os nossos -os dados de Buenos Aires aparecem iguais aos de Montevidéu, no que tem a ver com sintaxe, especialmente, o uso dos clíticos- necessita ser revisado para termos certeza do *status* desses SNs, tenham ou não preposição, e também, porque hoje é necessário examinar essas análises à luz das novas propostas teóricas. Mas, fundamentalmente, parece difícil aceitar que os clíticos são elementos de concordância quando, como Jaeggli aponta, as construções com clíticos são

opcionais (fora o caso, várias vezes mencionado, da duplicação com pronomes fortes).

Chama a atenção que Suñer e Jaeggli, por exemplo, cheguem a conclusões opostas em relação ao *status* (argumental ou não) dos SNs duplicados.

Um outro ponto de dúvidas causadas por possíveis diferenças nos dados, tem a ver com as afirmações de Jaeggli sobre construções com dativos éticos e de posse. Por mencionar aqui, rapidamente, só um exemplo, podemos dizer que Jaeggli (1986) afirma que os dativos éticos só são possíveis com a primeira e segunda pessoa, como no seu exemplo:

3.62.) *Me* le arruinaron la vida a mi hijo.

De fato, esse exemplo poderia perfeitamente ser tirado de um corpus do EU -é muito comum escutar uma mãe falando assim- mas poderíamos ter também:

3.63.) Ella dice que ese niño no ***le*** come nada, pero la criatura no está nada flaca.

E ainda, poderia ser escutado:

3.64.)

a. Se *me* casa Susana.

b. ¿Sabías que se *le* casa Susana el mes que viene?

Isso significa que dativos éticos aparecem com a terceira pessoa também.

III - A respeito dos trabalhos mais recentes sobre clíticos devemos salientar a consideração dos clíticos como núcleos determinantes (Uriagereka,1993; Raposo, 1994; Cardinaletti, 1994; Hooper, 1993).

Como já foi dito, o problema de satisfazer o Critério theta e a atribuição de caso em estrutura-S, tendo aparentemente dois elementos candidatos a receber o mesmo caso e o mesmo papel theta, problema que gerou todas as propostas que vimos antes, já não é mais colocado. Nos últimos trabalhos, sustentados pela Proposta Minimalista, não existem os níveis de estrutura-S e estrutura-D e os princípios quase todos vão agir na interface FL. Também não vamos ter "lugares estruturais" prévios a qualquer processo de computação: Chomsky (1994) apresenta uma visão radicalmente derivacional (não representativa), na proposta que denomina "bare" em oposição à antiga "X'". A consideração dos clíticos, do PB e do EU, dentro desta nova proposta é tarefa que o presente trabalho quer propor.

CAPÍTULO IV: O CORPUS

4.0. INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo foi dito que as mudanças que diferentes trabalhos tinham apontado como acontecidas no português empregado no Brasil pareciam afetar especialmente dois aspectos da língua: o sistema pronominal e a ordem das palavras. Ao longo do primeiro e do terceiro capítulo foi visto como os diferentes trabalhos constituiam esforços no sentido de procurar uma explicação unitária para aqueles fenômenos. O presente trabalho colocou como objetivo o exame das diferenças e semelhanças no uso dos clíticos no PB e no EU, no entendimento de que esse contraste poderia colaborar na compreensão do comportamento dos pronomes no PB, e por essa via, colaborar na busca de uma hipotética análise unitária para o quadro da mudança que pudesse vir a ser feita no futuro.

Mas, também foi visto (capítulo I e capítulo III) como o comportamento dos clíticos no PB tem sido relacionado com as características da morfologia verbal. E, por essa via, possibilidades no preenchimento de objetos e preenchimento de sujeitos são relacionadas. Por outro lado, o PB apresenta a possibilidade de preenchimento do objeto com elementos pronominais clíticos e não clíticos. Tudo isso faz com que o estudo dos clíticos não possa ser feito fora de uma consideração do sistema pronominal todo, e que seja conveniente que as possibilidades de consideração de preenchimento do sujeito não sejam esquecidas, embora nenhuma das duas línguas possua clíticos nominativos.

Neste capítulo vai ser considerado, na primeira parte, o corpus do PB. Em primeiro lugar, vão ser observadas as formas de preenchimento dos objetos, e, depois será feita uma breve referência ao preenchimento da posição de sujeito. Na segunda parte vai ser considerado o corpus do EU. Na terceira seção são feitas

observações sobre certos fenômenos do corpus não considerados acima. Na última parte do capítulo vai ser apresentado um resumo e colocada uma hipótese de análise levando em conta a interpretação dos dados dos corpora.

4.1. O CORPUS DO PB.

Para a consideração deste tema os dados foram separados da seguinte forma: I) preenchimento do objeto com clítico acusativo; II) com clítico dativo; III) com pronome "*ele* acusativo"; IV) com pronome antecedido de preposição; v) com objeto nulo.

4.1.0. PREENCHIMENTO DO OBJETO

É necessário dizer que chama a atenção a baixa ocorrência de duas formas: a forma *lhe*, que não mostra ocorrências de emprego com valor de acusativo nem de emprego correspondendo a *você*, sendo que as descrições do PB revelam esses usos da forma; e a forma do pronome "fraco" de terceira pessoa como objeto. Atribuo esses dados, por um lado ao fato de que o corpus é pequeno, mas, fundamentalmente, às características do corpus utilizado, sendo que são colheitas de amostras da chamada "norma culta", o que significa falantes com certo grau de controle da produção e em situações que não eram aquelas da produção mais espontânea. Por outro lado, as gravações já têm certo tempo de feitas.

Da mesma forma, atribuo a essas características do corpus, o fato de que apareçam, não só ocorrências do clítico acusativo como objeto direto mas também ocorrências do clítico acusativo "neutro", isto é, aquele que recupera predicados:

4.1.) ...não poderia haver um Estado bem constituído se as famílias não **o** fossem... (DID SP 111)

4.2.) ganhei::. não só::..parentes... ganhei amigos que já **o** eram... (DID SP 111)

Vamos à classificação dos exemplos. A listagem só tem finalidade ilustrativa das possibilidades que o corpus apresenta, portanto, não é exaustiva.

4.1.1. CLÍTICO ACUSATIVO

4.3.) e eu tenho graças a Deus encontrado uma série de amizades... amizades sinceras... que **me** deixam satisfeito (DID SP 111)

4.4.) DOC. o senhor falou que a sua esposa tem irmãos...(...) então como o senhor...**os** passou a ver? (DID SP 111)

4.5.) ...tudo isso precisaria ficar plano pra que o trator pudesse entrar arando o terreno... já de antemão teria uma análise da terra (...) pra deixá-**la** em condições de... germinação possível... (DID SP 30)

4.6.) ...mesmo:: quando:: o filho é grande que faça:: bobagens... os pais sempre **o** defendem porque afinal é um filho...(DID SP 111)

4.7.) isso é normal na criança então ela vai passar por isso... agora eu evito de::.(...) prá que que eu vou levá-**la** num ambiente fechado?... prá que que eu vou levá-**la** em ambientes que poderiam dar margem a que ela pegasse uma doença... (DID SP 111)

4.8.) ... aí meu pai... em boa hora... resolveu **me** mandar para umas fazendas em formação... (DID SP 30)

4.9.) DOC:... escuta e quais os tipos de programa que mais **te** atraem? (DID SP 161)

4.10.) ...por favor o senhor **nos** ajuda (...) (DID SP 161)

4.1.2. CLÍTICO DATIVO

4.11.) ... a família... ahn sempre **nos** traz uma satisfação imensa (DID SP 111)

4.12.) ...só **me** dá satisfação essa minha filha... e espero que continue **me** dando... (DID SP 111)

4.13.) esses parentes que são::.. dois irmãos casados e um solteiro... já **me** trouxeram alegrias... (DID SP 111)

4.14.) ... meu pai muitas vezes **me** negou muitas coisas (DID SP 111)

4.15.) ... eu posso **te** dizer (...) (DID SP 30)

4.16.) num **me** falou nada contra o hospital... (DID SP 111)

4.17.) o senhor poderia **nos** descrever (...) como é que (...) (DID SP 111)

4.18.) ... quem faz teatro qualquer papel... que **lhe** seja conferido ele deve saber interpretar ... (DID SP 161)

4.19.) ... lendo alguma coisa que **me** interessava... (DID SP 30)

4.20.) ... **me** parece que o Corinthians fo formado... foi fundado na na rua da Graça... (DID SP 16)

4.21.) ... me sentí bem no :: no papel que **me** foi conferido... (DID SP 161)

4.1.3. PRONOME *ELE* ACUSATIVO

4.22.) ...eu conheci os parentes dela ja há algum tempo... então eu... praticamente conheço quase todos e tenho um relacionamento bom...eh... pouca convivência ... mas ahn conheço **todos eles** ... (DID SP 111)

4.23.) ... quer dizer a bola é colocada no local onde a falta ocorreu... E:: o jogador do time que sofreu a falta... recoloca **ela** ... geralmente passando para o seu companheiro... (DID SP 16)

4.1.4. PRONOME PESSOAL ANTECEDIDO DE PREPOSIÇÃO

4.24.) ... depois eu vou mostrar uma fotografia que eu tenho dela aí **pra vocês**... (DID SP 111)

4.25.) a gente queria que você... falasse **para nós**... sobre o futebol... (DID SP 16)

4.26.) ... se nós precisávamos da ajuda de um policial precisávamos pedir **pra ele** na hora na rua...

4.27.) ... fazer uma peça pra ciança você ver rostinhos bonitinhos simpáticos olhando **pra você**...

Como pode ser observado, nos exemplos acima não aparecem ocorrências com a preposição *a* mas só com a preposição *para*. O fenômeno já tem sido tratado na bibliografia sobre o PB. Assim, entre outros, Ramos (1989), Scher (1996), Dillinger et al. (1996). Voltarei sobre o assunto.

4.1.5. OBJETOS NULOS

Aqui se faz necessário dizer que classificamos os objetos nulos seguindo a proposta de Kato (1994), que faz a distinção, para o PB, dos seguintes tipos de objetos nulos:

A - *"exopro"*: é um deíctico nulo, isto é, aponta para um referente que está na situação extralingüística, e que aparece em sentenças independentes. É um fenômeno translingüístico. A peculiaridade deste elemento no PB está no fato de poder aparecer em sentenças não imperativas enquanto em outras línguas (inglês, por exemplo) é restrito a sentenças imperativas.

4.28.) Envie ∅ pelo correio

4.29.) Vou enviar ∅ pelo correio (exemplos de Kato (1994))

É difícil que ocorrências de "exopro" apareçam no corpus, pelas características do material. As condições das entrevistas são mais próprias para que apareçam objetos nulos com antecedentes discursivos e não aqueles com referentes na situação de comunicação e não mencionados.

B - *anáfora*: o objeto nulo neste caso tem o antecedente na mesma sentença:

4.30.) João ∅- machucou (exemplo de Kato (1994))

Exemplos deste tipo não são apresentados porque os reflexivos estão fora da consideração deste trabalho, como ficou dito quando foram definidos os objetivos, mas podemos mostrar um dos exemplos, que resulta interessante porque o mesmo verbo aparece uma vez com o clítico realizado (*se*) e outra vez com anáfora como elemento nulo:

> 4.31) ... então ela começa a sugar a seiva e a planta não se desenvolve...(...) depois tem o pulgão (...) que ele fica nos frutos e nas flores e não deixa que haja polinização normal... que o fluxo **desenvolva** não é? (DID SP 30)

C - *clítico nulo*: o objeto neste caso tem como antecedente um elemento não focalizado, mas pressuposto. Na interlocução, o antecedente é recuperável em sentença anterior ou em turno prévio. Também pode aparecer no tipo de construção Tópico - Comentário, com o elemento que constitui um tópico discursivo correferente com o clítico nulo na sentença.

4.32.) Quanto ao bolo, o Pedro ∅-comeu ontem.

D - *variável*: é o caso de um elemento focalizado, que supõe um movimento para posição A', o que deixa uma variável no lugar de inserção:

4.33.) Só os homens$_1$ a Maria convidou t_1 (exemplo de Kato (1994))

Vamos ver agora ocorrências do corpus, que vão corresponder, pelo que foi antes dito, aos casos C) e D) do chamado "objeto nulo".

- objeto nulo como clítico nulo

1º) com antecedente em sentença ou turno anterior:

4.34.) ... agora do lado da minha esposa... em relação aos meus... já há uma diferença... então:: ela pouco **conhece** então não vai **visitar** (...) (DID SP 111)

4.35.)

DOC: ... e onde entra sua esposa nessa estória ?

INF: ... a minha esposa eu já conhecia... bem antes de começar a namorar... (DID SP 111)

4.36.)

INF: num posso dizer nada contra ela né?

DOC: então **elogia**... (DID SP 111)

4.37.) ... porque meu pai não tinha fazenda... nenhum dos meus tios **tinha...** (DID SP 30)

4.38.) ... põe o toucinho encima **deixa** uns quinze a vinte minutos aí... (DID SP 30)

2º) com um tópico como antecedente:

4.39.) ... agora evidentemente além do médico sempre há há os:...colaterais os médicos da família num é?... cada um dá um palpi::te... (...) ... *os palpites dos::.. dos lados* eu não **escuto** né? (DID SP 111)

4.40.) é interessante a colheita do arroz...*isso* ... já **tinha visto** uma vez... mas essa ... foi diferente... (DID SP 30)

4.41.) no "Inspetor" ... que foi onde eu mais me emploguei sei lá que gostei um pouco mais do papel... se bem que qualquer papel...quem faz teatro *qualquer papel... que lhe seja conferido* ele deve saber **interpretar** ... (DID SP 161)

4.42.)

INF.(...)num livro que eu li nessa minha fase de agricultura... de sonho ...

DOC. ah... sei...

INF. *esse livro* devo **ter lido** umas oito vezes... (DID SP 30)

- objeto nulo como variável:

4.43.) (...) nós não tivemos apoio nenhum... com exceção de POUquissima coisa que nos foi conferida pela:: Prefeitura de São Paulo...(...) e mesmo foi MUito pouco viu? muito pouco mesmo que eles nos deram... ... **até o aluguel do teatro** nós **pagamos** com os recursos da... da... do dinheiro dos ingressos... (DID SP 161)

4.44.) ... então muitos trechos chegaram a estragar... dado o prazo muito grande que ficou para ser revelado o filme ... (...) **muitos trechos** nós fomos obrigados a **perder**... e trechos que:: talvez tenham dado muito:: eh:: muita dor de cabeça pra ser filmados... (DID SP 161)

4.2. O CORPUS DO EU

4.2.0. PREENCHIMENTO DO OBJETO

Os dados foram organizados em forma paralela àqueles do PB mas levando em consideração as peculiaridades da língua, isto é a presença das duplicações, e o fato de que não temos preenchimento com pronome pessoal (não clítico) que não esteja antecedido de preposição, portanto, vamos ter preenchimento do objeto: I) com clítico acusativo; II) com clítico dativo; III) com duplicações e IV) com objetos nulos.

É necessário esclarecer que a tradição da gramática espanhola é a de chamar de *complemento indirecto* só aquele que pode ser substituído pelo clítico dativo, e que está representado por um sintagma introduzido pela preposição

a.[1]Sintagmas preposicionados com outras preposições como núcleo não são considerados *complementos indirectos.*

Voltando aos exemplos do corpus, é necessário ter presente que as sentenças com **duplicações** apresentam as seguintes possibilidades:

1) objeto direto com duplicação sem preposição:
   a) a SN ... clV...
   b) clV... a SN

2) objeto direto com duplicação sem preposição:
   a) SN ... clV...
   b) clV... SN

3) objeto indireto com duplicação:
   a) a SN ... clV...
   b) clV... a SN

4) duplicação contendo pronomes:
   a) a pronome ... clV...
   b) clV... a pronome

As ocorrências são apresentadas a seguir, de acordo com o esquema acima.

4.2.1. CLÍTICO ACUSATIVO

4.45.) ...voy levantando cilindros de torno...**los** voy cortando y armo la figura... (C12 l.80)

4.46.) ...por suerte **me** estaban esperando ... (C15 l.73)

4.47.) ...cuando...un niño **te** abraza (...)(C17 l.75)

---

[1] "No deben considerarse objetos indirectos los adyacentes caracterizados por la preposición *para*, aunque puedan referirse en la realidad a un destinatario. En oraciones como estas: *Han traído un paquete para el director. Compraremos un juguete para el niño.* , los segmentos *para el director* y *para el niño* no son objetos indirectos. Si se anteponen al núcleo ono dejan junto a este un referente átono. (...) Son, además, compatibles en la oración con otro adyacente en función de objeto indirecto *Han traído al conserje un paquete para el director* (...)". (Alarcos Llorach, E. (1994: 292). Alarcos também emprega os termos *complemento* para o *objeto indirecto, implemento* para o objeto *objeto directo*, *suplemento* para o *objeto preposicional* (argumental) e *complemento circunstancial* para o adjunto não argumental.

4.48.) ... realmente Nueva Zelandia **nos** impactó desde todo punto de vista... (C9 l.87)

4.49.) ...entonces para agarrar el canguro y acariciar**lo**...(C9 l.87)

4.50.) ...para sacar de esos moldes unas series de piezas iguales que el artesano **las** trabaja después a su manera...(C.12l.80)

4.51.) ...y entonces hicimos todo en auto junto con otros amigos también... que **los** conocí allí...(C15 l.73)

4.52.) ...la Alhambra es muy bonita... yo no **la** pude disfrutar mucho (...)(C15 l.73)

4.2.2. CLÍTICO DATIVO

4.53.) ...yo me siento muy obligada frente a los chicos con quienes trabajo aunque muchas veces pienso que no **le** *(sic)* estoy dando lo mejor de mí misma...(C17 l. 75)

4.54.) ...los alemanes **te** llaman la atención...(C 15 l.73)

4.55.) ...conta**me** un poco de tu viaje a Europa... (C15 l.73)

4.56.) ... ese amor que él siente por ellos en alguma medida **se** (=les) lo logra transmitir... (C17 l.75)

4.57.) ...pero **me** preguntó qué idioma hablaba yo... (C15 l.73)

4.58.) ... el animal si recibe amor... **te** da amor multiplicado por mil... (C17 l.75)

4.59.) ... **nos** dieron una serie de charlas y conferencias (...)(C9 l.87)

4.60.) ...y ese barro se prepara de tal manera que se tamiza para sacar**le** la arena y las impurezas... (C.12l.80)

4.61.) ... mientras estaba dándo**le** pan y acariciando a un canguro... (C9 l.87)

4.62.) ...dedico dos o tres horas a abonar las plantas (...) a lavar**les** las hojas (C17 l.75)

4.2.3. DUPLICAÇÕES

Aqui os exemplos vão ser diferenciados segundo a posição do elemento (SN ou pronome) correferente com o clítico: este elemento pode aparecer à esquerda ou à direita do verbo. Ainda é necessário sublinhar que as duplicações podem aparecer em sentenças independentes, principais ou subordinadas, como pode ser visto a seguir.

1) objeto direto com duplicação com preposição

a) a SN ... cIV...

4.63.) y países que tienen políticas quizás no tan liberales pero que están a la cabeza en el desarrollo del mundo... eh... aplican sistemas que favorecen o que estimulan la producción ... con el ... mediante el sistema de de... de subvención... para que sea rentable la producción agropecuaria... mencioné Estados Unidos pero en el Mercado Común tenemos una cantidad de casos...caso de Francia... que **a los sesenta millones de productores franceses los los** subvenciona para que puedan seguir existiendo...(C30 I.15)

4.64.) ... ahí aprendió que los consultorios médicos (...) tienen que ser algo muy agradable... (...) que **al niño lo lo** atraiga (...)(C17 I.75)

4.65.) ...si **al perro lo** atás siempre y no te ocupás de él (...)(C17 I.75)

4.66.) ... realmente **a uno lo** deja emocio muy muy emocionado (...)(C15 I.73)

b) cIV... a SN

4.67.) ...incluso **los** tocamos **a los canguros** ... (C9 I.87)

4.68.) (...) y brindé por todos mis amigos (...) **los** recordé **a todos** en ese momento...(C15 I.73)

2) objeto direto com duplicação sem preposição:

a) SN ... clV...

4.69.) ... la Universidad actual es una Universidad eh... donde los órdenes estudiantil... docente y profesional no intervienen en el gobierno universitario... la Universidad anterior... eh... **las decisiones del ámbito universitario... las** tomaban (sic) un consejo universitario que estaba integrado por los tres órdenes... (C30 l.15)

4.70.) ...**sus ideas las** continuaron una serie de amigos y después alumnos de sus amigos (...)(C.12l.80)

4.71.) y parecía que esa mañana **la ciudad la** habían limpiado...(C9 l.87)

4.72.) y los perros están durante todo el día encerrados (...) ...no hay hidatidosis precisamente por eso mismo ¿verdad? ...porque **los perros los** tienen encerrados y salen solamente al campo a trabajar (...)(C9 l.87)

4.73.) ... **los primeros canguros que vi en Australia lo** (sic) vi en un jardín zoológico...(C9 l.87)

4.74.) ...y **esto** realmente **lo** quiero recalcar muy muy bien... (C9 l.87)

4.75.) ... si **el animal lo** ponés en una cadena... el perro se hace como un niño maltratado... (C17 l.75)

4.76.) ese amor que él siente por ellos en alguna medida se lo logra transmitir (...) y **los chicos** ... hablándole (sic) **los** convence de que se tienen que revisar... de que tienen que abrir la boca...(C17 l.75)

4.77.) ...**ese capital que pudo conseguir gracias a a la venta de sus productos en época de guerra a un precio muy muy elevado**... no **lo** supo volcar... en obras de desarrollo (...)(C30 l.15)

b) clV... SN

4.78.) (...) que quienes son responsables...tienen la enorme responsabilidad de llevar adelante esa producción... **lo** hagan con cariño **lo que están haciendo** y ... se irá saliendo... (C30 l.15)

4.79.) ... pasan también contoneando al Cristo caído de la cruz...que va con el manto y la cruz eh... vestida y lo también **lo** van haciendo **el mismo contoneo**... ...(C15 l.73)

4.80.) ... realmente **lo** comprobé **que es así** ... (C9 l.87)

4.81.) ... creo que **lo** dejamos un poco en el aire **eso de la motivación en la gente joven...en la cerámica**... (C12 l.80)

4.82.) ...lo único que era capaz de escribir y de decir correctamente era Angenscheidt...porque **lo** (sic) veía permanentemente por televisión **la propaganda**... (C17 l.75)

4.83.) S. tenía para... esperaba para mediados de abril... (...) mediados o fines de abril... entonces yo aproveché... me fui a París... estuve una semana en París... de ahí me fui a a Italia y cuando volví estuve una semana antes de que tuviera familia y una semana después que **la** tuvo **la nena**... ...(C15 l.73)

3) objeto indireto com duplicação

a) a SN ... clV...

4.84.) ...si **a un ceramista le** gusta mucho mucho la cerámica... (C12 l.80)

4.85.) ...y **a los chicos**...hablándo**le** (sic)...los convence (C17 l. 75)

b) clV... a SN

4.86.) ...y acá los alfareros son muy pocos y por levantar**le** una pieza **a un ceramista** cobran... y bien merecidos... (C12 l.80)

4.87.) ver Granada para la puesta de sol es una experiencia extraordinaria... toda rosada se ve... toda sonrosada... no sé si será el reflejo del sol en la nieve que **le** da ese resplandor rosado **a to a toda la ciudad**... (C15 l. 73)

4.88.) y después en un grupo llevando a a a la Virgen... (...) que la van hamacando... (...) y que dicen que lo mismo es en Sevilla... pero en Sevilla le van cantándole y diciendo cuando va pasando...**le** van diciendo piropos **a la Virgen** (C15 l. 73)

> 4.89.) podíamos utilizar eh... mecanismos que nos permitían inclusive eh... instaurar cátedras paralelas cuando no estábamos de acuerdo con con la calidad de un docente ...si bien no se podía juzgar la calidad de un docente...pero sí la dedicación que **le** daba **al curso**...(30 I. 15)
>
> 4.90.) ...el Uruguay ahora ...**le** tiene que vender alimentos **a otro grupo de gente**...(30I.15)
>
> 4.91.) ...**nos** tocó **personalmente y...y a un grupo de profesionales egresados de la Universidad anterior**...orientar...acompañar y ayudar a muchos de esos estudiantes... (30 I.15)
>
> 4.92) entonces nosotros nos acercábamos a los canguros... le dábamos pan que habíamos comprado pan para dar**le** (sic) **a los bichos** y eso... entonces **le** (sic) dábamos **a los canguros**...(C9 I.87)

No último segmento do corpus, aparece um fenômeno que merece ser observado: o clítico *le* não concorda em número com o sintagma correferente. Isso acontece nesse fragmento por duas vezes, como pode ser visto, e acontece também no exemplo (4.76). E. Alarcos Llorach, na sua **Gramática de la lengua española** (Alarcos, 1994), apresenta o fenômeno da seguinte maneira:

> "La frecuencia de *le* y *les* redundantes lleva a veces a inmovilizarlo en número, utilizando el significante *le* también para el plural. Es uso más americano que peninsular, aunque gana terreno. (...) Obsérvese que siempre *le* precede al objeto indirecto léxico. En caso contrario, se mantiene la diferencia de número (Sublinhado, MG). (op.cit. pp 204-205)

Sublinhamos a observação que não é coincidente com os dados do nosso corpus: segundo os dados, no EU, o clítico dativo de terceira pessoa pode aparecer em singular com o sintagma duplicador em plural quando o clítico está à esquerda do sintagma ou quando está à direita. Ainda, casos de "falta de concordância" acontecem também com o clítico acusativo. Mostram esse tipo de fenômeno o exemplo 4.73) (número) e o exemplo 4.82) (gênero), entre os fragmentos já apresentados. A produção oral espontânea faz pensar que o fenômeno é bastante extendido e a análise sintática deve dar conta desses fatos.

4) duplicação contendo pronomes

a) a pronome ... clV...

4.93.) ... pero de cualquier manera eh... el viaje... la beca nos sirvió de mucho eh... para la actividad que desempeñamos ... (...) lógicamente **a nosotros nos** sirvió de mucho... porque una cosa es leer, es estudiar sobre determinada cosa (...) una cosa es leerlo y otra cosa es verlo hecho... (C9 l.87)

4.94.) ... ellos se quedaron porque tenían muchas ganas de hacer playa...y **yo** (sic) justo te te **me** hubiera gustado estar el Viernes Santo en Sevilla pero era imposible por los pasajes entonces me conformé con irme a Málaga... (C15 l.73)

4.95.) ... **yo** (sic) realmente **me** gustaban siempre mucho las plantas... pero no me había ocupado nunca de plantas... (C17 l.75)

4.96.) ...entonces **nosotros** *(sic)* **nos** llamó la atención eso (...)(C9 l.87)

4.97.) ... él siempre dice que no podría ser médico de adultos porque lo único que **él** (sic) **le** interesa son los niños... (C17 l. 75)

b) clV... a pronome

4.98.) **les** interesa solamente **a ellos** (C12 l.80)

4.99.) ...**me** parece **a mí** que el animal es un corazón con cuatro patas ...(C17 l. 75)

4.100.) ...no **nos** pasa solamente **a nosotros** los ingenieros agrónomos (...)(C9 l.87)

4.2.4. OBJETOS NULOS

4.101.) en el menú había sopa de cola de canguro... parece que **toman** que hacen sopa con la cola del canguro... unos compañeros míos ... **comieron**... yo realmente soy reacio a la sopa ... (C9 l.87)

4.102.) como es un bicho herbívoro... bueno... le comían el campo,,, comían pradera... comían todo... **todo lo la la parte verde que**

encontraban comían ¿no? tanto fuera árboles... pradera... campos... lo que fuera... (C9 l.87)

4.103.) ... por otro lado pienso también que la Universidad... debe estar no reñida... sino ligada al Estado... debe tener la... debe marchar en común en cuanto a los proyectos de de evolución del Estado... pero debe ser independiente... y ... debe ser quien también **marque**... eh... como debe **marcar** en una democracia libre la oposición... la Universidad también debe marcar los errores que que pueda tener el Estado desde el punto de vista técnico... (C30 l.15)

4.104.) tuvieron la suerte de criarse juntos con perros ... gatos... y **hasta una chiva tenían** en la quinta donde vivíamos... (C17 l.75)

4.3. OBSERVAÇÕES

4.3.1. ALGUMAS OBSERVAÇOES SOBRE OS OBJETOS INDIRETOS

Ramos (1989) afirma:

"...num levantamente preliminar sobre SNs dativos, pude observar que a preposição *a* parece estar em variação com outras preposições, e sua freqüência se mostrou bem baixa (27 em 100 ocorrências) em entrevistas com falantes de São Paulo. (...) Parece que no PB as "preposições fortes" são preferidas em detrimento do marcador *dummy*".

Figueiredo Silva (m.s.) também aponta para a escolha da preposição *para* "em contextos dativos", na língua falada; a autora cita Ramos e acrescenta:

"... quando dizemos que houve "perda" da preposição *a* na língua falada, não estamos implicando que essa preposição desapareceu do português brasileiro, o que seria imadiatamente desmentido pelos fatos. Queremos dizer sim, que, em alguns contextos, como esse da expressão do dativo ou de alguns locativos, parece ser muito forte a tendência ao uso de *pra*; em outros, observa-se um movimento mais lento de substituição de *a* por *de* ou ∅ (...)" (op.cit.:2).

Por sua vez, Scher (1996) no seu estudo sobre construções com dois complementos, faz uma classificação dos verbos do PB que selecionam complementos com as preposições *a, para* ou qualquer uma das duas, observando as possibilidades de omissão da preposição em cada grupo de verbos. A autora procura estabelecer cual o grupo que permite as construções de duplo objeto próprias do português falado na Zona da Mata Mineira, do tipo: *dei papai o livro*.

Scher constrói uma lista de verbos que admitem *a* (A), uma lista de verbos que admitem *para* (B), e duas com verbos que admitem as duas preposições, sendo que com um dos grupos a preposição não pode ser omitida (C) e com o outro, sim (D). A autora vai relacionar esta diferença à atribuição de papel theta pelo verbo. Os verbos do grupo C podem aparecer em sentenças sem a presença obrigatória do OI:

4.105.)

a."Ele decreveu o evento muito bem"

b."A Joana adora insinuar bobagens"

Para Scher, isso pode ser indicação de que esses verbos não tem um argumento alvo na grade temática. Portanto, essas sentenças não podem aparecer sem a preposição que, neste caso, atribuiria papel theta ao SN.

A possibilidade de omissão da preposição com o grupo de verbos D é relacionada, por Scher, ao fato de que o papel theta, neste caso, seria atribuído pelo verbo e pela preposição: haveria uma redundância na marcação do papel theta pelos dois predicadores. Scher segue neste ponto a explicação para o caso do complemento duplo do inglês dada por Larson (1988). "A marcação de papel theta pelo predicado preposicional ficaria inativa possibilitando a não realização de seu núcleo." (Scher, op. cit.: 36)

Na lista de verbos que admitem *para* como única possibilidade no PB[2] encontramos verbos que teriam o seu complemento introduzido por a no EU, e ainda, representados pelo clítico dativo:

4.106.)

B[3]

comprar um presente para a mãe

Le compré un regalo a mamá / Compré un regalo para mamá.

fazer o almoço para o pai

Le hice el almuerzo a papá/ Hice el almuerzo para papá.

buscar flores para a namorada

Fui a buscarle flores a mi novia / Fui a buscar flores para mi novia.

ler o livro para o filho

Le leí un livro a mi hijo/ *Leí un libro para mi hijo (mais alvo do que beneficiário)

No espanhol, quase todos esses verbos (com exeção de *leer*) admitem a construção com um dativo (*le*) e mais a frase duplicadora com *a* , e também, uma construção com a prep. *para*. Esta segunda construção não admite o clítico nem a duplicação.

4.107.)

C

deixar muitos bens para/a os filhos

Les dejó muchos bienes a sus hijos

Dejó muchos bienes para sus hijos

mandar uma carta para / a o amigo

---

[2] A autora (comunicação pessoal) aceita a indicação da possibilidade dos usos das preposições indicados nos grupos A e B do seu trabalho, como pertinentes para o PB, e não só para o PBM, como acontece com as indicações sobre a possibilidade de omissão da preposição nos grupos C e D.

[3] O grupo A de verbos no trabalho citado (Scher, 1996), está constituído por verbos que, no espanho, não são construidos com dativo: assistir a um bom filme, atender ao pedido, obedecer ao regulamento, etc.

Le mandó una carta al amigo.

Mandó una carta para el amigo.

traer flores para / o amigo

Le trajo flores a su amiga

Trajo flores para su amiga

insinuar alguma coisa para /a o chefe

Le insinuó algo al jefe

* Insinuó algo para el jefe

mentir para /a mãe

Le mintió a su madre

*Mintió para su madre

Como é possível ver pelos exemplos acima, as duas listas no espanhol aceitam a preposição *a* junto com o clítico em todos os casos; a maioria dos exemplos aceita a preposição *para* sem o clítico, e alguns rejeitam esta segunda possibilidade, aceitando só a primeira. Poderiamos concluir que, no espanhol, todos esses verbos atribuem papel theta de alvo. Porém, é necessário lembrar que, tanto no espanhol quanto no português, a aceitação do clítico dativo não significa por si só que esse verbo atribua papel theta de alvo:

4.108.)

D

anunciar a decisão para /a os filhos

Les anunció la decisión a los hijos

Anunció la decisión *para los hijos

comunicar a decisão para (?)/a os amigos

Les comunicó la decisión a los amigos.

Comunicó la decisión * para los amigos

contar o caso para/a o público

Le contó el hecho a su amigo

Contó el hecho * para su amigo

dar um presente para /a o pai

Le dio un regalo al padre

Dio un regalo *para el padre

emprestar o livro para /a o colega

Le prestó el libro al colega

Prestó el libro * para el colega

É interessante que, este grupo de verbos que o PBM trata de maneira especial, no espanhol também apresente possibilidades de distribuição diferentes àquelas dos grupos B e C. Estes verbos não podem ser usados com o adjunto introduzido por *para,* pelo menos, não para a expressão do papel de alvo. *Prestar*, por exemplo, poderia ser empregado com *para* numa sentença como:

Prestó sus libros para que la Biblioteca los pusiera a disposición de los alumnos.

Possivelmente, a descrição mais adequada seja a de que no EU, a expressão do papel de alvo é representada pelo clítico ou pelo clítico com uma frase com a preposição *a*, e só quando as características do SN não exijam o clítico, poderá aparecer o SN com a preposição *a* sem o clítico. O traço em jogo parece ser o traço específico/referencial do SN.

É oportuno chamar a atenção para o fato de que, no corpus do EU, os exemplos de frases preposicionadas que podem ser consideradas como *objetos indirectos*, e que ocorrem sem a presença do clítico, são muito poucas. Os seguintes são os casos de *a+ SN* sem clítico que o corpus oferece:

4.109.)

a. los países desarrollados dedican uma parte muy importante de su presupuesto *a la investigación y a la docencia* [= les dedican] (C 30 l. 30)

b. tuvo que asegurar precios *a los productores* (= les tuvo que asegurar precios) (C 30 l. 30)

c. se pidió *a los organismos encargados de financiar esas cosas... internacionales*...(= se les pidió) (C 30 l. 30)

d. la actividad mía en el plan agropecuario es prestar asistencia técnica y crediticia *a los productores rurales* es decir... se asesora gratuitamente a todo productor agropecuario que lo solicite[4] ... (= prestarles asistencia técnica) (C 9 l. 87)

e. hay personas que se dedican a amaestrar perros y después los venden *a los productores* (= se los venden) (C 9 l. 87)

f. el alfarero se planta con sus dos manos abiertas enfrente de esa rueda giratoria y va dando la forma *a la pieza* ... (= va dándole) (C 12 l.80)

g. se planifica... se piensa... se madura y se busca un tema o un estilo en particular que ha llevado años elaborar... para presentar una serie de diez o quince piezas *a un público* ... piezas que después entre los críticos y el público hacen trizas... (= presentarle) (C 12 l.80)

h. MLL juntó las dos cosas más difíciles en un artesano... es decir... la capacidad de oficio... de buen oficio... y el talento artístico... al juntar las dos cosas pudo aplicar elementos plásticos *a la cerámica* (= aplicarle) (C 12 l.80)

Em primeiro lugar, é necessário dizer que esses argumentos podem estar representados pelo clítico, e que a frase duplicadora pode também aparecer na sentença nesses casos. Isso significa que esses objetos admitem o clítico. A peculiaridade que distingue esses objetos é que são os únicos objetos indiretos sem clítico em todo o corpus. A generalização descritiva, então, é a seguinte: com esses referentes, o clítico dativo pode aparecer mas não é obrigatório. O traço que parece ser comum a todos esses SNs é que não possuem um referente específico: são quase todos eles genêricos, e um deles, indefinido não específico.

---

[4] Eu uso o verbo *asesorar* com regime direto: *se asesora gratuitamente a todo productor agropecuario que lo solicite* = **se lo asesora**.

4.3.2. SUBIDA DE CLÍTICOS *(CLITIC CLIMBING)*

Nas perífrases verbais, no espanhol, os clíticos podem aparecer junto do verbo que dá papel theta para o clítico (v.: a) embaixo) ou eles podem aparecer à esquerda do verbo auxiliar, na construção chamada de *subida de clíticos (clitic climbing)* (v.: b) embaixo):

4.110.)

a) V Aux V cl

b) cl VAux V

Isto ocorre nas perífrases temporais, aspectuais ou modais:

4.111.)

a) ... y además te la voy a contar porque es muy folclórica... (C15 l.73) (Cf. *voy a contártela*)

b) y los van clasificando (C15 l.73) (Cf. *van clasificándolos*)

c) ... que la van hamacando... (C15 l.73) (Cf. *van hamacándola*)

d) ¿qué nos podés decir? (C9 l.87) (Cf. *¿qué podés decirnos?*)

Por sua vez, naquelas perífrases que constituem os chamados *tiempos compuestos*, formadas pelo verbo *haber* com participios, só há uma posição possível para o clítico:

4.112.)

a) pero lo habían remodelado (C15 l.73) (Cf. * habían remodeládolo)

b) ... el universitario no tiene más remedio que que aceptar el docente que se le ha colocado...(C30 l.15)

c) si... los aztecas hubieran tenido un L69 (...) lo hubieran usado... (C12 l.80)

d) esa mañana la ciudad la habían limpiado... (C9 l.87)

No PB, os clíticos aparecem em próclise ao verbo que dá papel theta para o clítico:

4.113.)

a) e eu tenho graças a Deus encontrado una série de amizades (DID SP 111)

b) até hoje eu tenho me divertido bastante (DID SP 30)

c) só me dá satisfação essa minha filha... e espero que continue me dando... (DID SP 111)

d) deve sempre se esperar (...) deve se esperar um pouco para secar ... aquilo... (DID SP 30)

e) vão me chamar de ignorante... (DID SP 161)

O clítico acusativo mostra um comportamento especial: as vezes aparece em ênclise ao segundo verbo, outras, apresenta climbing e fica em próclise ao auxiliar:

4.114.)

a) pra que que eu vou levá-la num ambiente fechado? (DID SP 111)

b) o senhor falou que a sua esposa tem irmãos... (...) então como o senhor... os passou a ver (DID SP 111)

4.4. OS PRONOMES NOS DOIS CORPORA

4.4.0. AS DUPLICAÇÕES

Antes de comparar os dados dos dois corpora, é necessário considerar o fenômeno da duplicação no EU[5]. Em primeiro lugar, é preciso observar o contraste entre as diversas possibilidades de preenchimento do objeto que os dados mostraram. Estas possibilidades podem ser resumidas em: preenchimento do objeto por sintagma nominal, por pronome, ou presença de dois elementos correferentes:

4.115.)

a. Compré el libro.

b. Lo compré.

c. El libro lo voy a comprar esta tarde.

O fato de que as três sentenças sejas possíveis, significa que não podemos interpretar o clítico como um mero morfema de concordância do verbo com o objeto: se o clítico fosse um morfema do tipo flexivo ocorreria de forma obrigatória e no caso em que o SN fosse necessário - por não ter sido apresentado no discurso- esse SN não poderia aparecer sem o clítico. De fato, isso é o que ocorre em certas línguas, como o moicano, analisado por Baker (v. Baker, 1996). No espanhol, como foi dito antes, o clítico só aparece de forma obrigatória com pronomes fortes.

Portanto, interpreto o clítico como um elemento pronominal capaz de representar o argumento interno do verbo. A alternância do clítico com o SN não é determinada pela sintaxe, sendo então uma questão pragmática: o falante vai escolher o clítico ou SN, ou ainda os dois, segundo as necessidades de veiculação

---

[5] Sobre o tema, V.: Elizaincín, A. y Laca, B. (1985).

da informação. Interpreto os elementos correferentes com o clítico como adjuntos, ao predicado ou à sentença (v.capV).

Os SNs, por possuírem um conteúdo descritivo que os pronomes não têm, veiculam maior informação que os pronomes, portanto, uma vez o referente pertinente introduzido no universo do discurso, é possível supor que o falante vai apontar para esse referente através de um pronome, sempre que não entrem em jogo outras necessidades comunicativas. Como diz Lambrecht (1981:65): "... *anaphoric pronominalization alone is possible whenever no ambiguity can arise and whenever the referent of the pronoun is not meant to have the pragmatic status of a topic.*"

O emprego do clítico implica que o locutor suponha que o ouvinte tem, naquele momento, a possibilidade de identificar o referente. Se o locutor julgar que o seu interlocutor não tem essa possibilidade, ele vai usar o SN com o conteúdo descritivo necessário.

Os SNs definidos podem ser usados para referir a elementos já introduzidos no discurso, seja porque a identidade do referente ficou temporariamente afastada da atenção do interlocutor, ou porque o elemento adquire uma função discursiva nova.[6]

Este seria o caso, nas duplicações, dos SNs que aparecem à esquerda do verbo, que são correferentes com um clítico, e que podem significar a explicitação de um elemento inferido do contexto anterior -como no primeiro exemplo a seguir- ou a reintrodução de um elemento já introduzido antes, como no segundo dos exemplos agora repetidos:

> 4.116.) ... y es un hombre que dejó un bagaje de cosas para el resto de la historia de la cerámica uruguaya... al morir él... quedaron una serie de talleres chicos... algunos muy influenciados por él... sobre todo eh... la Universidad del Trabajo... que no es taller chico pero que funcionaba de

---

[6] "A idéia de introdução não se limita a referentes totalmente novos. (...) Uma informação nova é toda informação que acrescenta algo àquilo que já se conhece. Esse algo a mais não precisa ser necessariamente todo um referente, mas algum traço associado a um referente já conhecido -seja seu novo *status* no discurso, seja uma nova relação com os demais referentes Um termo hoje outorgado a esse tipo de constituinte é o de *foco não marcado*." (Kato, Nascimento et al. (1996)).

acuerdo a sus criterios plásticos... ...***sus ideas*** *las* continuaron una serie de amigos y después alumnos de sus amigos (...)(C12 l.80)

4.117.)... lo que nos impresionó en las ciudades que estuvimos... en [—] fue la limpieza que había en **esa ciudad**... es decir... parecía... nosotros llegamos a mediodía y parecía que esa mañana **la ciudad** *la* habían limpiado... (C.9 l.87)

Neste exemplo, se o sintagma *"la ciudad"* fosse colocado depois do verbo, ficaria no rema, como parte da informação nova, sendo que esse referente acabava de ser introduzido (*esa ciudad*). Portanto, o elemento em questão é retomado no rema pelo clítico -que retoma elementos dados e salientes- mas também é referido pelo SN antes da sentença, com o efeito de salientar o fato de que a predicação seguinte é pertinente respeito desse tema.

Podemos observar que uma sentença como 4.118.) não é agramatical mas resulta "estranha" do ponto de vista da comunicação da informação:

4.118.) ... lo que nos impresionó en las ciudades que estuvimos... en [—] fue la limpieza que había en **esa ciudad**... parecía que esa mañana habían limpiado **la ciudad**...

Já 4.119.) é completamente aceitável, mas neutra do ponto de vista informativo, enquanto que na sentença 4.116.), o SN à esquerda do verbo consegue salientar o assunto da predicação seguinte.

4.119.) ... lo que nos impresionó en las ciudades que estuvimos... en [—] fue la limpieza que había en **esa ciudad**... parecía que esa mañana **la** habían limpiado...

Outras vezes, esse elemento à esquerda do verbo parece ser simplesmente um tópico do tipo *"as for..."*:

4.120.) ese amor que él siente por ellos en alguna medida se lo logra transmitir ... tú sabés que nosotros somos capaces de transmitir lo que realmente creemos (...) ...y **los chicos** ... hablándole (sic) **los** convence

de que se tienen que revisar... de que tienen que abrir la boca...(C17 I.75)

A respeito dos pronomes fortes na duplicação, o fato do pronome forte precisar do clítico é um fato que a gramática precisa explicar porque é uma regra categórica. Mas a possibilidade de eleição fica entre a ocorrência do clítico ou a duplicação.

Nos casos de duplicação com pronomes, a interpretação do pronome à esquerda do verbo é paralela àquela dos SNs na mesma posição:

4.121.) ... pero de cualquier manera eh... el viaje... la beca nos sirvió de mucho eh... para la actividad que desempeñamos ... (...) lógicamente **a nosotros nos** sirvió de mucho... porque una cosa es leer, es estudiar sobre determinada cosa (...) una cosa es leerlo y otra cosa es verlo hecho... (C9 I.87)

Como foi antes visto, nesta sentença um elemento dado é reintroduzido e colocado de maneira de salientar a pertinência desse elemento como tópico ou tema da predicação seguinte. É interessante observar que esses elementos à esquerda ocorrem umas vezes com preposição, como no exemplo acima, e outras vezes aparecem sem preposição como nos exemplos a seguir:

4.122.) ...entonces **nosotros** *(sic)* **nos** llamó la atención eso (...)(C9 I.87)

4.123.)... **yo** *(sic)* realmente **me** gustaban siempre mucho las plantas... pero no me había ocupado nunca de plantas... (C17 I.75)

O segundo dos exemplos, como apresenta o pronome de primeira pessoa do singular, permite ver que nessas ocorrências o tópico aparece em nominativo. Acho que no EU, tanto no caso do "nominativo pendens" como de sintagmas nominais acompanhados de preposição, podemos ter a expressão de elementos que são tópicos no sentido de *temas*, *assunto de predicação*, elementos que foram apresentados no discurso ou é possível inferir do discurso anterior.

O exemplo (4.123.) pode ser colocado em contraste com:

4.124.) A mí realmente me gustaban siempre mucho las plantas.

onde aparece o sintagma com preposição. Os tópicos em nominativo são muito freqüentes com os verbos psicológicos que constroem o experimentador em dativo:

4.125.)

a.Yo ese tipo de cosa no me preocupa.

b.Yo los cursos no me interesan.

c.Yo, después del partido, me gustaría venir para acá.

d.Yo me gusta mucho conversar con gente mayor que yo.

e.Te lo digo ahora: tú, te gusta el ornamento.

f. Yo me parecía que era día que no venían. (Caviglia et al., (1991))

Inclusive, podem aparecer o elemento em nominativo e o elemento com preposição na seqüência:

4.126.) **Yo**, **a mí** no me molesta que digan eso.

O tópico em nominativo parece estar mais próximo à interpretação *"as for..."*:

O elemento já dado também pode adquirir uma função nova no caso de SNs que aparecem **à direita** do verbo nas duplicações, e que são chamados de antitópicos ou de afterthoughts:[7]

---

[7] V, por exemplo, T. Givon (1976) em Charles Li (ed.) **Subject and Topic,** ou Lambrecht, op.cit.

4.127.) ... habíamos comprado pan para darle (sic) a los bichos y eso... entonces le (sic) dábamos a los canguros (...) incluso... los tocamos **a los canguros**...

Lambrecht aponta que, embora os antitópicos estejam integrados na estrutura sintática da sentença, **"However they are never integrated in the way that subjects and objects are structurally integrated into the clause"** (Lambrecht, op. cit.:77). [8]

O autor observa as diferenças entre sujeitos e objetos por um lado e antitópicos pelo outro. O referente do antitópico pode ser dado no discurso, evocado ou situacionalmente evocado ou inferido, e sempre deve ser um elemento saliente de forma que, embora o interlocutor não esteja dando atenção especial para esse elemento, o referente pode ser facilmente recuperado. Não é possível, com os antitópicos, mudar de tópico no discurso.

O autor faz notar que há uma restrição sobre os antitópicos que os objetos não possuem, que tem a ver com o uso de um modificador que possa marcar o caráter de elemento contrário ao esperado, o que impede que esse constituinte encerre pressuposição:

4.128.)

a. Vendió la casa

b. Vendió hasta la casa

c. La vendió la casa

d. *La vendió hasta la casa.

Toda essa descrição de Lambrecht parece ser apropriada para as ocorrências de sintagmas duplicadores do clítico como em :

---

[8] Sublinho essas palavras de Lambrecht porque argumentam no sentido da análise sintática que será proposta aqui, que interpreta esses elementos como adjuntos e não como argumentos.

4.129.) ... incluso... **los** tocamos **a los canguros**... (C9 l.87)

Lambrecht (op.cit.) faz a distinção entre antitópico e *afterthoughts*. Ele descreve os antitópicos do francês falado como elementos geralmente não antecedidos de pausa e não acentuados[9], enquanto que os *afterthoughts* são, segundo a sua descrição, elementos acentuados, antecedidos de pausa, e que aparecem como "sintaticamente anômalos". Os antitópicos aparecem como integrados na sintaxe da sentença. Mas o *afterthought* não é tão claramente descrito pelo autor quanto o antitópico; esse elemento seria diferenciado pela pausa e pelo acento, mas não fica muito clara a interpretação que acarretaria. Esses seriam casos do tipo:

4.130.) Lo vi ayer, a Juan.

4.4.1. O CONTRASTE DAS OCORRÊNCIAS

4.4.1.1. A seguir, em primeiro lugar vão ser colocados em paralelo os casos de preenchimento de objetos com clítico acusativo nas duas línguas e vão ser observadas as opções que o PB apresenta para substituição do clítico acusativo de terceira pessoa que, como foi visto nos primeiros capítulos, segundo os estudos sobre o PB, só seria um vestígio de um estado anterior. Nos exemplos a seguir, o antecedente do clítico é dado numa sentença anterior:

4.131.) ...voy levantando cilindros de torno...**los** voy cortando y armo la figura... (C12 l.80)

4.132.) isso é normal na criança então ela vai passar por isso... agora eu evito de::.(...) prá que que eu vou levá-**la** num ambiente fechado?...

---

[9] "Antitopic appear at the end of the clause with no recongizable break in time, a significant fact in respect to my claim that antitopics are syntactically and intonationally integrated into the structure of the sentence" (p86).

prá que que eu vou levá-**la** em ambientes que poderiam dar margem a que ela pegasse uma doença... (DID SP 111)

Como possibilidades de substituição o PB apresenta o pronome fraco (4.133.) ou o objeto nulo (4.134.):

4.133.) ... quer dizer a bola é colocada no local onde a falta ocorreu... E:: o jogador do time que sofreu a falta... recoloca **ela** ... geralmente passando para o seu companheiro... (DID SP 16)

4.134.) ... agora do lado da minha esposa... em relação aos meus... já há uma diferença... então:: ela pouco **conhece** então não vai **visitar** (...) (DID SP 111)

Depois de ter observado os dados nas seções anteriores deste capítulo, pode ser colocada a seguinte questão: qual das duas possibilidades que o PB oferece na substituição do clítico acusativo de terceira pessoa corresponde ao emprego do clítico no EU? Ou melhor, alguma dessas possibilidades corresponde à duplicação do EU?

O exemplo em 4.134.), como já foi visto, é daqueles considerados por Kato como ocorrência de "clítico nulo". Pode ser observado que essas ocorrências correspondem ao tipo de exemplo 4.131.) também do ponto de vista da informação transmitida: são sentenças neutras, que permitem interpretar a transitividade do verbo sem representar novamente o conteúdo de um elemento antes mentado.

Mas, o exemplo em 4.133) não é idêntico ao 4.134) do ponto de vista das possibilidades de transmissão da informação. Uma diferença essencial entre o emprego do objeto nulo, do clítico e do pronome fraco, do ponto de vista das estratégias para veicular a informação, é que o pronome fraco ainda possui uma independência maior do que o clítico de ponto de vista fonológico, e portanto, um pronome fraco objeto é um elemento remático[10] que pode constituir um foco não

[10] Segundo Ilari (op.cit.): "Basicamente, os conteúdos temáticos são aqueles que o falante julga presentes na memória imediata do ouvinte, e os conteúdos remáticos são aqueles que ele julga que aparecerão na atenção do

marcado[11]. O clítico, embora apareça no rema, ele é "capturado" pelo verbo do ponto de vista do acento. Levando isso em consideração, pode ser dito que os exemplos do PB, acima, contendo objetos nulos, constituem, do ponto de vista das estratégias comunicativas, o paralelo do emprego dos clíticos sem duplicação do EU, enquanto que os pronomes fracos são capazes de acarretar uma informação extra. Portanto, parece não ser de todo exato dizer simplesmente que o pronome fraco é empregado no PB no lugar do clítico acusativo; isto é, a equivalência é estabelecida no plano sintático, mas o pronome fraco parece poder oferecer outras possibilidades comunicativas.

É o que pode ser visto comparando os exemplos 4.133.) e 4.134.) com os seguintes:

> 4.135.) ... quer dizer a bola é colocada no local onde a falta ocorreu... E:: o jogador do time que sofreu a falta... **recoloca** ... geralmente passando para o seu companheiro... (DID SP 16)

> 4.136.) ? ... agora do lado da minha esposa... em relação aos meus... já há uma diferença... então:: ela pouco **conhece eles** então não vai **visitar eles** (...) (DID SP 111)

Em 4.136.) o pronome fraco poderia estar no lugar do primeiro clítico nulo mas não no lugar do segundo, que não pode ser visto como elemento novo em sentido algum nem como caso de re-introdução de um elemento com uma outra função.

---

ouvinte por efeito da interação verbal". Ilari propõe o teste da "pergunta natural" para a distinção da "articulação Tema - Rema": "Se a uma oração assertiva for possível associar, em relação de pergunta e resposta, uma oração interrogativa começando por palavra interrogativa, a parte comum à oração interrogativa e à sua resposta será o **tema** desta e a parte não compartilhada pela oração interrogativa e sua resposta será o **rema**."

[11] O presente trabalho vai fazer a distinção entre "foco não marcado", o foco que todo rema contém, e "elemento focalizado", "marcados". Ilari define (op.cit.): i. **O segmento que se interpreta como rema contém o foco**, caracterizado como um **desvio da curva de altura**, que **coincide com uma das sílabas tônicas da oração**; ii. Toda oração comporta um desvio da curva entoacional em sua **última sílaba tônica**: com essa **coincide o foco** na hipótese de não haver na oração nenhuma outra tônica coincidindo com um desvio apreciável da curva de altura; iii. **Desvios da curva de altura em outra sílaba tônica que não a final são interpretados como focais**; iv. O desvio que é reconhecido como expressando o foco é capaz de expressar o valor performativo da oração. Julgo importante insistir no fato de que a proeminência entoacional que tomo aqui como invariante do foco se define em termos de curva de altura, e não simplesmente em termos de intensidade. A intensidade intervém na definição de sílaba tônica; mas a tonicidade é apenas uma das condições que se exige para que a sílaba seja focal." (op.cit.:50)
Ver também nota 1.

Já em 4.135.) a substituição talvez resultasse melhor aceita, mas fica claro que se perde o efeito de foco não marcado que o pronome fraco pode apresentar.

Resumindo: interpreto que uma sentença como :

4.137.) Eu vi ele no cinema

tem um conteúdo de informação que está mais perto daquele de a) que do conteúdo de b):

4.138.)

a. Lo vi a él en el cine.

b. Lo vi en el cine.

Essa possibilidade do pronome fraco é salientada no contraste entre os exemplos do PB e aqueles do EU. Acredito que o confronto das duas línguas permite complementar as análises anteriores do pronome no PB.

No entanto, existe uma diferença entre os pronomes não clíticos de 4.137.) e de 4.138.) a. O pronome fraco do PB é o argumento interno do verbo, enquanto que em 4.138 a), considero que o clítico é o argumento e o sintagma com o pronome forte é um adjunto (v. cap. V).

4.4.1.2. Elementos correferentes com o objeto, que aparecem à margem direita do predicado, podem aparecer antecedidos de pausa:

4.139.) Lo vi en el cine, a Juan.

Em relação a esses elementos surgem dois problemas: saber se apresentam uma diferença com o tipo em 4.138.) a, além da marca de pausa, e saber se no PB temos o equivalente.

Quanto ao português, Ilari (1992) mostra que antitópicos acompanhados da ocorrência de pronome são possíveis:

4.140.)

A: Cadê o martelo?

B: Eu vi ele em cima da mesa, o martelo.

O autor acrescenta:

> "Os limites sintáticos do antitópico são um dos tantos temas que justificam uma atenção mais constante e direta à linguagem falada; é muito difícil pensar em exemplos a respeito sem deixar-se envolver nas deformações criadas pela convivência com o português escolar." (op.cit.:60)

A respeito do segundo problema, isto é, a comparação entre 4.138.) a. e 4.139.), acredito que os pronomes nessa posição são, em geral, portadores de foco não marcado.

4.4.2. FOCALIZAÇÕES

Em 4.4.1. foram considerados exemplos onde o antecedente do clítico é dado numa sentença anterior. Depois disso, foram considerados os casos de duplicação de clíticos do EU, com o sintagma duplicador à esquerda do verbo. Esses exemplos foram colocados em paralelo com exemplos do PB. Por último, foram examinados casos em que o sintagma duplicador do clítico, no EU, aparecia à direita do verbo. Resta examinar o caso do objeto nulo que Kato analiza como *variável*.

Vamos voltar para um exemplo do corpus do PB que foi antes apresentado como objeto nulo representado por variável:

4.141.) ... **até o aluguel do teatro** nós pagamos com os recursos da... da... do dinheiro dos ingressos... (DID SP 161)

4.142.) **Hasta el alquiler** pagamos con los recursos... con el dinero de las entradas...

Interpreto a sentença do EU como a do PB, como casos de sintagmas focalizados à esquerda. Isto é, o elemento focalizado pode ser analisado como movido à esquerda da sentença, como um quantificador que deixa uma variável no seu lugar de inserção original. Essa é a razão pela qual o clítico não aparece, embora o referente seja definido. Se o elemento fosse um tópico, o argumento estaria representado pelo clítico dentro da sentença:

4.143.)

A: Tuvieron recursos para pagar el alquiler?

B: El alquiler **lo** pagamos con el dinero de las entradas.

No caso do argumento ser movido por focalização, a posição do argumento já está ocupada pela variável, portanto, não poderia estar também ocupada pelo clítico.

As possibilidades de objeto nulo constituído por variável parecem ser paralelas nas duas línguas, de acordo com o que 4.141) e 4.142) mostram.

Vamos opor esse tipo de sentenças a estas outras:

4.144.) ... agora do lado da minha esposa... em relação aos meus... já há uma diferença... então:: ela pouco **conhece** então não vai **visitar** (...) (DID SP 111)

4.145.) Por parte de mi esposa ... en relación a los míos... hay una diferencia... ella **los** conoce poco entonces no **los** visita...

Nestes exemplos não se trata de focalização, mas da retomada de um elemento dado. Uma vez que esse referente é específico, o EU faz a retomada pelo

clítico. E, como já foi visto, estas ocorrências do PB podem ser consideradas casos de clítico nulo. Mas, no espanhol, quando o elemento não tem o traço de definido/específico, o clítico não pode ser usado:

4.146.)

A: No tengo coche.

B: Yo tampoco tengo.

4.147.)

A: No tengo el coche.

B: Yo tampoco lo tengo.

O pronome nulo objeto do espanhol só é usado nos casos em que o referente é indefinido/não específico, portanto, esse é um pronome só de terceira pessoa, sendo que a primeira e segunda constituem referentes específicos por natureza.

Os clíticos nulos do PB que temos no corpus são também de terceira pessoa, mas eles podem ter antecedente específico:

> 4.148.) ... agora do lado da minha esposa... em relação aos meus... já há uma diferença... então:: ela pouco **conhece** então não vai **visitar** (...) (DID SP 111)

Essa diferença acarreta, como conseqüência óbvia, que as possibilidades de ocorrência de objeto nulo no PB possam ser maiores que no EU. Para retomar um tópico anterior com o traço definido, o EU tem que usar o clítico, enquanto o PB pode empregar o *clítico nulo.*

4.5. RESUMO

A maneira de resumo, podemos dizer que os dois corpora em confronto mostraram que:

A) As duas línguas apresentam elementos tópicos colocados à esquerda e à direita da sentença:

4.149.)

a. Eu vi ele encima da mesa, o martelo.

b. Lo vi encima de la mesa, el martillo.

c. O martelo (,) eu vi ele encima da mesa.

d. El martillo (,) lo vi encima de la mesa.

4.150.)

a. Eu vi ele no cinema.

b. Lo vi a él en el cine.

Aparecem, porém, diferenças nos paradigmas pronominais:

- O PB possui o pronome fraco, ausente no EU. Este elemento permite ao PB, veicular informação de uma maneira semelhante àquela que é transmitida pela duplicação do EU. Como o pronome fraco admite referentes não humanos, e o EU admite duplicações de objetos com referentes não humanos, as possibilidades não aparecem numa língua mais restritas do que na outra.

- O PB pode usar um *clítico nulo* que aceita antecedente definido ou indefinido. O EU está obrigado a usar o clítico com antecedente definido, o que aumenta as possibilidades de ocorrência de clíticos e diminui as de objeto nulo.

- O clítico acusativo (*o*) não pertence à gramática atual do PB; o clítico de segunda pessoa tem um uso marcado diatópica ou diastráticamente, uma vez que o pronome de segunda pessoa foi substituído por *você*; de acordo com o corpus, o pronome clítico de primeira pessoa (singular e plural) continua sendo empregado. Levando em conta o que acaba de ser dito, podemos fazer o seguinte confronto a respeito das possibilidades de ocorrências de clíticos com duplições que contenham pronomes:

EU	PB	
a él lo	-	
a ti te	-	
a mí me	+	: "... não seria cobrança até porque **a mim me** faltaria autoridade (Escutado em: *A voz do Brasil, 4/4/97*)

É pertinente salientar, uma vez mais, que o espanhol não pode fazer uso destes pronomes sem a presença do clítico:

4.151.)

a. *a mí dijo/ *dijo a mí/ *a mí vio/*vio a mí

b. "tem observado *a mim*, tem observado ao senhorzinho Lúcio" (*Sangue do meu sangue*, SBT)

c. "... mas a mim, ninguém passa pra trás..." (*A vida como ela é*, Globo)

B) As duas línguas usam a possibilidade de focalizar um objeto levando esse elemento para a esquerda da sentença. Neste caso, as duas apresentam as mesmas possibilidades sintáticas, isto é, o emprego de uma estrutura do tipo operador-variável.

C) Atendendo às possibilidades discursivas que mostram, no corpus, elementos colocados à esquerda ou à direita da sentença, é possível colocar a hipótese de que os clíticos constituem os argumentos dos verbos nas sentenças

em que eles ocorrem, e que aqueles sintagmas colocados nas margens constituem adjuntos com funções discursivas especiais.

Alguns dos fenômenos observados neste capítulo vão ser retomados no capítulo seguinte para considerar a análise sintática.

CAPÍTULO V: A ANÁLISE

5.0. INTRODUÇÃO

Neste capítulo vou expor a análise sintática que entendo plausível para as sentenças com clíticos e para as sentenças com pronomes no lugar do objeto.

No capítulo III foram resumidas algumas das análises dos clíticos mais conhecidas dentro da gramática gerativa até os anos 90. Dentro desta década os trabalhos têm proliferado de maneira tal que não é mais possível uma apresentação que não seja feita num trabalho dedicado unicamente à bibliografia. Esses trabalhos foram feitos, alguns, dentro da teoria de Princípios e Parâmetros, outros, já dentro das primeiras versões da Proposta Minimalista, como o artigo de Galves (1997), trabalho que já foi apresentado no capítulo III. Tanto este trabalho, como o trabalho de Aoun (1996), como aquele muito conhecido de Cinque (1990) vão ser mencionados ao longo do capítulo.

Aqui vai ser adotada uma análise que trata do clítico como um D que, como tal, entra na computação, segundo a diferença colocada em Chomsky (1995) entre os clíticos e os pronomes fortes, que seriam DPs.[1] Esta é uma análise que tem o clítico como elemento argumental e a frase duplicadora como adjunto.

No trabalho de 1995, Chomsky propõe a eliminação das categorias AgrO e AgrS que vinham sendo consideradas até esse momento. O autor mostra que, de modo geral, não há necessidade dessas categorias se atribuídos traços categoriais de caráter nominal (D ou N) às categorias de T e v ("v light"), mas, deixa a possibilidade aberta da existência de um Agr para Casos especiais, em que os

---

[1] A maioria dos trabalhos dos últimos anos trata dos clíticos como núcleos de um DP cujo complemento é uma categoria vazia *(pro)* e a frase duplicadora, seu especificador. Entre os trabalhos que adotam esta análise para o clítico estão os de Uriagereka (1995).

datos empíricos venham mostrar como necessária a inclusão dessa categoria na derivação. Eu gostaria de tentar o caminho de uma análise que não levasse em conta a existência dessa categoria Agr.[2]

Na primeira seção deste capítulo (5.1.) vou considerar o lugar onde o clítico é inserido na derivação e o movimento desse clítico e dos objeto pronominais não clíticos. Na segunda seção (5.2.) será exposta a análise para as construções com clítico e elementos deslocados à esquerda, e, na seção seguinte (5.3.), as construções com clítico e elementos correferentes à direita da sentença. Vão ser consideradas ao mesmo tempo as análises para os dados do EU e do PB, mas neste capítulo a análise é feita partindo do espanhol por razões óbvias: temos maior número de construções diferentes com clíticos no espanhol. Isso significa que, uma vez proposta uma análise para o espanhol, a análise para os dados do PB pode aparecer com maior clareza.

5.1. A ANÁLISE DA SENTENÇA COM CLÍTICO

5.1.1. ALGUNS ASPECTOS DA TEORIA

Vou aceitar a Proposta Minimalista como aparece em Chomsky (1995, Capítulo 4), que seria ocioso resumir aqui. Simplesmente, vou lembrar alguns pressupostos e o mecanismo imprescindível para a análise.

Segundo Chomsky (op.cit.), uma língua particular é uma instanciação do estado inicial do sistema cognitivo da faculdade da linguagem, com opções especificadas. Essa proposta implica entender uma língua particular como um procedimento gerativo que constrói pares de objetos (π, λ), que são interpretados como instruções para os sistemas de atuação articulatório-perceptual (A-P) e

---

[2] Contra a presença dessa categoria na derivação, ver S. Iatridou (1990).

conceitual-intencional (C-I). Os níveis lingüísticos que providenciam instruções para os sistemas de atuação são: Forma Fonética (FF) e Forma Lógica (FL). Um Léxico - especificado para cada língua- e um sistema computacional integram também a faculdade da linguagem. O sistema computacional constrói uma expressão lingüística que é um par (π, λ) de objetos que, se recebem interpretação em cada nível de interface, são considerados objetos *legítimos*, capazes de satisfazer a condição de *Full Interpretation* (FI). Nesse caso se diz que a derivação *converge*.

Uma expressão lingüística está constituída por uma derivação que, além de convergente, se supõe que é ótima, no sentido de que satisfaz certas condições de economia: por exemplo, a derivação não contém passos supérfluos, os movimentos são tão curtos quanto possível, e o *out-put* da derivação é resultado das propriedades lexicais dos itens, sem que outros elementos tenham sido adicionados no decorrer da derivação (condição de inclusividade). Estas restrições bloqueiam derivações menos econômicas embora convergentes.

O fato de que os elementos possam aparecer em posições deslocadas daquelas em que eles são interpretados é uma propriedade que distingue a linguagem natural. Essa propriedade é salientada por Chomsky, mas, como ele próprio afirma, é uma propriedade reconhecida por outras posturas teóricas:

> "(...) expressed somehow in every contemporary theory of language... It has also been a central part of traditional grammar, descriptive and theoretical, at least back to the Port Royal *Logic* and *Grammar* (...) This displacement property reflects the disparity -in fact, complementarity- between morphology (checking of features) and theta-teory (assignement of semantic roles)...". (Chomsky, (1995))

A Teoria Gerativa coloca então as seguintes questões: qual é o mecanismo de deslocamento e por que esse mecanismo de deslocamento existe. A resposta à primeira pergunta vai ser considerada, aqui, em relação ao movimento do clítico.[3]

---

[3] Em relação à segunda pergunta, é possível lembrar que Chomsky (op.cit.:317) diz: "Speculations about it invocked considerations of language use: facilitation of parsing on certain assumptions, the separation of theme-rheme

Por outra parte, os pressupostos minimalistas levam a assumir que uma indicação, em FL, da posição onde o item deslocado é interpretado, é o suficiente para a interpretação. Esta indicação é dada pelas caudas (ou cópias no lugar da inserção do item na árvore) das "cadeias" que ligam as duas posições de uma categoria. Como as cadeias não são objetos retirados do Léxico, a conclusão é a de que deve existir uma operação de movimento (*Move*). [4]

Esta operação é dirigida por propriedades morfológicas e restringida pela propriedade *Last Resort*.[5] A idéia é que um elemento é movido só quando ele possui um traço que é atraído por um traço categorial de uma categoria alvo do movimento. Sempre que possível, a derivação vai *procastinar* esse movimento, de maneira que ele seja o movimento só de traços formais, feito em LF.

Mas, nem sempre uma derivação semelhante é convergente. Se o traço é forte, ele deverá ser checado[6] antes de FL, ou a derivação não vai alcançar a convergência. Nesse caso, o movimento ocorre antes da derivação chegar a FL, o que é uma violação à economia, e por essa razão, esse movimento só vai ser feito se derivações mais econômicas não convergirem com a aplicação de *Procastinar*. Uma derivação mais econômica bloqueia a menos econômica, quando as duas são convergentes.

De uma maneira muito geral, é possível dizer que o sistema computacional constrói uma *numeração* com itens escolhidos do Léxico e que saem do Léxico com todos os seus traços (fonológicos, semânticos, formais). Esses itens vão sendo

---

structures from base-determined semantic theta relations, an so on." Essas especulações envolveriam condições que são impostas ao sistema computacional por sistemas externos que interagem com ele.

[4] Uma outra possibilidade é a existência de uma operação *Copiar*. Ver a proposta em Chomsky (1995) e o desenvolvimento da idéia em Nunes (1995).

[5] "Move F raises F to target K only if F enters into a checking relation with a sublabel of K"(Chomsky 1995:280).

[6] Não estou escolhendo entre a proposta de Chomsky (1994) ou aquela de (1995) com relação às operações de apagamento dos traços na checagem, isto é, não estou fazendo asserções sobre as possibilidades de existir uma operação só (*delete*) ou duas (*delete/erasure*), porque parece não ser uma decisão que afete a análise dos clíticos que estou considerando aqui e poderia me afastar do assunto imediato. Estou simplesmente supondo que a checagem impede a passagem às interfaces dos traços que iam impedir a convergência da derivação.

retirados da numeração e fundidos (*Merged*) com outros na constituição de objetos sintáticos. A qualquer momento pode ser aplicada a operação de *Spell-Out*, encarregada de enviar para cada interface os elementos adequados para constituir objetos legítimos em FF e FL.

Um item lexical tem traços formais, traços fonológicos e traços semânticos, mas cada interface só contém os traços dos itens lexicais que constituem uma instrução adequada para o sistema correspondente.

Mas, não só itens lexicais são os elementos que constituem a numeração inicial, também as categorias funcionais -Tempo, Determinante, Complementizador- formam a numeração, caso contrário não poderiam entrar na computação (condição de inclusividade).

Os traços podem ser interpretáveis em FL ou não interpretáveis. Os traços categoriais de N e V são interpretáveis, assim como os traços ϕ dos Ns, mas não assim os traços ϕ dos Vs. Os traços de *Caso* são todos não interpretáveis. Os traços não interpretáveis devem ser eliminados para que a derivação seja convergente. A propriedade de interpretabilidade de um traço é determinada por condições do *out-put*.

Finalmente, é importante salientar que Chomsky fala em "proposta" minimalista porque considera que ela é, justamente, só um programa de pesquisa. [7]

---

[7] "This work is motivated by two related questions: (1) what are the general conditions that the human language faculty should be expected to satisfy? and (2) to what extent is the language faculty determined by these conditions, without special structure that lies beyond them? (...) To the extent that the answer to question (2) is positive, language is something like a "perfect system", meeting external constraints as well as can be done, in one of the reasonable ways. The Minimalist Program for linguistic theory seeks to explore this possibilities." (Chomsky, (1995): Introduction) "It is, furthermore, far from obvious that language should have anything at all like the character postulated in the Minimalist Program, which is just that: a research program concerned with filling the gaps and determining the answers to the basic questions raised in the opening paragraph of the introduction, in particular, the question "How 'perfect' is language?" (Chomsky, (1995): Capítulo 4)

5.1.2. OS PRONOMES CLÍTICOS NA DERIVAÇÃO

5.1.2.0. Vou tentar desenvolver a análise dos clíticos partindo da idéia (Chomsky, op. cit.:337) de que temos dois tipos de elementos pronominais: alguns mais complexos, com estrutura interna, que não cliticizam, que são os pronomes fortes, e outros mais simples, morfologicamente marcados como afixos, que são os clíticos. Os primeiros são DPs e os segundos, Ds. [8]

Segundo o Axioma de Correspondência Linear (ACL), proposto por Kayne (1993) -que Chomsky assume adequando o ACL aos princípios da *bare theory*-, a ordem linear dos elementos depende essencialmente de uma propriedade configuracional: c-comando assimétrico. Para que essa condição seja cumprida, o complemento unido (*Merged*) ao primeiro elemento retirado da *numeração* tem que ser um elemento complexo. Isso significa que o complemento de um verbo tem que ser um DP para que a linearização seja obtida; se o elemento for um N, teremos uma incorporação do N ao V, e, se for um D, esse elemento deve cliticizar (V. Kayne (1993), Chomsky (1995), Nunes (1995)). O elemento mais baixo, à direita, na árvore, é assim sempre um vestígio, segundo Chomsky (1995).

A análise aqui proposta vai assumir que o elemento pronominal clítico é um D, marcado no Léxico como "afixo". Este afixo vai se mover, então, por razões morfológicas em primeiro lugar. Se ele não adjungisse a um outro elemento, o componente morfológico (em FF) não o reconheceria como palavra e não seria um objeto legítimo: o componente morfológico, provavelmente, trabalha só com itens lexicais extraídos do Léxico, ou com um desses itens e mais os elementos a ele

---

[8] Chomsky, na nota 136, coloca a possibilidade de que um elemento D que aparece sozinho poderia levar à implosão da derivação. A categoria D pode ter um traço [nominal] que seria checado pelo complemento do núcleo (Longobardi, 1994). Se um elemento D não tem complemento, esse traço não seria checado. Portanto, para que exista uma derivação, D tem que ter um complemento, como nos pronomes fortes, ou deve subir e cliticizar.

adjungidos (conclusão que pode ser extraída por dados independentes do comportamento dos clíticos, v.:Chomsky, op.cit.:319).[9]

Chomsky faz a seguinte colocação, quando examina as condições para obter a linearização (c-comando assimétrico) dentro da Proposta Minimalista: *"We draw Kayne's basic conclusion about SVO order directly, though only if the complement is more complex than a single terminal"* (Chosmky, op.cit.:336).

Como foi dito, se o elemento é un núcleo -seja D ou N-, esse elemento vai sofrer movimento (adjunção ou incorporação). Mas, independentemente de qualquer exigência por razões de linearidade: ***"Since the affixal property is lexical, simple pronominals cliticize even if they are not in final position..."*** (idem:338).

O clítico, então, é um argumento, gerado em posição theta, que vai se movimentar pelas razões acima expostas. Resta examinar por que o clítico aparece na posição que ele ocupa em superfície.

5.1.2.1. Vou assumir que, quando o argumento interno do verbo é um SN, este SN não precisa, no espanhol, sair da posição onde recebe papel theta, antes do *Spell-out*, isto é, esse objeto não sobe na sintaxe. Se a hipótese for correta -o que é assumido em geral na bibliografia para o espanhol- devemos deduzir que, no espanhol, não há traço forte que exija a subida de um SN objeto na sintaxe.

Os clíticos, porém, aparecem sempre adjungidos a uma categoria funcional, à esquerda dos verbos finitos, ou em ênclise, quando a forma verbal é imperativo ou gerúndio. Uma vez que estamos propondo considerar que o clítico é inserido por *Merge* no lugar do objeto, temos que nos perguntar qual o motivo do

---

[9] "At Spell-Out, the structure Σ already formed enters Morphology, a system that presumably deals only with wordlike elements, which we may take to be X^0s -that is, either an item H selected from the lexicon or such an item with elements adjoined to it to form H^{0max}-(Chomsky (1995:139)).

clítico se movimentar nas formas finitas, para o lugar que ocupa em sentenças do tipo:

5.1.) Lo vi.

Uma vez que a causa do movimento é a checagem de certo traço de uma categoria funcional, podemos nos perguntar agora, qual a categoria com a que o clítico teria que checar traços, mesmo se a checagem tivesse que ser feita em FL.

Segundo Chomsky (op.cit.:368), o V possui um traço [(atribui) *Caso* acusativo] que é [-interpretável] e portanto deve ser checado. O verbo *leve* (*v*), que a teoria assume que está presente em toda sentença transitiva -*v light*- possui um traço [D] opcionalmente forte ou fraco, além do traço [*receba afixo verbal*] que exige a subida do verbo em adjunção a *v*.

A checagem de traços não pode ser feita na configuração onde são representadas as relações theta (V.:Chomsky, op.cit.:312). Isso leva a pensar que **o clítico adjunge ao V uma vez que o V foi adjungido a v, isto é, fora do VP** onde o clítico recebe o papel theta de argumento interno do V.

Observe-se que o clítico, uma vez adjungido ao núcleo de uma categoria, pode checar todos os traços que a categoria contém e que não tenham sido eliminados numa checagem anterior, sempre que os traços do alvo coincidirem com os traços que o próprio clítico possui: traço categorial D, traço de *Caso*, traços ϕ (pessoa, número, gênero).

Uma vez aceito que, no espanhol, os objetos não representados por clíticos e constituídos por SNs com determinante não sobem na sintaxe, é necessário dizer que o traço que poderia provocar a subida do objeto na sintaxe, o traço [D] de *v light*, é fraco.

Há um outro traço que é necessário considerar: o traço de *Caso*, que, como foi dito acima, é sempre não interpretável, mas que pode ser checado depois

do *Spell-out*, em FL, como provam os objetos que não sofrem movimento na sintaxe.

Mas um N e um pronome apresentam diferenças no léxico. Os Ns no espanhol não possuem marca de Caso no léxico, enquanto que os pronomes são marcados em relação com este traço. O espanhol não tem pronomes pessoais, não clíticos, que possuam traço de Caso acusativo ou dativo, portanto vamos ver exemplos do que acabamos de dizer em outras línguas.

5.2.)

a. Non dirò mai *loro* tutto.

b. Non dirò mai tutto **loro*

c. Non dirò mai tutto a loro.

d. Non dirò mai *a Gianni tutto.

e. Non dirò mai tutto a Gianni. (Apud Cardinaletti e Starke (1994))

Com estes exemplos, Cardinaletti e Starke mostram a posição ocupada pelo pronome fraco com marca de Caso dativo. As duas primeiras sentenças mostram a subida do pronome na sintaxe. O advérbio e o quantificador permitem observar o diferente comportamento desse pronome em comparação com um SN ou com um complemento preposicionado: estes não sobem na sintaxe, a diferença do item pronominal marcado para caso.

5.1.2.2. Lois (1989) examina a posição do verbo e dos objetos no espanhol. Vamos seguir em parte suas observações.

Seguindo Pollock (1987)[10], Lois usa como guia, para determinar posições na sentença, a posição de certos advérbios que no inglês, estariam numa posição "pré-I", como o auxiliar permite ver:

5.3.)

a.George probably/* completely has read the book.

b. Juan a menudo/siempre/ besa a María.

c. Juan besa a menudo/siempre/ a María.

d. Los vecinos a menudo/siempre/ me molestan.

e. Los vecinos me molestan /a menudo/siempre/.

Nestas sentenças, esses advérbios podem aparecer na mesma posição que eles aparecem no inglês ou no começo de VP, segundo a análise de Lois. Poderiamos dizer que eles estão numa posição de adjunção a TP ou a vP.

A partir desse tipo de exemplos, Lois vai mostrar que, no caso dos objetos, NPs com determinante e NPs sem determinante não ocupam a mesma posição.

5.4.)

a. Le dieron a Juan varios premios.

b. Puso en la mesa los libros.

c.*Le dieron a Juan premios.

d.*Puso en la mesa libros.

Para dar conta da distribuição dos NPs sem determinante no espanhol, Lois propõe uma análise nos termos da Incorporação no sentido de Baker (1988)[11].

---

[10] Pollock, J.Y. [1987 no texto de Lois] (1989) *Verb Movement, UG and the Structure of TP.* **Linguistic Inquiry V 20 N3.**

[11] Baker (1988) **Incorporation.** University of Chicago Press: Chicago.

Seria uma incorporação do núcleo N num elemento X°, V ou P. Segundo Lois, poderia se pensar que os NPs sem determinante do espanhol não podem receber Caso, talvez pela ausência de D, núcleo estrutural segundo Abney (1986)[12], e portanto, a incorporação seria obrigatória. Segundo Chomsky (1995), de fato, um N sem determinante deve ser incorporado (v. Chomsky, 1995:337)[13].

Não vamos nos ocupar da análise -interessante- que Lois faz dos NPs sem determinante; é suficiente dizer que a autora conclui que esses sintagmas sofrem "incorporação" ao verbo[14] e, especialmente, é importante ver que os objetos com determinante não sobem na sintaxe, no espanhol, porque isso mostra que se há objetos que devem sofrer movimento na sintaxe, este movimento não ocorre por causa de que *v* ou V tenham um traço forte que obrigue à checagem na sintaxe.

5.1.2.3. Vamos considerar agora os dados do PB. Galves (1997) diz a respeito do pronome *ele*: *"La position dérivée dans laquelle ele est légitimé comme pronom déficient est donc comme dans les autres langues qui possèdent un pronom faible object (cf. Cardinaletti and Starke), visible dans l'ordre des mots".*

5.5.)

a. As crianças deram à Maria um belo livro.

b.*As crianças deram à Maria ele. (Galves (1997))

---

12 Abney, S. (1986) *Functional Elements and Licensing.* Communication présente à GLOW 1986. (Apud Lois, op.cit.).

13 Chomsky (op.cit.) ao considerar o *Linear Correspondence Axiom* : " In short, if the compement is a single-terminal XP, then it must raise overtly (...) then N must incorporate to V (...) Clitics, then, are bare Ds without complements, and noun incorporation must be restricted to "nonreferential NPs" (as noted by Hagit Borer), assuming the quasi-referential, indexical character of a noun phrase to be a property of the D head of DP, NP being a kind of predicate. Within DP, the N head of NP must raise to D (as argued in a different manner by Longobardi (1994)."

14 Essa incorporação não seria morfológica mas uma incorporação "abstrata", em FL, segundo a autora. A proposta oferece dificuldades, e para examiná-la seria necessário entrar cuidadosamente no assunto.

Vamos ver outros exemplos do PB:

5.6.)

a. Eu sempre via ele na praia.

b. Eu via ele sempre na praia.

c. *Eu via sempre ele na praia. (sem leitura de foco)

Todos os dados parecem mostrar que esse pronome sofre movimento na sintaxe, e que, de fato, como Galves propõe, *ele* ocupa o especificador de vP.

Resumindo, acabamos de ver que os objetos -deixando de lado os complementos sem determinante- no espanhol, não sobem na sintaxe, enquanto que o pronome fraco objeto do PB sofre movimento na sintaxe, como acontece com os pronomes clíticos do EU.

5.1.3. O MOVIMENTO DOS PRONOMES

5.1.3.0. Existe uma razão pela qual não podemos justificar a subida dos pronomes antes do *Spell-out* só pelo fato de eles possuirem uma marca de Caso no Léxico: o Caso é traço não interpretável mas pode ser checado depois do *Spell-out*. Como relacionar, então, a intuição sobre a peculiaridade dos pronomes e o fato de que eles sobem na sintaxe -fato que, como foi visto, os dados comprovam- com as condições para a checagem?

Voltando a considerar o problema do movimento dos pronomes vamos resumir o que os dados, por um lado, e a teoria, pelo outro, nos colocam.

Segundo aquilo que os dados das duas línguas consideradas mostram, parece que temos que explicar o movimento dos clíticos (no EU) e o movimento dos pronomes não clíticos (no PB).

Vamos relembrar agora, algumas noções que têm a ver com movimento dentro da Proposta Minimalista como aparece exposta em Chomsky (1995). O movimento de um item na sintaxe, isto é, antes do *Spell-out*, viola condições de economia, especificamente, viola Procastinar, e só leva a uma derivação boa quando outra mais econômica -com movimento em FL- não resulta convergente. A operação de checagem em FL é uma operação que só movimenta traços formais; a operação de checagem pré-*Spell-out*, movimenta o item com todos os seus traços: fonológicos, formais, semânticos. Supostamente, condições impostas pelo componente relacionado com FF estariam relacionadas com a necessidade desse movimento:

> "The operation Move F carries along "excess baggage" only when it is "heard" in the phonetic output. (...) We tentatively assume, thus, that only FF convergence forces anything beyond features to raise." (Chomsky, op.cit.:265)

Se a checagem for feita durante a computação antes do *Spell-out*, seja pelo mecanismo que for [15], o resultado é que o traço é marcado "invisible at the interface". Se o traço é checado depois do *Spell-out*, o traço em questão deve ser de natureza tal que não acarrete não convergência em FF. Devemos lembrar que traços formais entram em FF porque, supostamente, pelo menos alguns deles são pertinentes para o processamento morfológico: *"withing the phonological component, non-phonological features are eliminates thought they may be relevant to this operation..."* (Chomsky, op.cit.:230)

A condição de Last Resort (Chomsky, op.cit.:280) diz:

---

[15] Não vou considerar se os traços são apagados ou eliminados, ou ainda, se fica uma cópia.

5.7.) Last Resort: Move F raises F to target K only if F enters into a checking relation with a sublabel of K -Interpretable.

Quais os traços que provocam essa violação de Procastinar? Uma noção fundamental, como já foi visto, é a de que os traços podem ser [+interpretáveis] ou [-interpretáveis] em FL. Só traços [-interpretáveis] devem ser checados para permitir convergência.[16]

Mas, ainda os traços [-interpretáveis] podem ser checados depois do *Spell-out*. Um exemplo é aquele já citado antes, dos objetos diretos constituídos por sintagmas nominais com determinante no espanhol, que podem ficar dentro do VP na sintaxe. Neste ponto, uma outra noção é fundamental: a noção de traço forte (Chomsky, op.cit.:232):

5.8.) If F is strong, then F is a feature of a nonsubstantive category and F is checked by a categorial feature.

Os traços de uma categoria como N ou V não são nunca fortes. De acordo com isso, parece que devemos entender que são as categorias funcionais -I, C e D- que possuem traços fortes, sendo que são esses traços fortes que acarretam movimento antes do *Spell-out*.

Voltando ao exemplo do objeto no espanhol, se o objeto pode permanecer no VP, então devemos concluir que a categoria funcional correspondente (*v*), que supostamente possui um traço que atrai uma categoria D ou N, **não** tem um traço

---

[16] "Interpretability does relate closely to the formal asymmetry of the checking relation, wichich holds between a feature F of the checking domain of the target K and a sublabel F' of K. F' is always - Interpretable: strength of a feature, affixal features, the Case-assigning feature of T and V, ϕ - features o verb and adjective. (...) F in the checking domain, however, can be an Interpretable feature, including categorial and ϕ - features. (...) These descriptive observations raise two obvious questions: (1) Why is a sublabel of F' the target that enters a checking relation invariable -Interpretable? (2) Being -Interpretable, why is F' present at all? Question (2) is part of a more fundamental one: why does language have the operation Move? If it does, and if the operations is morphology-driven as we assume, then there must be feature checkers in the targeted category. The fact that these are always -Interpretable again highlights the special role of the property of displacement of categories that is characteristic of human language: the sole function of these feature checkers is to force movement, sometimes overtly. (...) Case differs from ϕ - features in that it is always -Interpretable, for both terms of the checking relation. Case is therefore the formal feature par excellence ... " (Chomsky, op.cit.:278-279)

forte. Não podemos dizer que *v*, em certos casos tem traço D forte e em outros não, na mesma língua. A mesma coisa poderia ser dita para o traço de Caso do V.

Como justificar a subida de pronomes, na sintaxe, em línguas em que os dados mostram que não há traço forte na categoria funcional correspondente? Este é o problema que nos colocam os pronomes das línguas que aqui são examinadas.

5.1.3.1. A dedução de Nunes (1995: II.6.2.), de que os traços fortes devem possuir alguma propriedade fonológica porque, não sendo assim, esses traços seriam checados em FL, obedecendo Procastinar, aparece como uma dedução adequada, que está diretamente ligada à noção de economia.

Nunes sugere que um traço forte é um traço híbrido, formal e fonológico, que é um membro do conjunto dos traços fonológicos de um ítem dado. Sendo assim, quando esse traço chega em FF, o componente não poderia separar os traços formais para o apagamento e a derivação não poderia convergir. Portanto, esses traços formais devem ser apagados na checagem antes do *Spell-out*.

Os pronomes são, de fato, conjuntos de traços formais (e traços ϕ) com representação fonológica e sem conteúdo descritivo, que, portanto, corresponderiam à descrição de Nunes. Se pensarmos que os pronomes possuem também uma outra característica pertinente em relação com este ponto, isto é, se pensarmos que os pronomes são determinantes -categorias D-, então estariamos levando em conta as colocações de Nunes e atendendo à noção de traço forte como colocada em Chomsky (1995), vista acima.

A operação de checagem não "enxerga" traços fonológicos, mas leva em conta traços formais; o traço formal em questão - o traço do item num determinado domínio de checagem- é, neste caso, um traço formal de categoria não substantiva: D. Esse traço pode ser atraído e checado por um outro traço categorial: o traço D de *v*. É crucial o fato de considerar que este traço categorial é traço de *categoria funcional*.

Ver a checagem do pronome dessa forma implica ver o pronome como determinante. Talvez esse seja o caminho para entender o comportamento diferente de pronomes e de SNs com determinante.

Acredito que olhar para a diferença na natureza categorial dos elementos confrontados nos exemplos pode ajudar na compreensão do problema: um pronome é um determinante, enquanto que um NP, embora com determinante, é um elemento com outras características.

5.1.3.2. Longobardi (1994) desenvolve a idéia de que um nominal só é argumento quando introduzido por um determinante. Vou citar as palavras de Longobardi (1994:633): *"Determiners are semantically understood as operators binding a variable, whose range is always the extension of the natural kind referred to by the head noun..."*.

Entendo que essas palavras correspondem à descrição de um NP dentro de um DP. Mas, os pronomes são Ds sem Ns, portanto, o lugar da variável não está preenchido. Longobardi diz: *"Commons nouns must always be used to refer to a kind and thus <u>may provide a range</u> to a (lexical or overt) determiner understood as an operator, pronouns can never be interpreted this way..."* [sublinhado...MG]. Segundo o autor, um pronome pode ser pensado como designando <u>diretamente</u> uma entidade.

É possível pensar que essa característica do pronome leva à necessidade do elemento se adjungir à flexão de alguma maneira. Isso permitiria entender o D como a marca da presença de um argumento dentro dessa predicação, cujo *range* fica só delimitado pelos traços do D.[17]

---

[17] Não sei exatamente como entender o mecanismo de satisfação dessa variável que o D entendido como operador significaria. Provavelmente a explicação esteja relacionada com a categoria de flexão. Mas, en todo caso, acredito que uma representação sintática do clítico como um DP com núcleo D e o lugar do complemento preenchido por um *pro* apaga, de certa forma, o contraste com os DPs que apresentam um NP lexical no lugar do complemento.

Mas, essa intuição sobre a semântica dos Ds não diz nada sobre como justificar, na análise sintática, o movimento desses itens na derivação. Uma possibilidade é justificar o movimento através do traço D. Não podemos simplesmente dizer que o traço D da categoria funcional *v*, é que é forte, porque então devia ser atraído o traço D de todo NP dentro de um DP. Mas, podemos pensar que o D que constitui o traço categorial do objeto, isto é, do pronome, este sim pode ser forte no sentido entendido acima.

O D, ele mesmo é uma categoria funcional. Podemos, então, pensar que quando esse traço **não é checado dentro de um DP por um N** (como na proposta de Longobardi), esse traço forte deve ser checado por um outro elemento. O traço D do *v* possibilita, então, o movimento para uma checagem que, por sua vez, vai possibilitar a convergência da derivação. Estou propondo, então, que **esse traço D dos determinantes seja considerado a causa do movimento dos pronomes clíticos e dos pronomes fracos, antes do *Spell-out*.**

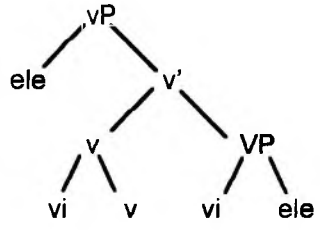
5.1.4. RESUMO

Estou propondo considerar que os pronomes não clíticos sobem até o especificador de vP para a checagem, enquanto que os clíticos checam os traços na adjunção a *v*.

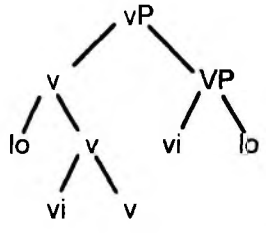
Nesse ponto da derivação, o pronome formou uma cadeia, cuja cauda está na posição em que recebe papel theta e, a cabeça, está fora da configuração onde o argumento recebe papel theta (no VP), cumprindo com a exigência da presença de cadeias argumentais no momento da verificação dos traços.

5.9.)

a. Eu vi ele



b. Lo vi



A partir desse momento, o clítico vai continuar subindo até a categoria funcional T, junto com o complexo formado por V e *v*. A característica morfológica do clítico vai determinar que a posição do clítico e do pronome fraco sejam diferentes, embora a causa do movimento na sintaxe para a checagem seja a mesma.

É importante salientar que, nesta análise, a categoria vazia que fica no lugar onde o clítico objeto foi inserido na derivação é um vestígio resultado do movimento do clítico.

Com este mecanismo de checagem dos objetos quando representados por clíticos, a checagem dos traços de V e *v* é satisfeita de maneira ótima, porque os elementos que checam traços estão na relação de localidade mais estrita possível.

A verificação dos traços é feita na ordem em que os elementos ficam em condições de fazer a checagem, sem que movimentos especiais tenham que ser feitos, o que é uma forma de cumprir com condições de economia.

5.2. A FRASE DUPLICADORA

5.2.0. A FRASE DUPLICADORA COMO ADJUNTO

Vou considerar nesta seção a análise da frase duplicadora, através de dois trabalhos que, na análise de sentenças com clíticos mostram, o primeiro dos trabalhos, que a frase duplicadora é um adjunto, e o segundo, que nessas sentenças não há movimento do tipo pronome interrogativo (*wh*).

Aoun (1996)[18] oferece uma análise das sentenças com duplicação de clítico do árabe libanês (LA) na qual, aquilo que aqui está sendo chamado de "frase duplicadora"[19] também é visto como um sintagma adjunto.

Como foi mostrado através dos dados do EU, o objeto pode aparecer representado por um sintagma nominal, por um clítico ou pelo clítico e uma frase duplicadora.[20] Segundo Aoun, no LA, a situação é a mesma, isto é, a duplicação é opcional.[21]

---

[18] Agradeço de maneira especial a Jairo Nunes por ter feito possível que eu conhecesse este trabalho de J. Aoun.

[19] Aquilo que eu chamo de "frase duplicadora" é, para Aoun, "doubled element", "frase duplicada", uma vez que ele chama o clítico "doubling clitic". Para Aoun o argumento é a categoria pronominal vazia co-indexada com o clítico.

[20] Aoun aceita a generalização de Kayne para o LA: "the doubled element appears with the preposition *la* ("to"), thus conforming to Kayne generalization..." e ainda: "The nominal elemento following this case assinger is assigned dative case: the pronominal elemento following it is morphologically dative". (Aoun, op. cit.:4)

[21] Mas, os dados das duas línguas diferem porque nos dados do EU aparece ainda, o caso de *duplicação à esquerda*, enquanto que no LA parece não existir esse tipo de duplicação: "the doubled element always appears to the right of the predicate it is associated with..." (Aoun, op.cit.:2). O LA também oferece uma diferença de caráter lexical importante: essa língua possui elementos que cliticizam a preposições e a nomes.

Nesse trabalho, Aoun argumenta sustentando especialmente o caráter não argumental dessa frase duplicadora. Na argumentação com que sustenta a sua análise, Aoun vai mostrar que as frases duplicadoras não são interpretadas no mesmo lugar que os argumentos não duplicados, e isto nos interessa de manera fundamental, uma vez que aqui é afirmado que, nas sentenças com duplicação, o clítico é o argumento e a frase duplicadora é um adjunto.

O autor mostra, por exemplo, que uma sentença com um argumento não duplicado que contém um NP quantificado no LA, é ambígua entre uma leitura em que o quantificador tem escopo amplo (leitura distributiva), e uma leitura em que esse quantificador tem escopo restrito (uma interpretação "de grupo"). Quando esse elemento aparece duplicado, a sentença só pode ter a leitura de escopo restrito. O autor comenta: *"a quantificational element cannot be extracted at FL, out of a doubled element, hence, the non ambiguity..."* (Aoun, op.cit.:7).

Os exemplos de Aoun contêm duplicação de adnominais, possibilidade que não existe no espanhol, mas pode ser observado o mesmo fenômeno de escopo nas seguintes sentenças:

5.10.) El médico examinó la garganta de los dos niños.

5.11.) *El médico *la* examinó la garganta de los dos niños.

Em 5.10.) é possível uma leitura distributiva, mas em 5.11.), a expressão quantificada não pode ter escopo amplo. Assim, nessa sentença não é possível obter uma interpretação adequada uma vez que, obviamente, "a garganta" não pode ser comúm a duas pessoas.[22] De maneira simplificada, os elementos essencias mantêm as seguintes relações:

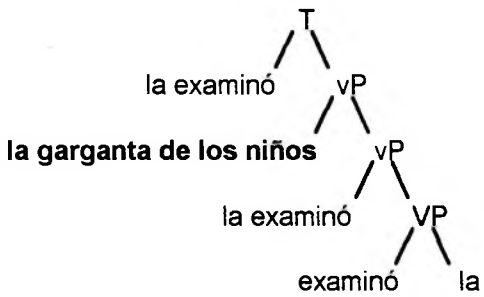
---

[22] i) El veterinario lo examinó al perro de los dos niños.

Aqui podemos obter uma interpretação adequada porque, embora a expressão quantificada não permita uma leitura distributiva, um único cachorro pode pertencer a duas crianças.

5.12.)

5.13.)



Com estes exemplos tentamos mostrar que a argumentação de Aoun para sustentar que a frase duplicadora não é interpretada na mesma posição que o argumento não duplicado pode ser usada para mostrar que, nos dados do EU, a situação é a mesma: o elemento duplicado não é interpretado na mesma posição do argumento não duplicado.

Uma vez que o elemento na frase duplicadora não está em posição de complemento, Aoun conclui que ele debe ser interpretado com relação a um predicado:

> "The forcing co-indexing between the doubled element and the clitic-pro complex may viewed as resulting from the predication relation holding between the doubled element and the phrase it is attached to. In others words, I am suggesting that the doubled element has the role of a subject of predication, the phrase it is attached to is a predicate and the pro

argument provides the open position, or the predicate variable." (Aoun, op.cit.:13)

Essa coindexação obriga a pensar num efeito de disjunção entre os dois elementos.[23] A frase duplicadora deve estar, portanto, fora do CFC que contém o argumento.

Para o EU, dentro de uma análise que interpreta o clítico gerado no lugar argumental, a possibilidade de *binding* entre o clítico e a frase duplicadora pode ser explicada supondo que o vestígio do clítico, o clítico, e o verbo, constituem esse Complexo Funcional Completo. A presença da categoria T dentro da derivação da sentença permite interpretar que o adjunto c-comanda o clítico (V.: 5.13.).

Além dessa relação de *binding*, que permite interpretar o adjunto como antecedente do clítico, para Aoun há uma relação de predicação. Eu vou deixar em aberto esse ponto, embora acredite que, caberia, na análise aqui proposta, ver uma relação de predicação se ela for entendida como Chomsky (1977:81) propõe: não seria necessária a presença de uma categoria vazia para que exista essa relação, que pode estar dada pelo *binding* entre uma categoria fora da sentença (ou do CFC, no caso) e um elemento pronominal dentro desse domínio. Segundo Chomsky, o que deve existir dentro da sentença é um NP interpretado *"as having no independent reference -i.e. a pronoun with the appropiate inflections that can be given the "anaphoric" interpretation."*

Para Aoun a duplicação deve ser vista como um meio de formar novas estruturas funcionais. Segundo o autor, essa frase deve ser analisada como um sujeito numa relação de predicação complexa, que ocorre entre esse elemento e aquilo que ele chama de *mínimo complexo funcional completo* e que contém o clítico e uma categoria vazia pronominal co-indexada com o clítico.

---

[23] "As a consequence of the disjointness requirement holding between the null pronoun in argument position and the doubled element, this predicate must be a CFC" (MG:Complexo Funcional Completo). (Aoun, 0.cit.:17).

Neste ponto, a análise apresentada aqui se afasta da proposta por Aoun ao mostrar o clítico gerado no lugar argumental; a categoria vazia que fica no lugar onde o objeto é inserido é o vestígio deixado pelo movimento do clítico, e não um *pro* como na análise de Aoun. Mas, o importante, para a análise aqui proposta, é a argumentação de Aoun sobre o caráter de adjunto da frase duplicadora.

5.2.1. A FRASE DUPLICADORA À ESQUERDA

5.2.1.0. Um trabalho muito importante, sobre as construções de clíticos, é aquele de Cinque (1990), onde o autor examina as construções do italiano por ele chamadas de Clitic Left Dislocation (CLLD). O autor sustenta que nessas sentenças não há movimento tipo *wh*, o que é de interesse para o presente trabalho: se o constituinte deslocado à esquerda não é o produto de movimento wh, uma vez que não houve movimento por razões de Caso, a análise que cabe é de que esse elemento foi inserido nesse lugar.

Eu vou considerar essas construções como equivalentes às construções com clítico e frase duplicadora à esquerda da sentença. Cinque afirma que as construções do tipo CLLD não constituem construções de "clitic doubling", e baseia a asserção nos seguintes fatos:

- a "generalização de Kayne" não é válida no italiano:

5.14.) Non so se el vino, lo volete adesso o dopo.

- O clítico no italiano não poderia duplicar uma frase à direita da sentença:

5.15.) *Lo conosciamo (a) Gianni.

Como temos visto, na análise aqui proposta não é possível dizer que o clítico "duplica" o argumento: é o adjunto que "duplica" -para manter a metáfora- o argumento representado pelo clítico. Também foi visto que os dados do EU não permitem manter a chamada "generalização de Kayne". É possível verificar que aquela frase do italiano usada de exemplo pelo Cinque ocorre também sem preposição no EU:

5.16.) No sé si el vino lo quieren ahora o después.

Finalmente, temos a agramaticalidade da sentença do italiano com a frase duplicadora à direita (5.15.). Essa agramaticalidade será analisada mais tarde. Aqui vamos dizer que vou considerar esse fato como índice de uma diferença de caráter lexical entre o italiano e o EU, mas continuo achando possível sustentar que a análise das sentenças com clíticos pode ser a mesma para as duas línguas.

5.2.1.1. Como foi dito acima, Cinque mostra que as construções CLLD do italiano não apresentam características de movimento tipo *wh*. Nem todos os argumentos do autor podem ser usados em relação com o espanhol -como, por exemplo, o teste do clítico *ne*- mas mostrar alguns deles vai ser o suficiente. Por exemplo, Cinque observa que estruturas que, no caso de conter movimento seriam impedidas por subjacência, resultam gramaticais como construções CLLD:

5.17.)

a. Loro, il libro, credo che a Carlo sia sicuro che non glielo daranno mai.

b. Ellos, el libro, creo que es seguro que a Carlos no se lo darán nunca.

Uma outra prova de que em construções CLLD não existe movimento se baseia no contraste entre o emprego obrigatório e facultativo do clítico. No italiano, o clítico, em estruturas CLLD, é obrigatório quando o elemento deslocado é correferente com o objeto, mas o clítico é facultativo com outros sintagmas.

Cinque mostra que, nas sentenças em que é possível determinar uma estrutura operador-variável, o clítico não ocorre. Movimento e clítico não co-ocorrem. Finalmente, no caso de sentenças como 5.18.) c., o clítico é opcional.

5.18.)

a. Gianni, *(lo) vedrò domani.

b. GIANNI vedrò domani.

c. A casa, non (ci) sono stato ancora.

Dentro da análise que a teoria oferecia na época, o teste se baseia na natureza das categorias vazias e a necessidade de regência.

Acredito que podemos sustentar que não há movimento nas sentenças com deslocamento à esquerda ainda com uma análise feita em outros termos. No espanhol não existiria a possibilidade de emprego do clítico no caso 5.18.) c. acima, uma vez que esses clíticos não existem. Mas, mesmo assim, a argumentação do autor resulta pertinente.Vamos considerar o contraste no espanhol:

5.19.)

a. A Juan lo veré mañana.

b. A JUAN, veré mañana (no a Pedro).

c. *A Juan veré mañana.

Em a. podemos fazer a análise que vem sendo sustentada neste capítulo, com o clítico gerado no lugar argumental. Quando a categoria T é retirada da numeração e introduzida por *Merge* na derivação, depois do movimento do complexo verbal com o clítico até essa categoria funcional, ainda sobram na numeração os elementos seguintes: a_1, $Juan_1$. Com esses elementos é constituído um objeto sintático que vai ser inserido em adjunção a TP. Esse elemento não foi movido, mas inserido por *Merge* . A derivação converge.

Em b., não há clítico, e, no lugar do argumento interno do verbo, foi introduzido um objeto constituido por *a Juan*.[24] Uma vez que o complexo verbal sobe a T, na numeração ainda persiste um elemento de natureza funcional: C, contendo um traço relacionado com FOCO. Esse elemento é introduzido na derivação e o objeto vai se movimentar para checar o traço forte dessa categoria. O movimento, que vai ter conseqüências em FF, implica pied-piping do sintagma todo.

Em c., no lugar do argumento interno temos um sintagma, como em b. Mas, não existindo, na numeração, uma categoria C com um traço relacionado com FOCO que possa acarretar necessidade de checagem -e acarretar, também, uma diferença com conseqüências em FF-, o movimento do objeto (*a Juan*) viola *Last Resort*.

Os PPs, por sua vez,:

5.20.) A casa no volví todavía.

são elementos que não estão sujeitos às exigências de formação de cadeia não trivial para efeitos de *Full Interpretation*. O movimento que podemos supor para os elementos nominais presentes nos PPs seriam movimentos dentro do próprio sintagma.[25] Esses PPs podem ser inseridos como adjuntos à predicação toda, à esquerda da sentença, e isso é o suficiente para se obter uma interpretação desse elemento que afeta o verbo.

5.2.1.2. A maneira de resumo, é possível salientar que: as construções com duplicação de clíticos à esquerda da sentença, no EU, são paralelas às construções que o Cinque chama de CLLD. Não há movimento do tipo *wh* nessas construções,

---

[24] Provavelmente, um DP com uma preposição adjungida como um tipo marcador de caso, v. Chomsky (1995): 388 nota 77.

[25] Não tenho certeza de que caso oblíquo exija checagem através de movimento.

e a análise aqui proposta pode dar conta das situações de presença e ausência de clítico usadas na argumentação examinada, empregada por Cinque (1990).

5.2.1.3. Para as sentenças de CLLD do italiano, sem o clítico, Cinque lembra que caberia a possibilidade de supor um operador nulo, gerado na base, no especificador de CP para explicar a gramaticalidade da sentença, uma vez que na análise do autor haveria uma categoria vazia sem clítico para ligar esse elemento. Mas, nesse caso, obteriamos uma leitura de foco:

5.21.)

a. GIANNI vedrò e domani

b. A JUAN veré e mañana (y no a Pedro)

Sobre a não ocorrência de clíticos nas sentenças focalizadas, Cinque diz que se a categoria vazia em 5.21.) a. fosse ligada pelo clítico, não poderia ser interpretada como variável em FL, e a derivação resultaria numa estrutura com operador vácuo.

Sentenças com um quantificador mas sem focalização são aquelas do tipo:

5.22.) Qualcosa farò (non preoccuparti).

No espanhol podemos ter, em paralelo com o exemplo do italiano:

5.23.) Algo haré. No te preocupes.

Quando no lugar desse quantificador aparece um NP quantificado, as construções sem clítico, no italiano, aparecem como agramaticais, de acordo com o trabalho de Cinque que estamos acompanhando.

5.24.)

a. Alcune cartoline le ho ricevute anch'io.

b. Alcune cartoline *ho ricevuto anch'io.

Estes contrastes mostram que expressões quantificadas não referenciais ("bare quantifiers", de modo geral), podem atuar como operadores que ligam uma variável. Quando expressões quantificadas atuam como expresssões referenciais podem estar ligados a clíticos.

5.25.)

a. *Qualche sbaglio, ogni tanto fa anche Gianni.

b. Qualche sbaglio, ogni tanto lo fa anche Gianni.

c. *Alcune cartoline ho ricevuto anch'io.

d. Alcune cartoline le ho ricevute anch'io.

Em relação a estes exemplos do italiano, o espanhol parece não se comportar exatamente da mesma maneira. Uma ocorrência do tipo a., sem clítico, resulta gramatical:

5.26.) Algunos errores, de vez en cuando, Juan también (los) comete.

Entendo, então, que esse SN quantificado admite duas leituras no espanhol, uma delas de quantificador puro (não referencial).

Em quanto aos exemplos em c. e d., o espanhol também mostra uma diferença com os exemplos do italiano:

5.27.)

a. Algunas tarjetas yo también recibí.

b. Algunas tarjetas yo también las recibí.

Neste caso, quando o clítico está presente, a leitura do quantificador é referencial. Implica uma interpretação do tipo partitivo: *algunas tarjetas de estas*. Uma vez que alguns quantificadores admitem as duas leituras, não é extranho que o clítico apareça quando o NP quantificado admite uma leitura referencial e que não seja admitido com o elemento não referencial: o clítico exige um referente específico.

A diferença está dada pelos próprios quantificadores, numa língua e na outra. Cinque mostra que no italiano, mesmo os quantificadores chamados "bare quantifiers" podem ser ambíguos, portanto, podem admitir os clíticos. Por outro lado, uma sentença com um quantificador como "algo" não poderia levar o clítico no EU:

5.28.) Qualcosa, (la) vedo anch'io.[26]

Uma leitura de quantificador "puro" (leitura não referencial) é incompatível com a presença do clítico em qualquer uma das duas línguas, isto é, variáveis não podem ser ligadas por um clítico.

Inserir um clítico no lugar do objeto, e um adjunto à esquerda da sentença, como tópico (tema), implica dar caráter referencial para esse referente. Esse objeto não ia ficar dentro do VP, numa análise como a análise proposta por Diesing (1992).

Mas, com certos quantificadores, parece ocorrer o oposto: quando esses quantificadores aparecem à direita do verbo implicam uma leitura referencial que não é possível quando o quantificador aparece à esquerda da sentença:

---

[26] O espanhol "algo" não admite o clítico:

(i) Algo, yo también veo. /*Algo, yo también lo veo.

Mais uma vez, essa é uma diferença lexical, entre as características dos itens que podem atuar como quantificadores. Como Cinque faz notar, *qualcosa* admite variação de gênero: masculino como quantificador, femenino como Np quantificado que pode admitir o clítico: *Qualcosa, prima o poi, la farò*. (Cinque, op .cit. :76)

5.29.)

a. Haré algo

b. Algo haré.

Para obter essa leitura, foi necessário o movimento do objeto, do lugar onde permitia uma leitura específica, dentro do VP, para à esquerda. Podemos entender que esse lugar é fora da sentença, uma vez que a posição extrema, na esquerda da sentença, é usada para os tópicos, elementos com leituras específicas. O quantificador deve sair do c-comando da flexão, ficando fora da asserção que pressupõe a existência de um objeto.

Segundo a análise que vem sendo proposta aqui, **o clítico não aparece nessas construções porque no lugar de inserção do objeto, onde o clítico seria inserido, foi inserido o quantificador** (v.: 5.24) a.). Isso significa que, quando o clítico é possível, o quantificador foi inserido no lugar, à esquerda da sentença, e não há movimento (v.: 5.24) b.).

Para que possa ocorrer esse movimento na sintaxe, certamente temos que supor uma categoria C com certo traço que o quantificador é capaz de checar. De não ser assim, o movimento violaria *Last Resort*.

Nas sentenças com quantificadores, a opcionalidade do clítico é, portanto, aparente; depende da natureza do quantificador e da leitura que esse elemento admita.

5.3. OS PRONOMES

5.3.0. INTRODUÇÃO

No capítulo anterior foi colocada a análise das sentenças com clítico, com pronome fraco, e com duplicações à esquerda e à direita, mas, ainda há problemas e questões colocadas nos primeiros capítulos que não encontraram resposta. Não vai ser possível dar satisfação a todos eles aqui, mas alguns deles vão ainda ser considerados. Assim, vamos examinar o uso da preposição *a*, no espanhol, com formas fortes dos pronomes pessoais; a duplicação de clíticos no contraste entre o PB e o EU; o *climbing* de clíticos.

5.3.1. O CLÍTICO E OS PRONOMES FORTES

Já foi dito em capítulos anteriores que, no espanhol, os pronomes pessoais não clíticos só aparecem sem preposição quando representam o nominativo. Aqueles pronomes que poderiam estar representando um objeto direto ou indireto, com preposição, só podem aparecer com um clítico correspondendo ao objeto direto ou indireto junto do verbo. Esses são os casos de duplicação obrigatória. A análise das sentenças com clíticos precisa dar conta deste fato, e do fato de que no PB essa restrição não exista.

Nas ocorrências de duplicações do corpus, apresentadas no capítulo IV, podem ser achados exemplos deste tipo de duplicação obrigatória com ou sem preposição.

5.30.)

a. ...**les** interesa solamente **a ellos** (C12 l.80)

b. ...entonces **nosotros** *(sic)* **nos** llamó la atención eso (...)(C9 l.87)

c. *mí me llamó la atención eso

d. *ti te llamó la atención eso

e. Sí, *tú* ya *te* lo di.

f. Yo *me* dijeron que podía venir.

g. *Él,* ahí enfrente *le* dieron ayer la plata. [27]

Os exemplos mostram que pronomes correferentes com clíticos dativos podem aparecer sem preposição quando ocorrem como tópicos (*nominativus pendens*). Mas, quando observado o contraste entre 5.30.) a. e b., de um lado, e o resto dos exemplos do outro, aparece que certa restrição relacionada à marcação morfológica de algumas formas pronominais está envolvida na causa da agramaticalidade das sentenças acima. Isso significa que a presença / ausência de preposição está relacionada com o fato dos clíticos possuirem marca morfológica de caso, uma marca que os Ns não possuem.

As formas pronominais marcadas no léxico com caso oblíquo não podem checar o traço acusativo ou dativo do verbo: essas formas precisam de uma preposição porque é com a preposição que checam o caso.

Essa é a razão para a presença da preposição em ocorrências do tipo:

5.31.) Me dijo a mí que vendría.

Com os pronomes que apresentam, para o caso oblíquo, uma forma coincidente com a forma empregada para os usos de nominativo, a exigência da preposição é a mesma:

5.32.)

a. Te dijo a vos que vendría.

---

[27] Os três últimos exemplos pertencem ao corpus de produções espontâneas do EU, recolhido para a realização do trabalho sobre construções com tópico, Caviglia, S., Groppi, M., Malcuori, M. (1993).

b. A nosotros nos dijo otra cosa.

c. Lo vimos a él en la playa.

É possível concluir, então, que essas formas não podem checar acusativo nem dativo:

5.33.) *Lo vimos él. / *Vimos él.

Esses pronomes precisam da preposição para checarem caso oblíquo, e, portanto, esses sintagmas não podem checar o caso do verbo em sentenças com verbo transitivo:

5.34.)

a. *Vimos a él.

b. *Dimos a ti un libro. / *Dimos un libro a ti.

Esses dados mostram a restrição no emprego desses sintagmas como objetos diretos ou indiretos. As derivações vão ser convergentes com a presença de um clítico capaz de checar o caso do verbo, acusativo ou dativo:

5.35.)

a. Lo vimos a él.

b. Te dimos a ti un libro. / Te dimos un libro a ti.

Acredito possível concluir então que a preposição que esses pronomes exigem não é *dummy*: essa preposição não é simplesmente mediadora ou um marcador de caso, e, esses pronomes não checam o caso do verbo mas o caso oblíquo da preposição.

5.3.2. OS PRONOMES NA ANÁLISE CONTRASTIVA

5.3.2.1. Depois de observados essas características dos pronomes do espanhol, vamos voltar para dados do PB.

5.36.)

a. Ela viu ele.

b. Ela viu você.

c. Ela viu nós dois.

Em 5.36.) temos duas sentenças gramaticais no PB, uma com o pronome fraco e a outra com o clítico, como objeto do verbo. O PB possui formas pronominais que podem checar o Caso do V. Em conseqüência, o pronome nas sentenças de 5.36.) não precisa de preposição. Neste ponto, o PB e o italiano partilham essa característica que aparece no exemplo já visto do italiano:

5.37.)

a. Non dirò mai *loro* tutto.

b. Ho visto lui.

O PB e o italiano, não só podem ter um pronome objeto, não clítico, capaz de checar acusativo ou dativo, mas, ainda em contraste com os dados do EU, essas línguas podem ter um sintagma constituído por preposição e pronome, que pode representar um objeto sem presença do clítico:

5.38.)

a. Non dirò mai tutto *a loro*.

b. eu mandei... *a ela*... umas flores com um cartão (...) (DID SP 208)

Segundo Calabrese (1991:555): *"Se in una frase c'é un pronome clitico dativo, allora in questa frase non può ocorrere un SP complemento indiretto"*:

5.39.)

a. *Gli ho dato un libro a Carlo ieri.

b. *Le mando una lettera a Maria spesso.

Usando o mesmo raciocínio antes empregado na análise das sentenças do EU, é possível dizer que a preposição *a* do exemplo 5.38.) a. do italiano, é um *dummy*: o sintagma com essa preposição checa o caso do V. Nos exemplos em 5.39), portanto, um dos elementos não consegue checar o seu caso, o clítico ou o sintagma com preposição. Se esta não fosse uma preposição *dummy* daria caso oblíquo para o SN, e esse sintagma e o clítico poderiam coocorrer na sentença. O exemplo com o clítico dativo e o sintagma com a preposição, presentes na mesma sentença, apresentam a mesma agramaticalidade que a sentença com o clítico acusativo e o nome próprio a seguir:

5.40.) *Lo vedo Giovanni spesso.

Vamos voltar para alguns dados do PB, levando em conta as observações antes feitas.

5.41.)

a. O João entregou a carta para mim

b. */?O João entregou a carta a mim

c. */?O João me entregou a mim a carta

d. *O João me entregou a carta a mim

e. ? O João entregou a mim a carta

f. O João me entregou a carta

g. A mim, o João entregou a carta

Estes exemplos foram apresentados a falantes nativos e o asterisco e o signo que aparecem indicam as opiniões dos falantes. É interessante observar que duas das sentenças originaram opiniões divididas: para algum falante a sentença merecia um asterisco, para um outro falante, merecia um signo. Neste último caso, o falante comentava que ele não produzia a sentença, mas que podia ser que fosse boa.[28]

O ponto de interesse para mim era o seguinte: por que essas duplicações, constituídas por pronome clítico e sintagma composto de preposição *a* e pronome, aparecem no corpus do EU mas não aparecem no corpus do PB? Seria um fato ligado à natureza dos corpora? Ou, poderíamos dizer que no PB não há duplicações porque não há clíticos? O corpus do PB não sustenta esta segunda hipótese, uma vez que, como foi visto no capítulo IV, os clíticos aparecem. Se a causa fosse essa, não haveria duplicações com clítico acusativo de terceira pessoa, mas haveria duplicações com clíticos de primeira pessoa, por exemplo. De fato, com verbos psicológicos, podem ser escutadas sentenças com duplicações do tipo: *A mim, me parece que...*

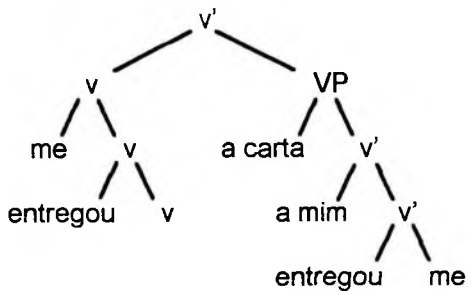
Se, como foi antes visto, a preposição *a* desses sintagmas que a aparecem à direita do verbo, no PB, é uma preposição *dummy*, o traço de caso do verbo atrai o traço de Caso do clítico e o traço do NP. Isto é, o adjunto "intervém" entre o clítico e a categoria funcional. Se o objeto estiver presente, seria um outro elemento a intervir.

---

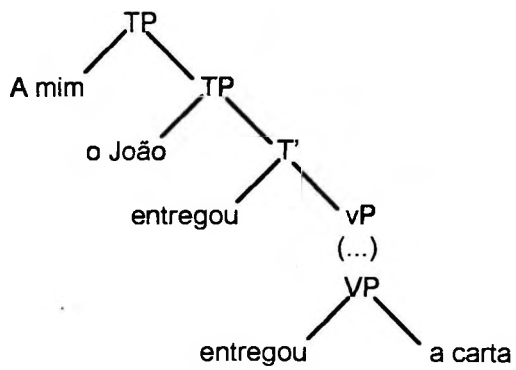
[28] Acredito que o fato da preposição *a* ter um uso quase exclusivo na língua escrita influi no momento dos falantes julgarem essas sentenças.

5.42.)

a. * O João me entregou a carta a mim



b. A mim, o João entregou a carta



Chomsky (1995:330) examina uma situação semelhante áquela de 5.42) a. quando considera o contraste:

5.43.)

a. John reads often to his children

b. *John reads often books

Chomsky observa que *books* não pode subir para checar o Caso porque há dois elementos mais próximos que intervêm: o sujeito e *often*. O problema, neste exemplo, é que para considerar que o advérbio intervém, o advérbio deveria possuir

traços que possam ser atraídos pela categoria funcional, o que, como o próprio autor admite, não é evidente. Estou propondo que o adjunto intervém, na sentença do PB, porque o adjunto é um NP que pode checar os traços de *v*.

É possível observar que, numa sentença como 5.41.) g., o adjunto é inserido fora do domínio de checagem em questão na sentença que foi antes examinada. Esse adjunto é inserido também fora do âmbito de atribuição de papéis theta. O SN, portanto, não recebe papel theta do verbo, nem checa Caso com o traço de Caso de V. Isso significa que a preposição empregada nesses sintagmas não é *dummy*. A derivação converge sem problemas.

5.3.2.2. Através da análise contrastiva, foi proposto que uma diferença no caráter da preposição explica a presença de duplicação à direita nos dados do EU e a falta desse tipo de duplicação nos dados do PB: as frases duplicadoras integradas por pronome e preposição *a*, que aparecem à direita do verbo, nas sentenças do EU, são PPs. As frases constituídas por preposição *a,* que aparecem à direita do verbo em sentenças do PB, são argumentos, SNs que possuem uma preposição *dummy*. O PB pode apresentar ocorrências de duplicação à esquerda uma vez que nessas sentenças, os adjuntos são PPs.

5.4. ADJUNTOS SEM CABEÇA

5.4.0. No capítulo IV, nos exemplos do corpus do EU, aparecem ocorrências de duplicações com frases duplicadoras sem preposição, seja à esquerda, seja à direita do verbo:

5.44.)

a. (...) cuando volví estuve una semana antes de que tuviera familia y una semana después que **la** tuvo **la nena**... (C15 I.73)

b. ...**sus ideas las** continuaron una serie de amigos y después alumnos de sus amigos (...)(C12 l.80)

c. (...) también **lo** van haciendo **el mismo contoneo**... ...(C15 l.73)

Estes "adjuntos sem cabeça" não são uma peculiaridade do EU, nem uma peculiaridade das construções com clíticos. O chamado "*nominativus pendens*" por exemplo, pode ser considerado um caso de adjunto sem cabeça. Nas construções sem clíticos, adjuntos de conteúdo temporal, por exemplo, aparecem com freqüência sem preposição: *esta semana*, *o mes que vem*, etc.

5.45.) (...) esses parentes por afinidade a gente se dá muito melhor ... (DID SP 111)

Os problemas que estes elementos podem colocar para a análise não vão ser tratados aqui. O aspecto destas construções que interessa mencionar aqui é o fato de que **esses adjuntos podem ocorrer em construções com clítico, uma vez que os SNs que aparecem nesses sintagmas não checam os traços com os traços do verbo**.

5.5. *CLITIC CLIMBING*

5.5.0. No capítulo IV (em 4.3.) vimos exemplos de sentenças do corpus do EU e do corpus do PB com com auxiliares temporais, aspectuais e modais, que mostravam uma diferença importante no comportamento dos clíticos num corpus e no outro: no PB não há *climbing*. Essa assimetria pode ser explicada pela análise dos clíticos que aqui vem sendo feita. Mas, não vai ser oferecida nem uma explicação da ênclise, nem uma análise do processo de reestructuração ou reanálise das duas projeções verbais. Qualquer um destes fenômenos exige um

estudo especial, no PB e no EU. Vamos nos limitar a mostrar a predição que a análise aqui feita dos clíticos coloca como restrição que impede o *climbing* no PB.

Em primeiro lugar, vamos lembrar em que termos era colocada, em certos trabalhos anteriores ao Minimalismo, a discussão sobre o movimento dos clíticos, especialmente no que diz respeito às construções com formas não finitas dos verbos. Assim, vamos referir a certos aspectos tratados em Sportische (1992), Kayne (1989) e (1991), Rizzi (1982), Terzi (1994).

5.5.1. Sportische (1992) discute o problema da subida de clíticos em relação com a proposta de Kayne (1989) de que os clíticos se movimentam como núcleos. O que está no centro da discussão de Sportische é se o movimento do clítico é do tipo núcleo a núcleo ou um movimento de elemento XP.

Sportische observa a concordância com construções de particípios como:

5.46.)

a. Jean a peint (*E) la porte.

b. Jean l'a peint(E).

c. La porte a eté peint (*E). (exemplos Sportische (1992))

Kayne sugere que existe só uma maneira de se obter a concordância: numa relação especificador / núcleo do objeto com o particípio, como no caso da concordância sujeito-verbo. Isso implicaria um especificador para o particípio:

5.47.) le_j a [t_j peinte... t_j]

Mas, se o clítico for um núcleo, como na proposta de Kayne, Sportische se pergunta como manter a idéia -também de Kayne- de que a concordância com o

particípio é resultado de uma relação especificador/núcleo. Para Sportische, o particípio ocuparia o núcleo do Agro, portanto, para concordar com o particípio o clítico devia de estar no especificador.

Como diz Sportische, o aspecto importante da proposta de Kayne poderia ser mantido numa análise que sustentasse que o clítico se move até o Spec/AgroP, dentro do VP, onde acarretaria a concordância, como um elemento XP, e, depois, seguisse um movimento de tipo núcleo a núcleo.

A outra solução seria, segundo o próprio Sportische aponta, revisar a teoria da concordância para relacionar concordância com movimento de núcleos. A evidência de Kayne para sustentar que o clítico é movido como núcleo, é o fato de que um núcleo pode intervir no movimento do clítico, violando minimalidade. Um exemplo apareceria no caso das construções de reestruturação, como as estruturas de climbing:

5.48.)

a. Gianni li vuole vedere.

b. lo quiero ver (exemplos Sportische (op.cit.))

A maneira mais comum de analisar o climbing, diz Sportische, é pensar que o movimento do clítico é idêntico àquele que o clítico faz em estruturas simples, só que estas perífrases implicam um processo de reestruturação prévio ao movimento do clítico (como na proposta de Rizzi (1982)).

Este processo é visto por Kayne como a subida do núcleo Flexão mais baixo para o núcleo Flexão mais alto. O clítico adjungido ao núcleo Flexão mais baixo sobe junto:

5.49.)

Flex... [cl+ Flex... t...] (Sportische (op.cit.))

Vamos lembrar, novamente, que Kayne quer provar o movimento de núcleo a núcleo do clítico, idéia que também o autor vai sustentar num trabalho posterior (Kayne (1991)). A argumentação de Kayne está baseada nos dados de Rizzi (1982) que mostra que um núcleo C bloqueia (isto é, intervém) o climbing do clítico nestas construções, enquanto que um elemento XP, um especificador de CP, não bloqueia:

5.50.)

a. ? Mario, non lo saprei a chi affidare t_j

b. *Su questo problema, non lo saprei se consigliare t_j

Admitindo *se* como complementizador, é possível concluir que um núcleo impede a subida do clítico.

Sportische observa que reestruturação tem sido um processo visto como incorporação de um núcleo (V ou flex) mais baixo a um outro núcleo mais alto, portanto, é lógico que exista o bloqueio de um núcleo que intervém (como *se*). Sportische conclui que não é *clitic climbing* o que é impedido, mas o próprio processo de reestruturação, portanto, segundo ele, não é necessário supor que o movimento do clítico seja, ele mesmo, um movimento de núcleo: um elemento A' (especificador de CP) não devia intervir num movimento A.

Para Sportische, nesse trabalho que temos aqui acompanhado, há evidências de que o movimento do clítico é um movimento de elemento XP. Não vamos continuar expondo as análises desse trabalho. As análises de Sportische e de Kayne revelam quais eram os problemas que os clíticos apresentavam para a teoria daquele momento, e mostram que a visão de Kayne, do movimento do clítico como movimento de núcleo, pode continuar sendo sustentada, assim como a idéia de Rizzi de que por trás do climbing existe uma reanálise.

5.5.2. No capítulo IV aparecem os exemplos dos corpora com combinações de verbos que ilustram o contraste entre as possibilidades de climbing dos clíticos do EU e a impossibilidade no PB. Vamos resumir esse contraste em:

5.51.)

a. eu quero te dizer

b. *eu te quero dizer

c. quiero decirte

d. te quiero decir

De acordo com a análise aqui apresentada, o movimento do clítico, que sai do argumento e vai para adjunção ao *v leve,* deixa um vestígio. Esse vestígio é uma anáfora e isso determina as possibilidades de movimento do clítico. Como nas sentenças simples, com uma forma verbal finita, o clítico se movimenta, primeiro a *v*, e depois a T, sempre com a flexão, não existe violação do Princípio A, uma vez que o clítico e o vestígio sempre estão no CFC (complexo funcional completo) dentro do qual deve estar ligado.

Vamos observar o que acontece quando na sentença, além de um verbo finito, existe uma forma de infinitivo, por exemplo. Os exemplos a. e b. acima, mostram que o clítico não pode subir até a categoria funcional correspondente ao verbo finito. Dentro da análise aqui proposta, isso significa que o CFC para o clítico em a. e b. está contido dentro dos núcleos funcionais correspondentes ao infinitivo. Isso significa que nesse domínio existe uma flexão capaz de representar um sujeito acessível. A agramaticalidade de b. pode ser entendida então, como uma violação do Princípio A pelo movimento do clítico: cada verbo implica uma projeção funcional que contém um sujeito acessível (representado pela flexão), portanto, cada verbo significa um CFC diferente para o vestígio do clítico.

Os exemplos em c. e d. mostram que só existe um CFC para a anáfora, o que permite o movimento do clítico dentro desse domínio. O sujeito acessível, neste caso, é a flexão contida no verbo auxiliar, exclusivamente. É crucial para a análise o fato de que o infinitivo não possui flexão no espanhol. O clítico pode subir até a categoria funcional onde o verbo auxiliar se encontra e a anáfora continua ligada dentro do CFC, sem violação do princípio de Ligação.

A idéia de perífrase verbal como duas formas verbais que constituem uma única predicação exige um sujeito único. Uma noção de *perífrase verbal* mais estrita corresponde aos exemplos c. e d. Em a. e b. os dois sujeitos acessíveis possuem o mesmo referente; em c. e d. só existe um sujeito acessível.

Não vou entrar aqui numa consideração das estruturas de reanálise (no sentido de Rizzi (1982)), porque isso implicaria um estudo detalhado das diferentes estruturas que podem aparecer segundo os verbos que apareçam como auxiliares e segundo o verbo principal apareça em infinitivo, particípio ou gerúndio. Mas, de uma maneira geral, é possível fazer a predição de que o climbing é possível quando as duas formas verbais apresentam uma derivação que significa que elas constituem um único CFC para o vestígio do clítico. No espanhol, por exemplo, com a perífrase temporal de *haber* + particípio, só há uma posição possível para o clítico: ele só pode aparecer à esquerda do auxiliar:

5.52.)

a. pero lo habían remodelado (C15 l.73)

b. ... el universitario no tiene más remedio que que aceptar el docente que se le ha colocado...(C30 l.15)

c. si... los aztecas hubieran tenido un L69 (...) lo hubieran usado... (C12 l.80)

d. esa mañana la ciudad la habían limpiado... (C9 l.87)

e. * hubieran usádolo

No caso de perífrases aspectuais, modais ou na temporal com verbo de movimento (ir a + infinitivo), duas posições são possíveis:

5.53.)

a. ... y además te la voy a contar porque es muy folclórica... (C15 l.73) /voy a contártela

b. y los van clasificando (C15 l.73) / van clasificándolos

c. ... que la van hamacando... (C15 l.73) / van hamacándola

d. ¿qué nos podés decir? (C9 l.87) / ¿qué podés decirnos?

Isso não está em contradição com a análise acima. Como pode ser observado, o clítico nunca ocupa o lugar que pode ocupar nas locuções verbais do PB. O fato de que, na perífrase com *haber* não há um outro lugar na derivação para a colocação do clítico poderia estar relacionado com a presença do particípio.

O fato a ser salientado é a assimetria entre a posição do clítico nas locuções verbais do PB e do EU. Neste, mesmo nas perífrases que podem apresentar a opcionalidade do climbing, o clítico nunca aparece na posição em que aparece nas locuções verbais do PB.

5.54.)

a. até hoje eu tenho me divertido bastante (DID SP 30)

b. só me dá satisfação essa minha filha... e espero que continue me dando... (DID SP 111)

c. e agora não não está me ocorrendo... (DID SP 16)

d. que outras expressões eu poderia me lembrar... próprias da gíria do futebol?

e. deve sempre se esperar (...) deve se esperar um pouco para secar ... aquilo... (DID SP 30)

f. vão me chamar de ignorante... (DID SP 161)

Entendo que a análise para o clítico deve ser sempre a mesma. A diferença entre a posição no PB, a posição no climbing e a posição sem o climbing que vemos nas perífrases do EU, deve ser explicada através das diferenças entre as próprias perífrases que, apresentando derivações diferentes, vão oferecer diferentes posições de categorias funcionais para o clítico se adjungir, obedecendo sempre o Princípio A de Ligação.

Um caso separado pode ser o representado pelo clítico acusativo do PB, uma vez que, como tem sido sugerido várias vezes, por diferentes estudos, esse clítico parece não pertencer ao paradigma dos pronomes do PB de hoje.

Galves (op.cit.) observa: *"Comme cela a déjà été mentionné, le comportement du clitique accusatif de troisième personne s'écarte de cette règle générale, puisqu'en présence d'un verbe à l'infinitif, il apparait le plus souvent enclitique à celui-ci:*

5.55.) pra que que eu vou levá-la num ambiente fechado?

Inclusive, com este clítico, nas construções com particípio ou gerúndio, segundo o trabalho de Galves citado, a maioria dos falantes prefere o climbing:

5.56.) Não o estava vendo (Galves. op.cit.)

5.5.3. Acredito que é só na medida em que a derivação de uma sentença com uma locução verbal possa corresponder à interpretação de dois verbos como duas predicações, é que podem aparecer casos do chamado "clítico pleonástico" (Silva Corvalán (1989) ou *clitic reduplication* (Nunes (1995)). O corpus do EU apresenta um exemplo do fenômeno:

5.57.) ... pero en Sevilla *le* van cantándo*le*...

J. Nunes (op.cit.), diz que se a segunda instância do clítico fosse uma cópia[29], então haveria uma instância única do clítico na numeração dessa derivação, e as duas instâncias de cópias não-distintas constituiriam uma violação das condições de irreflexividade e assimetria da ordem linear.

Na análise provisória que estamos propondo, teríamos duas ocorrências diferentes de clítico na numeração, e uma derivação com dois verbos, de maneira que cada um deles pode ter o seu objeto, aproximadamente da mesma maneira que cada clítico (correferente) tem o seu papel theta em casos como :

5.58.) *te* vi peinándo*te*

A análise implica que, quando o clítico aparece em ênclise ao segundo verbo, na verdade podemos ter duas predicações, uma vez que é possível ter dois sujeitos, inclusive com referentes diferentes, e que o clítico não pode sofrer *climbing* porque isso signficaria, dentro dessa derivação, uma violação do Princípio A.[30]

---

29 O autor sustenta a teoria da cópia, isto é, os movimentos deixariam cópias e não "vestígios" (v. op. cit.).

30 As observações de Nunes (1995) a respeito do contraste a seguir -e o próprio contraste- apóiam, acredito, a análise aqui sustentada:
a. *Lo odio hacer
b. Lo odio hacerlo. (Estes dois exemplos são de H. Campos (apud Nunes, 1995)).
O verbo *odiar* não é verbo que possa se comportar como verbo auxiliar, portanto, a formação da perífrase não é possível. Segundo prevê a análise antes proposta, o climbing não poderia acontecer se não exisitir uma perífrase, isto é, o argumento que recebe papel theta do segundo verbo não pode cliticizar numa mesma categoria funcional com o primeiro verbo. embora seja este um verbo transitivo. O lugar do argumento interno do verbo *odiar* já está preenchido com a projeção do segundo verbo. Esse é o motivo da agramaticalidade do exemplo em a.
Como pode, então, a sentença com *climbing* e mais um clítico, ser gramatical quando a sentença só com *climbing* é rejeitada? Acredito que a razão da gramaticalidade em b. é que aquilo que parece *climbing* é uma ocorrência comúm de clítico. Portanto, nessa sentença o infinitivo não preenche o lugar argumental de objeto do verbo *odiar*. Esse lugar argumental está preenchido pelo clítico (o vestígio ou a cópia) que é um clítico neutro, que tem como referente uma predicação: aquela do verbo *hacer*, que, por sua vez, tem um clítico como objeto. Esse constituinte é um antitópico e não um argumento de *odiar*. O clítico objeto de *hacer* tem, portanto, um referente diferente daquele do outro clítico. Temos que concluir, então, que na numeração temos duas instâncias de clítico diferentes, e que a sentença não viola nenhuma condição de boa formação. Isto é, a sentença não seria usada, provavelmente, num estilo cuidado, mas, sobre isso, a sintaxe não tem nada a dizer.

5.6. PREENCHIMENTO DO SUJEITO

5.6.0. O tema exige uma estudo específico, porém para fechar este trabalho podem ser ditas ainda algumas palavras sobre o preenchimento do sujeito nas duas línguas. Porém, não vamos repetir aqui as considerações que outros trabalhos têm feito sobre o preenchimento do sujeito no PB e que foram citadas nos primeiros capítulos deste trabalho.

Dentro de diversas colocações teóricas (Alarcos, Hurtado, Rigau, por exemplo) tem sido apontado o caráter especial dos sintagmas considerados como preenchedores da posição do sujeito no espanhol. Assim, por exemplo, Rigau, como Alarcos, afirmam que os pronomes ocorrem como sujeito somente quando têm um papel focalizador do referente. Os SNs apareceriam nessa função, somente por necessidade de apontar para o conteúdo descritivo do referente. Mas, em todos os casos, a flexão é referida como elemento suficiente para apontar o sujeito da predicação.

Hurtado vai mas longe na sua proposta: coloca que esses sintagmas considerados como sujeitos podem não ser os "*sujetos canónicos*", como ele diz, mas um elemento co-indexado -através de uma regra de predicação, RP- com o elemento de concordância do verbo, numa relação de predicação semelhante àquela que sintagmas à esquerda da sentença, ou dentro da predicação, podem representar quando co-indexados com um elemento pronominal dentro da sentença.

O autor utiliza dois elementos como evidências para sustentar sua análise: a falta de inversão aparente em certas subordinadas interrogativas -especialmente no espanhol americano-, e aquilo que ele chama de "discordância", e que consiste na falta de concordância de pessoa entre o sintagma em questão e a flexão do verbo. Vamos considerar os exemplos:

5.59.)

a. ¿Qué pensaba Juan que le había dicho Pedro que había publicado la revista?

b. *¿Qué pensaba Juan que Pedro le había dicho que la revista había publicado?

5.60.)

a. La mujeres$_i$ e_i denunciamos$_i$ las injusticias

b. Las mujeres$_i$ dice Pedro que e_i ganamos$_i$

5.6.1. Como eu disse antes, não é possível fazer aqui uma proposta de análise sobre a expressão do sujeito. Mas, uma vez que foi sugerido acima, a possibilidade de considerar que o sujeito das sentenças do espanhol é a flexão, e que, portanto, a flexão nesta língua é um flexivo pronominal, não é possível fechar o trabalho sem sugerir uma análise possível, isto é, uma derivação convergente, para uma sentença contendo esse elemento.

Definir o flexivo como "flexivo pronominal" significa dizer que é um elemento de natureza D. Como flexivo, esse pronominal é tirado do Léxico junto do verbo. Esta característica vai colocar problemas para a análise[31]. O problema fundamental tem a ver com certa restrição colocada em Chomsky (1995,4.6.:312) em relação à Teoria θ:

> "in the chain CH = (α_1, ..., α_n), α_n receives a θ-role and α_1 enters into a checking relation. Furthermore, only α_n can assing a θ-role, so that only the base position is "θ -related", able to assign or receive a θ-role."

O problema então para a análise do flexivo como sujeito está no fato do domínio de atribuição/recepção de papel θ ter sido definido através do núcleo sem ser movido. Segundo a definição acima, um elemento movido não pode atribuir

---

[31] Agradeço a Jairo Nunes pelo fato de ter chamado minha atenção para o problema que a proposta poderia achar.

papel θ. Porém, há certos detalhes que é necessário observar e que podem mostrar que a análise proposta é sustentável.

Em primeiro lugar, o verbo não se move **para** atribuir papel temático, nem sai do domínio de atribuição de papel temático antes de que esse papel temático externo seja atribuído. O verbo, como foi acima dito, é movido atraído por uma marca lexical do verbo leve. Um elemento movido não pode atribuir papel temático porque, geralmente, quando atinge o alvo do movimento, esse elemento já pode atuar como atribuidor de Caso. Isso porque o movimento sendo dirigido por *Last Resort*, isso signfica movimento para checagem de caso. Porém, como foi dito, esse não é o caso do movimento do V até *v*.

Em segundo lugar, o flexivo não é movido para receber papel temático nem por *Last Resort*, para checar caso: ele é movido *pied-piping* porque o verbo é movido, e devido à natureza morfológica do elemento, ele vai junto com o núcleo.

O flexivo é inserido junto com o verbo, na derivação, dentro do VP. O verbo vai subir até *v*. Só então o flexivo pronominal pode receber papel θ, uma vez que é o vP que atribui o papel θ externo. E esta é uma terceira razão para admitir a análise proposta: o elemento que realmente atribui papel theta externo não é movido. O flexivo vai checar o traço D de T, e checar Caso Nominativo, através do movimento do complexo verbal até $T^{o^{max}}$. Os elementos argumentais, protanto, no expanhol, checam os traços em condições ótimas, em adjunção aos núcleos de categorias funcionais. Esses elementos podem ter o mesmo referente de um adjunto, quando este aparece.

5.6.2. Vamos resumir a idéia de Hurtado através de exemplos que colocam em contraste o PB e o EU.

5.61.)

a. [A Pedra da Gávea$_i$ [*ela*$_i$ é formada por dois tipo de rochas... (Globo Ecologia, 27/07/96)

b. [A Juan $_i$ [lo $_i$ vi ayer en la playa

5.62.)

a. [Os palpites dos lados $_i$ [eu não escuto $\varnothing_i$

b. [El niño del vecino $_i$ [$\varnothing_i$ vio a Juan

Cada par de sentenças ilustra uma relação de predicação do tipo apontado por Hurtado, com uma co-indexação entre um elemento adjunto à sentença e um elemento interior à sentença: no primeiro par, esse elemento interno é um elemento pronominal do tipo pronome fraco ou clítico; no segundo par de sentenças, a co-indexação é entre o elemento à esquerda da sentença e uma categoria vazia, de tipo pronominal, dentro da sentença.

Cada um desses elementos dentro da sentença pode ter por antecedente o elemento de caráter tópico. Com relação aos elementos vazios, devemos dizer que há restrições para essa possibilidade e que essas restrições foram apontadas neste texto: as sentenças do EU, não podem ter objetos nulos com antecedentes referenciais. A observação pode adquirir uma generalização maior se considerarmos melhor a sentença com o chamado "sujeito nulo". De acordo com aquilo acima dito sobre a flexão e a proposta de Hurtado, podemos arriscar a hipótese seguinte: a flexão, no espanhol, equivale a um verdadeiro pronome fraco. Se a hipótese for válida, obteriamos, como foi dito antes, uma generalização maior em relação ao contraste representado pelas quatro sentenças acima: os pronomes lexicais no espanhol, sejam eles fortes ou fracos, podem aparecer co-indexados com elementos referenciais, enquanto que categorias vazias só podem estar ligadas com elementos não referenciais.

Esta generalização não tem validade para o PB. No PB, não só o objeto nulo pode ser referencial, como o "sujeito nulo" pode ser referencial ou arbitrário:

5.63.)

LOC: é interessante a colheita do arroz... isso já tinha visto uma vez... mas essa foi ... diferente... **pega** esses tambores grandes de óleo.. **deita** no chão assim de comprido... **corta** o feixe de arroz não é?... com uma foice pequenininha de mão... eles cortam aquilo... depois batem...

DOC: ah já batem ali (...) ?

LOC: é... **bate**... eles têm um pano grande que se põe no chão... uma lona né... **põe** aquele tambor deitado, então **bate** no tambor (...) (DID SP 30)

No espanhol, o verbo na terceira pessoa do singular supõe um referente específico para esse sujeito. Todas as formas verbais como aqueles em negrito, no exemplo acima do PB, teriam um sujeito específico no espanhol. Este contraste é, segundo eu interpreto os dados das duas línguas, um fato crucial no contraste.

O caráter pronominal do flexivo espanhol obriga a uma interpretação referencial da terceira pessoa do singular. O morfema do PB exige um antecedente: em ausência do referente, a interpretação é arbitrária.

O problema do preenchimento do sujeito no PB foi várias vezes aludido neste trabalho. Foram mencionados trabalhos que estudam o problema do sincretismo das formas flexivas do verbo, a perda do pronome de segunda pessoa do singular; uma preferência pelo preenchimento da posição de sujeito, embora ainda seja alta a percentagem de sujeito não preenchido. Essas características por momentos, aparecem em contradição. Porém, a característica que está sendo salientada aqui, de uma flexão de terceira pessoa do singular arbitrária ou não referencial, aparece como uma característica muito singular para uma língua que pode ter sentenças de sujeito nulo. Fica a sugestão de começar considerando esse fenômeno num estudo comparativo sobre preenchimento de sujeito nas duas línguas.

CONCLUSÕES

Certas características que pareciam atribuir gramáticas muito diferentes ao PB e ao EU me levaram ao interesse de estudar certos fenômenos em dois corpora paralelos.

O estudo ia ter como centro os pronomes, especialmente os pronomes clíticos, que pareciam opor de manera drástica as duas línguas.

Que o PB não usa na fala o clítico acusativo é um fato que não é possível negar. Mas, ainda permanecem outros clíticos. Também é um fato o fenômeno do sincretismo que envolveu a terceira pessoa na flexão do verbo, porém, as sentenças sem sujeito lexical ainda ocorrem.

O contraste dos dados das duas línguas permitiu comprender melhor fenômenos relacionados com essas características do PB antes mencionadas:

- o pronome fraco não é usado simplesmente como substituto do clítico perdido (V. capítulo IV), uma vez que, a diferença entre pronome fraco e clítico permite ao pronome fraco, funções discursivas que o clítico não pode preencher. O pronome fraco vai ocupar, no especiaficador de vP, o lugar adequado para ser um elemento portador de foco não marcado.

- o PB não usa certo tipo de duplicação de clíticos que o EU emprega, não porque não possua clíticos, mas porque a grande diferença entre as duas línguas está no caráter da preposição: a preposição *a* das frases duplicadoras com pronomes, no EU, é uma preposição que dá caso oblíquo para o pronome; no PB, a preposição *a* que aparece com pronomes é um *dummy*, portanto, o pronome é um argumento do

verbo e só pode estar em distribuição complementar com o clítico. Isso não significa que não possa aparecer algum tipo de duplicação, mas está fortemente restringida: só pode aparecer quando o adjunto for inserido fora da sentença.

- possuir ou não pronomes fracos; possuir maior ou menor número de clíticos; possuir pronomes fortes com determinadas marcas casuais; possuir preposições com certas características: essas são diferenças no Léxico de uma língua e da outra. A gramática que vai computar esses elementos é uma só. Como foi visto, os mesmo princípios dirigem a derivação de uma sentença com clítico do EU ou uma sentença com pronome fraco objeto do PB, sem que seja necessário propor nenhum mecanismo peculiar.

BIBLIOGRAFIA

Alarcos Llorach, E. (1994) *Gramática de la Lengua Española*. Espasa Calpe. Madrid.

Aoun, J. Clitic-Doubled Arguments. A sair em K. Johnson and I. Roberts (eds.).

Barrenenchea. A. M. e T. Orecchia (1970) La duplicación de objetos directos e indirectos en el español hablado en Buenos Aires. *Romance Philology XXIV Nº1.*

Baker, M. (1996) *The Polysinthesis Parameter.* Oxford University Press. New York.

Borer, H. (1984) *Parametric Syntax*. Foris. Dordrecht.

Borer, H. e Grodzinsky, Y. (1986) Hebrew Dative Clitics Em Borer (ed) *Syntax and Semantics 19*:175-219.

Callou, D. et al. (1993) Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosodia. Em A. T. de Castilho (org.) *Gramática do Português Falado III. Ed. da Unicamp. Campinas.*

Cano, R. (1987) *Estructuras sintácticas transitivas en el español actual.* Gredos. Madrid.

Caviglia, S. , Groppi, M. Malcuori, M. (1993) Estructuras tópico-comentario en español. Em *Atas do IX Congresso da ALFAL.* UNICAMP. Campinas.

Chomsky, N. (1977) On WH-Movement. Em P. Culicover, T. Wasow, A. Akmajian (eds.) *Formal Syntax*. Academic Press. New York.

(1995) *The Minimalist Program.* The MIT Press. Cambridge.

Cinque, G. (1990) *Types of A'-Dependencies.* The MIT Press. Cambridge.

Cordin, P. e A. Calabrese (1991) I pronomi personali. Em L. Renzi (org.) *Grande Grammatica italiana di consultazione.* Il Mulino. Bologna.

Diesing, M. (1992) *Indefinites.* The MIT Press. Cambridge.

Dillinger, M. .

Duarte, M.E. (1995) A perda do principio "Evite Pronome" no português brasileiro. Tese de doutorado. UNICAMP.

Elizaincín, A. e B. Laca (1985) La duplicidad de objetos como problema del discurso. *Anuario de Lingüística Hispánica V 1:* 37-47.

Enç, M. (1991) The Semantics of Specificity. *Linguistic Inquiry V 22 Nº1*:1-25.

Femández Soriano, O. (1988) Tematización, dislocación y focalización en castellano. En C. Martin Vide (ed.) *Lenguajes naturales y lenguajes formales IV.2. Actas del IV Congreso de Lenguajes Naturales y Lenguajes Formales.* Universitat de Barcelona.

Figueiredo Silva, M.C. A perda do marcador Dativo no PB e algumas das suas conseqüências. Ms.

Galves, Ch. (1997) La syntaxe pronominale du portugais brésilien et la typologie des pronoms. A sair em: Anne Zribi-Hertz (org.) *Les pronoms.* Presses Universitaires de Vincennes.

Galves, Ch. et al. (1996) Padrões de complementação no português falado. Em M. Kato (org.) *Gramática do Português Falado V.* Unicamp. Campinas.

Galves, Ch. e M.B. Abaurrre (1996) Os clíticos no português brasileiro: elementos par uma abordagem sintático -fonológica. Em A. T. de Castilho e M. Basilio (orgs.) *Gramática do Português Falado IV. Ed. da Unicamp. Campinas.*

Hurtado, A. (1985) The Unagreement Hypothesis. Em L. King and C. Maley (eds.) *Selected Papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages.* Benjamins. Amsterdam.

Iatridou, S. (1990) About Agro(P). *Linguistic Inquiry, V. 21 N4:* 551-577.

Ilari, R. (1992) *Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*. Ed. da Unicamp. Campinas.

Ilari, R., Franchi, C. e M. H.M. Neves (1996) Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. Em Em A. T. de Castilho e M. Basilio (orgs.) *Gramática do Português Falado IV. Ed. da Unicamp. Campinas.*

Jaeggli, O. (1982) *Topics in Romance Syntax*. Foris. Dordrecht.

(1986) Three Issues in the Theroy of Clitics: Case, Doubled NPs, and Extraction. Em *Syntax and Semantics 19:*15-42.

Jaeggli, O. , K. Safir (1989) *The Null Subject Parameter*. Kluwer. Dordrecht.

Kayne, R. (1975) *French Syntax: The Transformational Cycle*. The MIT Press. Cambridge.

(1984) *Connectedness and Binary Branching*. Foris. Dordrecht.

{1993} The Antisymmetry of Syntax. Ms. CUNY.

Kato, M. (1994) A Theory of Null Objects and the Development of a Brazilian Child Grammar. Em R. Tracy and E. Lattey (eds.) *How Tolerant Is Universal Grammar?* M. Niemeyer Verlag. Tübingen.

Kato, M., M. do Nascimento, et al. (1996) Padrões de predicação no português falado no Brasil. Em M. Kato (org.) *Gramática do Português Falado V. Ed. da Unicamp. Campinas.*

Lambrecht, K. (1981) *Topic, Antitopic and Verb Agreement in Non-Standard French*. John Benjamins. Amsterdam.

Lois, X. (1982) Sur L'Accusatif Prepositionnel. Mémoire de Maîtrise. Département de Linguistique Générale. Université de Paris VIII.

(1989) Aspects de la syntaxe de l'espagnol et théorie de la grammaire. Département de Linguistique Générale. Thèse de doctorat. Université de Paris VIII.

Longobardi, G. (1994) Reference and Proper Names: A Theory of N-Movement in Syntax and Logical Form. *Linguistic Inquiry V 25 Nº4*:79-123.

Negrão, E. Vailati (1996) Asymmetries in the distriburion of overt pronouns and empty categories in Brazilian Portuguese. Ms. Departamento de Lingüistica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Negrão, E. Vailati e A. Müller (1996) As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas? *DELTA v 12 Nº1*.

Ramos, J. (1989) O emprego das preposições no português do Brasil. Em F. Tarallo (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Pontes. Campinas.

Rizzi, L. (1982) *Issues in Italian Syntax*. Foris. Dordrecht.

{1995} The Fine Structure of the Left Periphery. Ms. Université de Genève.

Scher, A. P. (1996) As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.

Silva-Corvalán, C. (1989) *Sociolingüística*. Alhambra. Madrid.

Sportische, D. {1992} Clitic Constructions. Ms. UCLA.

Suñer, M. (1988) The role of Agreement in Clitic-Doubled Constructions. *Natural Language and Linguistic Theory 6.*

(1991) Two Properties of Clitics in Clitic-Doubled Constructions. Em J. Huang and R. May (eds) *Logical Structure and Linguistic Structures. Cross-Linguistic Perspectives.* Kluwe. Dordrecht.

Uriagereka, J. (1995) Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance. *Linguistic Inquiry V 26 Nº 1*: 79-123.